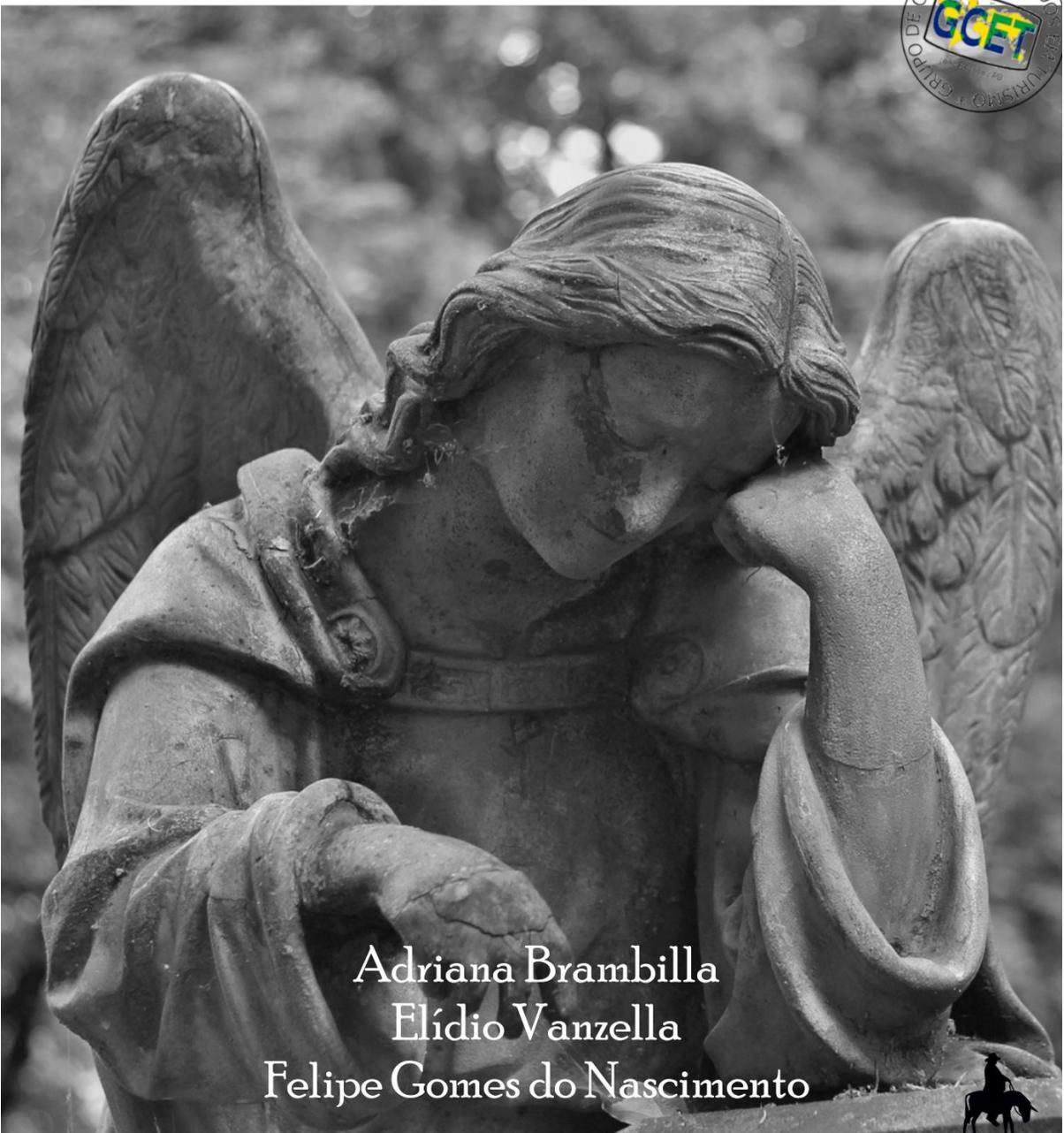


T & H

TURISMO & HOTELARIA

no contexto do
DARK TOURISM



Adriana Brambilla
Elídio Vanzella
Felipe Gomes do Nascimento



OPEN ACCESS CCTA


UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

REITOR

VALDINEY VELOSO GOUVEIA

VICE-REITORA

LIANA FILGUEIRA ALBUQUERQUE



Diretor do CCTA

ULISSES CARVALHO SILVA

Vice-Diretora

FABIANA SIQUEIRA



Conselho Editorial

CARLOS JOSÉ CARTAXO

JOSÉ FRANCISCO DE MELO NETO

MAGNO ALEX SEABRA

MARCÍLIO FAGNER ONOFRE

ULISSES CARVALHO DA SILVA

Editor

ULISSES CARVALHO SILVA

Secretário do Conselho Editorial

PAULO VIEIRA



T & H

TURISMO & HOTELARIA NO CONTEXTO DO DARK TOURISM

**Adriana Brambilla
Elídio Vanzella
Felipe Gomes do Nascimento**
Organização

Editora do CCTA
João Pessoa
2021

© Copyright by GCET, 2021

Produção Gráfica e Capa
ELÍDIO VANZELLA

Colaboração
PRISCILA FERNANDES CARVALHO DE MELO
FELIPE GOMES DO NASCIMENTO

Revisor técnico
FELIPE GOMES DO NASCIMENTO





Ficha catalográfica

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

T938 T&H: Turismo & hotelaria no contexto do *Dark Tourism* [recurso eletrônico] / Organizadores: Adriana Brambilla, Elídio Vanzella, Felipe Gomes do Nascimento. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2021. - (Série Turismo & Hotelaria).

Recurso digital (3,15MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-162-6 (Brasil)

ISBN: 978-1-953706-02-7 (USA)

1. Turismo - Morte. 2. Dark Tourism. 3. Turismo Cemiterial.
I. Bambrilla, Adriana. II. Vanzella, Elídio. III. Nascimento, Felipe Gomes do.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 338.48:2-186

Direitos desta edição reservados à: GELINS/UFS

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.



Comissão Científica e Organizadora da Série Turismo & Hotelaria

Adriana Brambilla

(UFPB/CCTA/DTH/GCET)

Elídio Vanzella

(UFPB-GCET/ UNIFUTURO)

Felipe Gomes do Nascimento

(GCET)



SUMÁRIO

O POTENCIAL DO CENTRO DE TURISMO DO CEARÁ (EMCETUR) PARA O DARK TOURISM: ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA.....	13
COELHO-COSTA, Ewerton Reubens NASCIMENTO, Francisco Elionardo de Melo	
A (IN)VISIBILIDADE DO <i>DARK TOURISM</i> NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: o caso do “Monumento ao Surf” de Barra Velha-SC	61
CUNHA LIMA, Felipe Borborema PEREIRA, Tércio	
<i>DARK TOURISM</i> : um estudo sobre as publicações científicas no Brasil	87
NASCIMENTO, Felipe Gomes EVANGELISTA, Gabriela Patrício Diniz BRAMBILLA, Adriana VANZELLA, Elídio	
SENDO HÓSPEDE NO MORRO: a criação de meios de hospedagem em favelas cariocas e suas implicações nas relações urbanas da cidade do Rio de Janeiro	113
FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego MEES, Luiz Alexandre Lellis	
MOTIVAÇÕES PARA O TURISMO SOMBRIO: CLASSIFICAÇÃO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE DACHAU.....	139
SANTOS, Mike dos LACERDA, Paulo Henrique Ferreira FERREIRA, Josafá da Franca SILVA, Filipe Jordan do Nascimento	
O LADO SOMBRIO DE UMA CIDADE: o Turismo Dark na cidade de João Pessoa/Paraíba/Brasil.	171
FREITAS, Ranieryson Viana ENDRES, Ana Valéria KIYOTANI, Ilana	
<i>DARK TOURISM</i> E TURISMO CEMITERIAL EM SANTA MARIA/RS: POSSIBILIDADES	205
SOUZA, Shirley DOCKHORN, GilvanVeiga	



PREFÁCIO

A vida e a morte constituem os limites extremos da existência humana na terra. Parece paradoxal, sermos finitos e não aceitarmos nossa própria condição humana. Os sentimentos de inconformidade que se têm sobre a morte, talvez estejam atrelados a outras questões humanas, porém, em estudos realizados, mostram que não é o medo propriamente da morte que se tem, mas dos sofrimentos físicos e emocionais decorrentes dela. A morte não é encarada da mesma forma por todas as pessoas, a forma como a humanidade lida com a morte depende do contexto social e cultural que ela se encontra.

Atualmente, devido aos avanços tecnológicos, nos conectamos rapidamente com os acontecimentos do mundo. Os acontecimentos podem ser transmitidos na hora do seu ocorrido e assim, a humanidade é bombardeada por informações o tempo todo. Muitas dessas informações estão associadas à morte, desastres naturais ou causados pelo homem, que com o tempo, se tornam algo natural do nosso dia a dia.

O *Dark Tourism* é um tipo de turismo que envolve visitas a locais reais ou recriados que estão associados à morte, sofrimento, tristeza e macabros. O tema tem sido alvo de muitas discussões, envolvendo sua nomenclatura, existência e motivação para praticá-lo. Há muitos exemplos práticos sobre o segmento *Dark Tourism*, mas, poucas discussões acadêmicas a respeito da temática, sendo justificado, por ser um tema ainda recente na literatura.



Este livro traz grandes contribuições para a literatura a respeito da temática *Dark Tourism*, mostrando como esse tipo de turismo vem sendo discutido na literatura, além de discorrer sobre a sua contribuição para o mercado turístico e para a valorização de equipamentos nas cidades. A publicação também traz a discursão sobre as práticas culturais e sociais que promovem essa atividade e como esse segmento vem se diferenciando do turismo tradicional e convencional.

A obra nos faz refletir sobre as inúmeras contribuições e possibilidades que o *Dark Tourism* pode trazer para as localidades, desde a valorização histórica, cultural até o desenvolvimento de destinos.

Aos organizadores do livro, registro os parabéns pela excelente escolha do tema e dos autores que discorreram com propriedade sobre cada um deles, trazendo ao leitor informações relevantes e de fácil compreensão, demonstrando o cuidado que os organizadores tiveram, ao trazerem conteúdos que pudessem ser compreendidos pelos seus leitores.

Finalmente, recomendo este livro a todos que buscam conhecer ou se aprofundar sobre o *Dark Tourism*.

Alessandra Sousa Queiroz Melo

Graduada em Turismo/UEPB

Mestranda em Turismo/UFPE



APRESENTAÇÃO

O Dark Tourism é um tema que ainda desperta a curiosidade e traz muitas dúvidas e até mesmo rejeições, por isso, merece uma análise mais profunda em todos os seus aspectos de forma a esclarecer esse segmento turístico.

Neste contexto, surgiu a proposta do livro *Turismo & Hotelaria no contexto do Dark Tourism*, como forma de debater as possibilidades desse segmento sob diversos pontos de vista de pesquisadores que desenvolveram pesquisas nessa área.

Assim, o livro começa com o capítulo **O POTENCIAL DO CENTRO DE TURISMO DO CEARÁ (EMCETUR) PARA O DARK TOURISM: ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA**, cujos autores Coelho-Costa e Nascimento apresentam um estudo sobre o Centro de Turismo do Ceará (EMCETUR), antiga Cadeia Pública de Fortaleza e atual centro de artesanato local, como um lugar que reflete componentes de dor e atrocidades no passado, mas com grande potencial para uso em atividades ligadas ao Dark Tourism. Segundo os autores, o Dark Tourism é uma possibilidade educativa para refletir e tratar temas densos e sombrios, além de possibilitar o desenvolvimento de destinos e a construção de roteiros voltados para este nicho do mercado turístico, propondo a criação de um roteiro voltado ao segmento como forma de valorizar equipamentos da cidade com potencial para uso nesta atividade em especial.

De forma inovadora, Cunha Lima e Pereira associam a tecnologia ao segmento turístico com o capítulo **A (IN)VISIBILIDADE DO *DARK TOURISM* NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: o caso do “Monumento ao Surf” de Barra Velha-SC**. Os pesquisadores propõem uma reflexão sobre a utilização de monumentos e espaços de natureza turística, sob a perspectiva de lugar de memória de Nora (1981) e como tal fator pode repercutir no segmento do Dark Tourism. Os autores realizaram uma busca nas plataformas digitais para selecionar imagens do Monumento ao Surf em Barra Velha (SC), com o objetivo de descrever os usos e comportamentos de turistas e visitantes. Os resultados apontaram que o Monumento ao Surf foi concebido como memorial, porém sua invisibilidade é causada visão voltada às características do local onde se encontra.

O terceiro capítulo ***DARK TOURISM: um estudo sobre as publicações científicas no Brasil*** analisa os trabalhos científicos brasileiros voltados ao Dark Tourism, pois segundo Nascimento, Evangelista, Brambilla e Vanzella, existem muitos exemplos práticos desse segmento turístico, mas a discussão acadêmica ainda é recente. Com esse estudo, os autores pretendem conhecer como essa temática vem sendo trabalhada no Brasil e como ela tem contribuindo para o mercado turístico. A pesquisa demonstrou que estudos voltados a área do *Dark Tourism* teve seu início em 2004 e que vem crescendo ao longo dos anos, de forma incipiente e fragmentada em revistas de diversas áreas do conhecimento como história, sociologia e turismo.

Com o capítulo **SENDO HÓSPEDE NO MORRO: a criação de meios de hospedagem em favelas cariocas e suas implicações nas relações urbanas da cidade do Rio de Janeiro**, Fagerlande e Mees propõe realizar uma análise a partir das práticas de turismo observadas em favelas, cujo turismo pode ser considerado *Dark Tourism*, localizadas na zona Sul carioca, entre elas o surgimento de uma rede de *hostels*, que se desenvolveu entre os anos 2010 e 2019. Segundo os autores, o estudo possibilita compreender a relação existente entre turismo, favelas e a cidade formal, dentro do quadro atual em que o fim das políticas de segurança e o desestímulo às políticas públicas vêm se refletindo em mudanças.

MOTIVAÇÕES PARA O TURISMO SOMBRIO: CLASSIFICAÇÃO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE DACHAU, de autoria de Santos, Lacerda, Ferreira e Silva, estuda o memorial na Alemanha que recebe cerca de 800.000 turistas por ano e tem como objetivo principal compreender as motivações dos visitantes da localidade estudo. Através desse estudo, os autores consideram que a educação foi o principal fator de visita e recomendam que novas pesquisas sejam realizadas no que se refere ao comportamento dos turistas.

O capítulo **O LADO SOMBRIO DE UMA CIDADE: o Turismo Dark na cidade de João Pessoa/Paraíba/Brasil**, busca contextualizar as definições sobre esse segmento turístico e discutir sua aplicabilidade na cidade de João Pessoa-PB. Freitas, Endres e Kiyotani consideram que o Dark Tourism pode diversificar a oferta turística de



João Pessoa e para isso recomendam que se deve estimular aos atores do turismo paraibano a (re)apresentar a cidade, de forma a contribuir para o desenvolvimento turístico e para o resgate da história desses 22 atrativos elencados.

Por fim, o capítulo ***DARK TOURISM E TURISMO CEMITERIAL EM SANTA MARIA/RS: POSSIBILIDADES*** apresenta o Dark Tourism como uma forma de turismo não convencional que permite novas experiências incluindo as potencialidades, recursos, estrutura e valências de Santa Maria/RS. Na cidade, explicam Souza e Dockhorn, este tema é pouco explorado, a própria falta de informações dos órgãos responsáveis demonstra a marginalidade dos cemitérios. Para os autores, o *Dark Tourism* e o Turismo Cemiterial se constituem como segmentos diferenciados, agregando práticas sociais e culturais que promovem atividades e atrativos diferentes do turismo convencional e tradicional.

O POTENCIAL DO CENTRO DE TURISMO DO CEARÁ (EMCETUR) PARA O DARK TOURISM: ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

COELHO-COSTA, Ewerton Reubens
NASCIMENTO, Francisco Elionardo de Melo

Agra, Índia. O Taj Mahal é um renomado monumento indiano que, apesar de ser conhecido como ‘a maior prova de amor do mundo’, é um mausoléu construído entre 1632 e 1653, em mármore branco, encrustado de pedras semipreciosas, com cúpula costurada com fios de ouro, sendo flanqueado por duas mesquitas e quatro minaretas (TILLOTSON, 1990); foi uma homenagem do imperador Shah Jahan para a sua esposa favorita, Aryumand Banu Begam, carinhosamente chamada de Mumtaz Mahal, a ‘joia do palácio’ (PESWANI, 1998). Tornou-se desde sua entrega, em um monumento de grande interesse para visitantes, e encontra-se integrando a lista do patrimônio da humanidade desde 1983 (UNESCO, 2019), e mais recentemente, desde 2007, figura entre novas sete maravilhas do mundo moderno (NEW SEVEN WONDERS OF THE WORLD, 2019). Cabe registrar que o número de visitantes no Taj Mahal a cada fim de semana é superior a 400.000 pessoas, e as visitas diárias semanais são igualmente altas ao ponto do governo indiano estar limitando a quarenta mil visitantes diários e que essa visita dure até três horas – esse limite só

afetará ao público indiano que desembolsa 40 rupias (o equivalente a R\$2,00) para entrada. O valor da entrada para turistas estrangeiros é de 1000 rupias o que seria equivalente a R\$50,00 (UOL VIAGEM, 2018).

Nova Delhi, Índia. Birla House, 30 de janeiro de 1948. Um encantador e pacato jardim marca o centro da Birla House (ou Gandhi Smriti), edifício onde um fanático hinduísta assassinou, a tiros, Mahatma Gandhi – pelo fato deste último ser contra políticas de conciliação inter-religiosa defendidas pelo líder da independência indiana. No local, existe uma representação dos passos de Gandhi desde o instante em que ele foi alvejado, e que atraem os interesses de turistas em conhecer o lugar (VINCENTI, 2018).

Cidade do México, Casa Museo Leon Trotsky. Em 20 de agosto de 1940 um dos principais líderes da história da União Soviética, Leon Trótski, não resistiria ao ataque de picareta contra seu crânio, que daria fim a sua vida. A casa de Trótski no bairro de Coyocán, no México, foi transformada em museu e instituição de asilo político, tudo foi preservado como se tivesse parado no tempo. Lá o visitante pode circular no escritório que serviu de palco para o assassinato do revolucionário russo. O museu recebe uma média de 17.000 visitantes estrangeiros por ano, juntamente com 50.000 estudantes com visitas organizadas pela secretaria de educação local (CASA MUSEO LEON TROTSKY, 2019).

Inglaterra. Agosto de 2002. O assassinato de duas meninas de 10 anos de idade, Holly Marie Wells e Jessica Aimee Chapman, além de abalar o emocional da população da pequena cidade de Soham, em

Cambridgeshire, acabou gerando transtornos para o lugar. As meninas foram mortas pelo zelador da escola em que elas estudavam – o assassino era namorado de uma ex-professora das crianças. Apontado como um crime passional, com motivações sexuais, a dupla diabólica, como ficou conhecido o zelador e a professora, foram condenados (BBC, 2003). No entanto, desde aquele 04 de agosto de 2002 a população local iniciava seus apelos pelo fim do ‘turismo de luto’ que arrastava multidões de toda a Grã-Bretanha com interesses variados: uns vinham depositar flores, acender velas na igreja local e assinar os inúmeros livros de condolências; outros, apenas ‘olhar’ o lugar, a cidade, usando ônibus turísticos fretados para este fim. Todos, atraídos por conta do sequestro e assassinato das estudantes de Soham (O’NEILL, 2002).

Paris. 31 de agosto de 1997. No percurso do famoso hotel Ritz, em Paris, Diana, Princesa de Gales; seu namorado, o milionário egípcio Dodi al-Fayed; o guarda-costas da princesa empregado pela família Al Fayed, Trevor Rees-Jones, e o motorista Henri Paul se envolveram em um terrível acidente de trânsito no túnel da Pont l’Alma enquanto despistavam paparazzi. Lady Di faleceu horas depois, no Hospital Pitié-Salpêtrière, em decorrência de uma hemorragia interna, severos ferimentos na cabeça e no tórax, além das lesões pulmonares. Quase como peregrinos, milhares de pessoas brotavam tanto no local do acidente como nos palácios de Kensington e em Buckingham, em Londres, levando flores e saudações em homenagem à princesa, mas também pela curiosidade de apenas olhar o lugar do ocorrido. Milhares

de pessoas passaram também a visitar o lugar onde a princesa cresceu e onde hoje está seu túmulo na Althorp House, a casa da família Spencer, e as vilas de Great and Little Brington, fora de Northamptonshire, na Inglaterra. Meses após a morte de Diana, a página oficial da Althorp House já apresentava informações sobre as facilidades e as atrações do lugar (transporte, acomodação, comida), souvenirs foram criados e uma explosão de visitantes continuava a existir o que fez evoluir os serviços e a oferta para turistas (BLOM, 2007). A Temporada de visitação em Althorp de 2019 (1º de julho a 31 de agosto) avisa que todos os ingressos incluirão a entrada no local, as exposições atuais, o Café e a Loja de Presentes no Pátio dos Estábulos e a entrada nos Salões Estaduais da Casa – mas, que o local fechará ao público no sábado dia 6, domingo 7 e domingo 21 de julho de 2019 –; e o preço dos ingressos variam, comprados online são sempre mais baratos que na entrada do lugar: um ticket para adultos (online) custa £18.50, enquanto na entrada sairá por £20.00; estudantes (online) £16.00, enquanto na entrada os estudantes pagam £17.50; ainda existe o ticket família (2 adultos e 2 criança), £45.00 (on Line) e £48.00 (na entrada); crianças entre 5-16 anos £11.00 (online) e £11.00(na entrada); enquanto crianças de 0-4 anos têm entrada livre (ALTHORP, 2019).

Estados Unidos. 11 de setembro de 2001. Um suposto ataque terrorista, coordenado pela organização fundamenta lista islâmica Al-Qaeda, ocasionou o ataque suicida no qual sequestradores de aviões colidiram contra as Torres Gêmeas do complexo empresarial World Trade Center, em Nova Iorque, matando todos que estavam nas

aeronaves e centenas de pessoas que trabalhavam nos edifícios (FERNANDES, 2019; CBC, 2004). Um ano depois do ocorrido, milhares de pessoas visitavam as ruínas do local todos os dias, transformando o lugar na maior atração turística da cidade: cerca de 1,8 milhões de curiosos turistas visitavam a plataforma de observação (BLAIR, 2002), e esse número só aumentaria com o passar dos anos. Junto com os visitantes surgiu o comércio e uma infinidade de *souvenirs* ligados ao marcante e trágico episódio (VEJA, 2002). Um memorial foi pensado em 2003 para homenagear as vítimas e os envolvidos nos resgates, e com fundos arrecadados desde então o National September 11 Memorial & Museum começou a ser construído em 2006, no mesmo lugar onde ficavam as torres gêmeas: o memorial foi aberto ao público em 11 de setembro de 2011, enquanto o museu foi inaugurado em 2014. Em 2018, mais de 45 milhões de pessoas visitaram o memorial e museu dedicado ao 11 de setembro, desde que ele foi aberto ao público em 2011. No ano de 2018, mais de 6,6 milhões de visitantes passaram pelo memorial – esse número é equivalente a 77% da população de 8,6 milhões da cidade de Nova York –, e mais de 3,1 milhões de visitantes passaram pelo museu em 2018 – esse número equivalente a toda a população de Manhattan e do Bronx; mais de 186.000 visitantes participaram dos tour oficiais promovidos pelo memorial e museu em 2018, e mais de 20 mil pessoas se tornaram membros dos museus – os membros contam com benefícios em entradas rápidas, convidados, entradas gratuitas, cursos dentre outras atividades (9/11 MEMORIAL & MUSEUM, 2018). Outro fator importante ocasionado por conta dessa

tragédia, foi a mudança na segurança interna de vários países, implicações em viagens de avião, e muitos outros tumultos.

Quixeramobim, Ceará (Brasil). Maria Francisca de Paula Lessa, filha de ricos fazendeiros daquela cidade do interior cearense planeja o assassinato do próprio marido, o Coronel Domingos d'Abreu e Vasconcelos. O ato acabou sendo executado por um afilhado do casal que atendia pelo nome de Curumbé, que apunhalaria o coronel pelas costas em 20 de setembro de 1853. Ao ser preso, o assassino revelou que cometeu o crime a mando de sua madrinha Maria Lessa, que foi presa em seguida e condenada a trinta anos de prisão cumprida na Cadeia Pública de Fortaleza. Este crime movimentou a região e acabou inspirando Manuel de Oliveira Paiva a criar sua obra-prima, o romance Dona Guidinha do Poço, um dos ícones do Naturalismo brasileiro cujo enredo foi diretamente inspirado pela história de Maria Lessa e que, para além da literatura, invade o imaginário de quem frequenta o atual Centro de Turismo do Ceará, que anteriormente havia sido a antiga Cadeia Pública de Fortaleza, local onde Maria Lessa ficou detida, e onde outras histórias macabras alimentam as histórias acerca do lugar.

As cenas apresentadas inicialmente servem como exemplos de variadas ocorrências trágicas que acabaram ganhando repercussão e gerando visitação e, por isso, fornecem argumentos para se pensar o *dark tourism* como uma vertente das atividades propostas pelo turismo moderno (BLOM, 2000). Neste caso, o sofrimento, o macabro, o mórbido, a morte, criam uma atmosfera de curiosidade que acaba

motivando pessoas a conhecer lugares onde esses episódios obscuros ocorreram.

Obviamente, esse fenômeno está ligado ao fato de, na atualidade, pessoas terem a possibilidade de executar viagens onde extravasam suas curiosidades e interesses mais sombrios a partir da existência de destinos e roteiros ligados ao sofrimento e a morte – talvez por quererem, inclusive, ter experiências (espiritual, emocional ou por simples curiosidade) em locais mórbidos. Isso, não seria diferente das motivações dos turistas convencionais, que também gostam de experiências – mas, neste caso em particular, o foco dessa motivação é o diferencial (SHARPLEY,2005).

Inglaterra e França se destacam com o pioneirismo dessas atividades mórbidas no turismo. Primeiro, há registro de que na Inglaterra, em 1838, foi organizada uma viagem para que os interessados testemunhassem o enforcamento de dois assassinos ingleses (BOORSTIN, 1964). Enquanto na França, também no século XIX, as visitas a necrotérios/cemitérios eram um elemento incluído nas excursões parisiense (MACCANNELL, 1989; SHARPLEY, 2005).

Desde o século XIX, atividades com estes fins têm sido demandadas e se diversificado (SMITH, 1998), incluindo, por exemplo, locais de morte e sofrimento causados por guerras entre os destinos procurados. Desta maneira, pode-se observar entre os interesses: lugares envolvidos em sofrimento e mortes humanas (DANN, 1998); turismo em necrópoles e passeios por cemitérios (DEL PUERTO, BAPTISTA, 2015; CABANAS, RICCI, 2008; OSMAN, RIBEIRO, 2007; SEATON,

2002), turismo militar, turismo de Guerra e visitas às prisões (FRAGA, 2002, FURTADO, 2011; STRANGE, KEMPA 2003) e aos cárceres de escravos (DANN, SEATON, 2013), ficando evidente que as motivações ligadas ao mórbido podem ter variados tons.

Embora exista a um tempo considerável, somente no século XXI se percebe maior envolvimento e pesquisas acadêmicas sobre o *dark tourism* (SHARPLEY, 2005; FOLEY, LENNON, 1996). Principalmente, quando se observa o desejo de teóricos em definir atividades ligadas aos interesses turísticos sombrios criando rótulos como '*thanatourism*' (DANN, SEATON, 2013; TIMM KNUDSEN, 2011; SLADE, 2003; SEATON, 1996), turismo mórbido (BLOM, 2007; BLOM, 2000), turismo de mancha negra [*black spot tourism*] (ROJEK, 1993), ou '*milking the macabre*' [ordenhando o macabro] (STONE, 2006; DANN, 1995). Todos esses, abrangem a ideia de gerar visitas a partir de experiências ligadas à morte, ao sofrimento, ao sombrio, às guerras, e que essas experiências ocorrem em locais onde o senso coletivo identifica mortes e sobrevivência diante de rotinas perturbadoras, violentas, individuais ou coletivas (ROJEK, 1997).

Lennon e Foley (2000) comentam que, desde o final do séc. XX e início de séc. XXI, houve um maior interesse dos visitantes em conhecer lugares atingidos por catástrofes, desastres e atrocidades. Então, partindo dessa ideia se pretende contextualizar sobre o Centro de Turismo do Ceará (EMCETUR), antiga Cadeia Pública de Fortaleza e atual centro de artesanato local destinado a visita de turistas, como um lugar com componentes de dor e atrocidades no passado, com potencial para uso

em atividades voltadas para *dark tourism* (turismo escuro). Para tanto, observará a transformação de cadeia pública em centro de turismo de Fortaleza, fazendo uma relação com o passado com foco em um homicídio real que inspirou o romance brasileiro Dona Guidinha do Poço, que gera visibilidade para o equipamento – o que pode contribuir para incluir o Centro de Turismo do Ceará (EMCETUR) como um lugar de visitação ligado ao *dark tourism*.

Trata-se de um estudo exploratório baseado em referencial teórico que se utilizará do termo *dark tourism* para designar as atividades ligadas a interesses e atividades referentes ao mórbido, ao sofrimento, a dor e a morte. Para tanto, tenta-se responder aos seguintes questionamentos: como se configura o *dark tourism*? Como o Centro de Turismo do Ceará (EMCETUR) poderia ser vinculado a ele? Há carga histórica que possibilite valorizar o Centro de Turismo do Ceará (EMCETUR) como lugar para atividades de *dark tourism*? As respostas para esses questionamentos serão dadas a seguir.

CONTEXTUALIZANDO O TURISMO ESCURO (DARK TOURISM)

A existência de lugares vinculados à morte, sofrimento e dor servem como objeto de pesquisas e análises principalmente nos campos da história, sociologia, antropologia e, especificamente, nos estudos tanatológicos, desde muito tempo. Contudo, na década de 1960, observa-se a existência da necrogeografia, estudos da morfologia dos cemitérios, que permite refletir sobre a realidade do mundo e ver a morte

também como forma de paisagem cultural com configurações e características específicas (TANAŚ, 2014; FRANCAVIGLIA, 1971; KNIFFEN, 1967). Para além disso, a geografia ainda é a responsável por criar e explorar conceitos como: paisagem da morte, lugares mortos (cemitérios) e espaços de morte (KNIFFEN, 1967), que fundamentam muitos dos escritos tanatológicos em outras áreas do conhecimento humano.

Justamente por considerar a existência desses conceitos, sobretudo os espaços de morte e as paisagens da morte, pode-se planejar o uso desses espaços e paisagens para a atividade turística (SEATON, 2002, 1996; TANAŚ, 2008, 2006; FOLEY, LENNON, 1996). Logo, fica possível a compreensão de que os estudos turísticos voltados para compreender e elaborar maneiras de uso de espaços e paisagens ligados à morte, e como eles se configurariam enquanto atrativos turísticos, que podem levar a alcunha de atrativos fatais, seriam uma extensão sóciogeográfica da necrogeografia que permitiria identificar, analisar e descrever viagens turísticas direcionadas para espaços ligados ao obscuro, à morte – o que podemos chamar de Turismo Escuro (Dark Tourism), Turismo Negro, Turismo Sombrio.

Para alguns autores (TANAŚ, 2014; DANN, SEATON, 2013; SEATON, 2002, 1996) o tanaturismo seria um nicho do turismo escuro que pode ressaltar traços da personalidade de viajantes e turistas cuja morte instiga o interesse por viagens. Considerando que a narração é uma parte fundamental para construção da experiência turística ligada à morte, alguns pesquisadores (STONE, 2012, 2011, 2010; SHARPLEY,

STONE, 2011, 2009; STONE, SHARPLEY, 2008) dedicam seus trabalhos a compreender o consumo turístico a partir de explicações tanatológicas analisando as relações socioculturais entre mortalidade e morte, à reação da fatalidade humana pela morte, a relação dos vivos com o morrer e com o morto, e o potencial do turismo nessas relações.

Pode-se encontrar na literatura o uso do termo tanaturismo sendo utilizado para referir-se a contemplar e/ou assistir à morte (ir a velórios/funerais, presenciar execuções – como ocorria no passado). E um tanaturista (*Thanatourism*) seria aquele motivado pelo desejo de encontros reais ou simbólicos com a morte (SEATON, 1996).

A curiosidade entorno da morte pode ser percebida pelo viés cultural, principalmente quando se analisa as motivações de turistas, ou seja, pode-se entender as diferenças culturais entre povos e sociedades como elementos que causam curiosidade e motivam turistas a viajar em busca de experiências reais ou simbólicas com a morte que percebem como a morte é tratada:

- Pelas crenças – como a morte é vista pela cultura popular; existência de mitos, lendas, fantasmas e poderes sobrenaturais ligados à morte; discussões sobre vida após a morte, reencarnação e imortalidade;
- Pelos costumes – cultuar e festejar os mortos;
- Pelas religiões – com a existência de rituais e cerimônias para os mortos, para evitar a morte, para ter uma boa morte;
- Pelo tratamento com os mortos – canibalismo, mumificação, cremação, inumação ou sepultamento, enterro, pelo

armazenamento de cinzas humanas em urnas ou por dispersá-la, e uso da tanatopraxia – técnica utilizada para conservar o corpo do morto que inclui, inclusive, maquiagem, prática bastante comum de ser encontrada em velórios na atualidade. Cabe ainda frisar aqui a distinção entre enterro e sepultamento, pois há sempre o uso das duas como sinônimo. Entretanto, enterro, refere-se ao ato de enterrar alguém sem que exista espaço adequado para este fim - prática muito comum de ser observada ao longo da história da humanidade. Enquanto o sepultamento relaciona-se ao ato de depositar o falecido em uma sepultura, local estruturado, com tamanhos e formas variadas, que além de acondicionar o corpo do morto lhe serve para prestar homenagem. Aliás, enterrar um corpo fora de cemitérios é crime de ocultação de cadáver no Brasil. Nota-se, com isso como o termo enterrar soa inadequado para ser utilizado.

- Pelas formas emotivas de se expressar sobre a morte – respeito, dor, medo, seriedade, tristeza, alegria, diversão, indiferença.

Para Seaton (1996) as viagens de tanaturismo seriam definidas como o desejo de viajar para um lugar motivado, parcialmente ou totalmente, por experiências simbólicas ou reais com a morte. O que indica um fenômeno comportamental que vai em oposição as atrações tradicionais de um destino turístico, tendo um *continuum* de intensidade nesse tipo de experiência.

Enquanto isso, o *Dark Tourism* surge, ainda na Idade Média, com a contemplação da morte, o que identificam como parte da tradição

tanatótica, que se intensificou desde o fim do século XVIII e início do século XIX, onde se viajava para ver execuções públicas, visitar cemitérios e suas tumbas famosas, visitar prisões e campos de guerra; e tinham a cidade de Pompéia, uma antiga cidade do império romano destruída por erupção vulcânica, como o principal destino tanaturístico do período Romântico (LENNON, FOLEY, 1996; SEATON, 1996).

Embora o tanaturismo tenha uma longa história, nos dois últimos séculos ele ganhou destaque com o chamado *dark tourism*, cheio de possibilidades e atrações que só a modernidade poderia ajudar a criar – sobretudo com a ajuda das mídias e da internet que facilitam a comunicação sobre temas mórbidos e dão destaque para episódios sombrios que acabam ganhando foco e gerando interesse de visitação. Muitas vezes, os termos tanaturismo (*thanatourism*) e turismo escuro (*dark tourism*) são utilizados como sinônimos para designar viagens cuja motivação centra-se na morte ou em aspectos ligados a ela.

De tal modo, pode-se, por exemplo, encaixar algumas atividades listadas como atrativos para *dark tourism*: viagens para lugares de cenas morte pública (execuções) e desastres; viagens para lugares onde ocorreu mortes em massa ou individual (campos de batalha, campos de extermínio, lugares de genocídio ou locais de mortes de celebridades); viagens para memoriais, cemitérios, criptas e peregrinações a túmulos de santos e mártires, ou apenas em busca de epitáfios; viagens para visitar museus ligados a morte ou para lugares com representação simbólica da morte, mesmo sem precisão histórica que justifiquem os fatos ocorridos ali (DANN, 1998); viagens para encenações de morte, ou simulações –

festivais religiosos, encenações de batalhas, de genocídios de grupos sociais; viagens de cunho arqueológico para entender a genealogia; viagens para destinos literários ou cinematográficos onde foram apresentados falos sombrios – sabe-se, por exemplo que, no século XVII existiam viajantes que se deslocavam em função da literatura para compreender as maneira que outras culturas vivenciavam a morte (SHARPLEY, STONE, 2009); visita a lugares de encarceramento, incineração; viagens para atrações temáticas como castelo do drácula, casa dos horrores, e locais ligados a bruxas, a entidades fantasmagóricas e mortos vivo.

Cunhado por Foley e Lennon (1996), o termo “*dark tourism*” surge em uma edição especial do *International Journal of Heritage Studies* e, mais tarde, serve para intitular um livro que sempre aparece citado nos escritos sobre esse tema, pelo mundo, sendo o primeiro escrito a fazer a ligação entre morte e atividades turísticas. Já o termo ‘turismo de mancha negra’ (*black spot tourism*), surge para explorar comercialmente os cemitérios e locais sepulcrais em que descansam celebridades ou grande contingente de mortos de causa violenta, morte repentina, e guerras (ROJEK, 1997). Entretanto, o termo *Dark Tourism* (turismo escuro, sombrio) abrange o significado de atividades realizadas desde os estudos tanatológicos com outras que surgem em tempos atuais, e possibilita que haja uma forma de compreender a existência do ‘mal’ no percurso histórico dessas atividades sem rotular o grau de maldade existente e diferente em cada possibilidade.

A complexidade no conceito de *dark tourism* permite que se observe alguns elementos, tais como: a indução imediatista de conhecer lugares em função de fatos ocorridos como desastres naturais, mortes de celebridades ou de personalidades históricas; a existência de atrativos intencionalmente construídos para gerar experiências ligadas à morte e ao lado sombrio ou de atrativos que se tornaram turísticos acidentalmente por estarem em destino de *dark tourism*; o interesse do sujeito estar em lugares mórbidos para testemunhar a morte e/ou para aprender com a morte de outros; atrações desenvolvidas não apenas para entreter, mas para educar e conscientizar pessoas. Logo, não seria o *dark tourism* apenas um segmento pós-modernista de consumo turístico em função do lucro sobre acidentes, catástrofes, guerras e mortes (LENNON, FOLEY, 2000).

Apesar disso, observa-se que há a possibilidade de um turista voltar sua atenção motivacional para eventos mórbidos e querer ter experiências a partir delas. E, mesmo assim, não compreender que está fazendo esse tipo de turismo, mas apenas tendo experiências positivas em visitar lugares com fatos curiosos (READER, 2003).

Quanto aos espectros que o *Dark Tourism* pode apresentar em atrativos, se pode observar alguns tipos distintos, a partir de Stone (2006):

- *Dark Fun Factories* – destino/atrativo de entretenimento que possui elevado nível de infraestrutura turística, mostram eventos macabros, expondo fatos como mortes reais ou fictícias;

- *Dark Exhibitions* – destino/atrativo com sério enfoque sobre o sofrimento, o macabro, e a morte apresentando lado educacional, comemorativo ou reflexivo com exposições de item diversos ligados aos fatos apresentados;
- *Dark Dungeons* – destino/atrativo vinculado às prisões e a justiça, geralmente encontrados em equipamentos que não foram construídos para função turística, mas que se adequaram a esta atividade pela curiosidade das pessoas em conhecer esses lugares;
- *Dark Resting Places* – cemitérios, criptas, tumbas e similares;
- *Dark Shrines* – destino/atrativo que remetem a memórias de mortes recentes onde foram construídas atrações que evoquem aos mortos;
- *Dark Conflict Sites* – destino/atrativo relacionado com guerras e conflitos históricos, geralmente têm objetivo educacional e comemorativo;
- *Dark Camps of Genocide* – destino/atrativo vinculado a catástrofes, atrocidades e genocídio.

Um contraponto em relação ao *dark tourism* se concentra na ideia do patrimônio dissonante (TUNBRIDGE, ASHWORTH, 1996) que se vincula a herança de atrocidades; existindo a preocupação de como atos negros do passado possam vir a ser interpretados e representado sem atração turística ao ponto de, para grupos determinados, serem entendidos de forma distorcida e deslocada do contexto real, tornando-se ofensivos. Neste caso, em especial, o foco educacional deve ser

fundamental para transferir mensagens sociais e políticas sem gerar conflitos sociais e/ou históricos, nem de significados, quanto menos aumentar a carga emocional negativa do ambiente.

Então, aqui o *dark tourism* é entendido como uma atividade segmentada na qual pessoas viajam para destinos com apelo sociocultural e histórico ligados à morte, ao mórbido, em busca de experiências simbólicas ou reais ligadas a eles, onde se apresentam atividades que são escolhidas pelo grau de intensidade de experiências a partir do interesse do *dark tourist* (turista escuro) por cada atrativo.

O *Dark Tourism* vincula-se também ao que se conhece por turismo militar, ou turismo de guerra, que permitem que turistas conheçam a história militar de uma sociedade partindo da existência de equipamentos militares (castelos, prisões, cadeias, fortalezas, campos de batalha, dentre outros) e de personagens históricos (heróis, mártires) ligados à batalhas, guerras e outros tipos de conflitos onde houve luta e sofrimento.

O turismo militar, ou turismo de guerra, surge como um conceito recente, que ressalta a existência de uma história militar – como a que já fazia Heródoto, quando registrava histórias e relatos de guerras entre gregos nos séculos IV e V a.C. –, que se fortalece pela memória. Assim, lugares bastante carregados como apelo histórico de seus ambientes e com a sobrecarga sombria de lugares, como é o caso de prisões, campos de guerra, cadeias, fortificações e outras construções ligadas a defesa de sociedades, povos e pessoas, podem a ser exploradas pelo turismo.

Para Fraga (2002) o turismo de guerra pressupõe atividades turísticas em locais conflagrados que viveram situações de guerra, martírios em celas, e outros caos mórbidos; e que nas visitas se pode encontrar atrações como museus, memoriais, sítios arqueológicos, arquitetura e outros elementos que levam o visitante a experimentar um pouco da história do lugar, e, até revivê-la. Para tanto, se observa estratégias de desenvolvimento de destino, com marketing reforçado, que oferece novas possibilidades de revitalizar áreas, antes ociosas, e alavancar o turismo.

Blackford (2005) amplia esse pressuposto quando identifica que o turismo militar, pode estar especificamente associado ao sofrimento e a campos de batalha, mas que surge geralmente em lugares importantes para a história dos destinos como, por exemplo, em castelos, museus militares, fortificações, prisões, dentre outros equipamentos.

Aqui, acredita-se que o turismo militar está, internacionalmente, ligado ao *dark tourism*, apresentando-se como nicho de um nicho, estando relacionado ao passado histórico-militar com episódios que envolvem violência, morte e sofrimento, onde se explora a memória para construir atrações a partir de locais de atrocidades, guerras, holocausto, genocídio, prisões e cárcere.

Na atualidade existem muitas atrações turísticas ligadas à guerra e as questões militares, o que coloca o turismo militar como um nicho considerável do *dark tourism* pelo mundo. Talvez, pelo lado cultural e histórico que atrai a curiosidade de muitos (SHARPLEY, STONE, 2009), mas também pela diversidade de possibilidades de atração que o

dark tourism pode apresentar como oferta turística a partir desses lugares. Essa seria então, uma justificativa perfeita para incluir o Centro de Turismo do Ceará (EMCETUR) entre os destinos com potencial para *dark tourism* em Fortaleza, e no Ceará.

A TRANSFORMAÇÃO DA ANTIGA CADEIA PÚBLICA DE FORTALEZA EM CENTRO DE TURISMO

O prédio onde funciona o atual Centro de Turismo do Ceará encontra-se em um quadrilátero de alta relevância histórica existente no centro de Fortaleza. Foi uma obra iniciada em 1850 e que teve finalização em 1866, originalmente pensada para instalar a Cadeia Pública de Fortaleza. Sob a supervisão do Engenheiro Manoel Caetano de Gouveia, a construção do prédio foi aprovada pela lei 454 de 04/08/1948, orçada inicialmente em 40 contos de reis, mas que passou para 50 contos de reis (por ter ficado três anos sem sair do papel). Quando foi concluída, em 1866, durante o governo de Inácio Francisco da Silveira Mota, a construção havia consumido mais 156 contos de reis (CORDEIRO, 2012).

Essa casa de detenção é reconhecida por arquitetos e historiadores como a primeira instituição prisional a cumprir os requisitos impostos pela nova Legislação Penitenciária Imperial Brasileira, com um trabalho de construção que durou dezesseis anos, e apesar de ser inaugurada somente em 1866, sabe-se que desde 1855 já era habitada com detentos da Casa de Correição. No geral, a cadeia pública parecia ser uma obra interminável, pois estava sempre em reformas

(GARCIA, 2013; PIMENTEL FILHO, MARIZ, FONTELES NETO, 2009).

O prédio é um exemplar que preserva elementos da arquitetura do século XIX, como: grades e gárgulas (neste último caso, jacarés com bocas abertas por onde caíam a água das calhas) nos quatro lados da fachada, molduras, frisos, cornijas, grades, dentre outros. Uma alta muralha de 396 m², se impõe em forma de quadrado e circunda o prédio que em seu início abrigava apenas homens, até ser construída a ala feminina no início do século XX; em seu pátio um poço fornecia a água disponível para todos os usos do prédio, que contava com cozinha grande, corpo de guarda e os quartos/oficinas. Iniciado com vinte oito celas no pavimento inferior que mediam seis metros e no superior com onze metros; nesse andar superior ficavam as enfermarias, o refeitório, a administração, o arquivo e o alojamento do carcereiro (NOBRE *et al*, 2016).

De acordo com Pimentel Filho, Mariz e Fonteles Neto (2009, p. 64), a Constituição de 1824, o novo Regulamento Penal, trazia as definições legais da segurança, higiene e arejamento das cadeias, assim como da triagem classificatória dos presos conforme a natureza de seus crimes. Os autores analisam um relatório provincial do Ceará, de 1836, prevendo a criação dos cargos administrativos da futura Casa de Detenção de Fortaleza e informa que aquela instituição terá um regulamento interno. A criação de um sistema judiciário no Segundo Império perseguirá o “alinhamento do Brasil à conduta moral das nações

civilizadas” em um suposto parâmetro moral existentes nas nações europeias – sobretudo Inglaterra e França, e nos Estados Unidos.

Foucault (1997) faz um resgate de como eram aplicadas as punições ao longo da história do ocidente e analisa como as prisões tornaram-se instituições consideradas socialmente para punir por excelência. É neste resgate histórico que analisa como as penas corporais, infamantes e degradantes foram sendo substituídas pela pena de prisão, passando por sistemas como o da Pensilvânia, Filadélfia e Auburniano até a configuração da pena privativa de liberdade no Sistema Progressivo – regime fechado, aberto e semiaberto. Foucault está interessado em analisar a prisão como uma instituição disciplinar, mas o que nos interessa aqui é contextualizar como o Império, galgando mostrar-se moderno, redefiniu a sua legislação penal, na segunda metade do século XIX, deixando de lado as penas corporais, infamantes e degradantes, para constituir a pena de prisão por meio da Nova Legislação Penitenciária Imperial.

O Estado no Império estava preocupado em punir os excessos de mando e regulação moral dos senhores rurais e das populações de baixo, sobretudo escravos e povo livre, pessoas tidas como incultas e incautas. O interesse da burocracia do Estado era regular e normatizar as pessoas que não teriam tido acesso as instituições civilizatórias, como a igreja e escola, por isso caíra na barbárie do crime (PIMENTEL FILHO, MARIZ E FONTELES NETO, 2009). A construção de cadeias que correspondessem a Nova Legislação Penal substituiria as débeis casas de

correição municipalizadas, edifícios toscos sem quaisquer condições para prender.

A Casa de Detenção de Fortaleza foi erguida por meio da técnica tradicional de tijolo e barro. À argamassa era acrescentado o óleo de baleia que processava a liga necessária. A entrada principal foi desenhada em arco pleno e fechada com grades de ferro da metalúrgica escocesa Porter, trazidas de Glasgow, Escócia, em 1855. O prédio tem de linhas sóbrias, se compõe de um prédio central de paredes largas e telhado de quatro águas com a frente voltada para o mar (GARCIA, 2013).

O seu interior apresenta estrutura simples composta por uma parte térrea, formada por duas pequenas alamedas, uma em frente à outra, contendo dez celas individuais, divididas por um corredor e um salão que se prestava de cela coletiva. Era considerada uma cadeia segura e recebia presos de outras regiões e até de outras províncias, como Rio Grande do Norte, Paraíba e Piauí. Nesta configuração, a Cadeia suportava em torno de setenta condenados e, naquele momento, já somava mais de duzentos presos (PIMENTEL FILHO, MARIZ E FONTELES NETO, 2009).

A Cadeia Pública de Fortaleza foi construída com recursos próprios da província e com a utilização de mão-de-obra de presos condenados à pena de trabalhos forçados, os chamados “calcetas”, no “modelo prisional norte-americano de Auburn, considerado um dos melhores e mais eficazes àquela época, por manter a obrigatoriedade do silêncio durante todo o dia. A imitação de Auburn foi prevista já em

1835, em regulamento provincial” (PIMENTEL FILHO, MARIZ, FONTELES NETO, 2009, p. 70).

A Cadeia Pública de Fortaleza era a instituição que melhor se adequava a Nova Legislação Penal como mostra um relatório da Secretaria de Polícia do Ceará ao Ministério da Justiça em 01/01/1858.

A cadeia da capital que se distingue de todas as outras pelo seu tamanho, saída, divisão e condições higiênicas, por estar situada junto ao mar, acha-se em muito boa conservação e asseio, pode conter 250 presos, distribuídos pelos andares torres e superior de que é composta. Nela durante o ano passado se recolheram 260 presos, que foi existindo nesta data 200, estes presos são pela maior parte das diversas comarcas da Província, que para a capital são remetidos por falta de segurança nas respectivas cadeias (PIMENTEL FILHO, MARIZ, FONTELES NETO, 2009, p. 69).

Até a década de 1970 a cadeia tinha acumulado inúmeras deficiências. A superlotação, a falta de ventilação e de higiene eram os principais problemas que acarretavam doenças diversas. Os vasos higiênicos nas celas só foram implantados em meados da década de 1960, por exemplo. Antes da implantação, cada cela possuía um cubo de madeira onde os dejetos fecais eram depositados, sendo transportados pelos presos diariamente para um cano de esgoto construído sem o delivre adequado para o escoamento para o mar, por vezes as fezes regurgitavam para o solo. As condições precárias de habitação fizeram surgir infestações de doenças contagiosas. Em 1977, um surto de tuberculose matou onze presos. A pouca circulação de ar e as condições

adversas de higiene eram as principais causas de infestação de doenças (PIMENTEL FILHO, MARIZ, FONTELES NETO, 2009).

Os relatórios provinciais de 1976 relatam sobre a expansão da cadeia. Naquele relatório, o piso superior já havia sido construído passando a funcionar ali a enfermaria e o alojamento do corpo da guarda da cadeia. A parte térrea passou a abrigar exclusivamente as vinte oito celas e as salas de oficinas. Cada cela recebia entre doze e vinte detentos, e continham uma janela alta com grossas barras de ferro (GARCIA, 2013).

Com as mudanças estabelecidas pelo Regulamento penal de 1884, a Cadeia passou por mais uma reforma com o acréscimo de dependências para a escola, salas variadas para a realização de diversos trabalhos, sala para o culto religioso, enfermaria e banheiros. A construção da Cadeia pública foi inspirada no modelo Norte Americano de Auburn, considerando o isolamento e o silêncio total como lá era previsto, e ao longo do tempo foi sendo moldada com modelos de várias prisões europeias. As recorrentes reformas impactaram diretamente nos modos de sociabilidades dos presos. Os espaços coletivos das oficinas e escola são os que mais vão se destacar neste sentido.

O lugar abrigava também mulheres, que ficavam em uma única cela, respondendo pelos mais diversos crimes. Ao contrário dos homens, presos por homicídio, agressão ou roubos, as mulheres eram detidas pela prática de prostituição, aborto e quebra de Termo de Bem-Viver, documento assinado em juízo pelo qual a acusada admitia a má-conduta (embriaguez, jogo de azar, vadiagem, etc.) e se comprometia a não mais

praticá-la sob pena de ser novamente presa, em caso de reincidência. Uma das poucas mulheres acusadas de assassinato e que cumpriu pena nesta instituição por 30 anos foi Marica Lessa (GARCIA, 2010), de quem se tratará no decorrer do texto.

O controle maior do Estado sobre a população tida como inculta e também sobre os mandos dos grandes proprietários de terra teve como efeito a emergência de um sistema prisional no Estado que se deram na construção de várias cadeias em cidades do interior do estado, edifícios que foram construídos em ações governamentais para garantir a sobrevivência da população no período de seca.

No Ceará, a seca é um fenômeno histórico que atravessa a vida do sertanejo. Durante os longos períodos de estiagem, ações governamentais manejavam o trabalho de pessoas simples do sertão a baixo custo, com a finalidade da sobrevivência da população durante o período de estiagem, na construção de cadeias públicas no interior do estado, coordenados pela Comissão de Socorros Públicos, principalmente na seca que vai de 1877 a 1880. Essas cadeias oitocentistas, a exemplo das localizadas no Crato, Quixeramobim e Sobral, embora algumas não mais estejam em funcionamento com a finalidade da qual foram erguidas, ainda são conservadas como patrimônio histórico ou estão operando outros serviços públicos. São espaços de confinamento quase total, com paredes largas com pequenos rasgos gradeados com grossas barras de ferro, muito aquém dos padrões das prisões mais modernas com conceito de visibilidade panóptica do

século XIX (PIMENTEL FILHO, MARIZ E FONTELES NETO, 2009).

Destacada como a primeira edificação brasileira a atender a exigências da nova legislação penitenciária imperial, a cadeia pública de Fortaleza se impõe com uma muralha de cinco metros de altura, possuía uma capela – onde hoje se encontra um museu –, além de dispor de um salão para visitas no andar superior; contava ainda com quatro grandes salas/oficinas para os presos desenvolverem trabalhos e iniciou suas funções com cento e quarenta e três presos – dentre eles estiveram bandidos considerados perigosos que passaram pelo lugar, como: Gengibre e Cansansão, Lampião Balão, e Maria Lessa – esta última recolhida no pavilhão feminino (CORDEIRO, 2012).

O ano de 1967 foi o ano em que a Cadeia Pública de Fortaleza passa a ser desativada pelo fato da construção do Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS), sendo a data de 12 de setembro de 1969, o marco de quando os últimos detentos são transferidos da velha cadeia para o IPPS (NOBRE *et al*, 2016). Quanto ao que se faria com o equipamento esvaziado, circulava a ideia de que o equipamento seria demolido para dar lugar a um novo equipamento, e duas correntes especulativas circulavam na cidade: uma, apontava que o prédio daria lugar a um novo hospital; enquanto a segunda, apontava que no lugar seria feito um grande estacionamento. Mas foi a atividade turística, que não estava prevista pelas especulações que ganhou a disputa: no local da antiga cadeia foi instalada a Empresa Cearense de Turismo.

O início da década de 1970 foi decisivo e de grande importância para alavancar o turismo no Ceará. A partir desta data se pode analisar uma gestão pública de turismo no Ceará que se divide em três períodos distintos, apresentados por Coriolano (1998), e que ficaram conhecidos como: fase dos coronéis, da transição e dos empresários.

A fase dos coronéis, que se instalou ainda no começo dos anos de 1970. Sem planejamento nem uso de metodologias especiais para trabalhar o turismo, o governo do estado do Ceará se contentava apenas em atrair consumidores e os visitantes se deparavam com um Ceará com deficiente infraestrutura urbana, sem qualificação de serviços e com profissionais atuando nas atividades turísticas sem muito conhecimento de aspectos formativos voltado para as atividades em que atuavam.

É desta primeira fase que data a criação da Empresa Cearense de Turismo S/A (EMCETUR), empresa mista que cuidaria da atividade no Ceará. Àquela época a EMCETUR passa a promover o Ceará acreditando apenas na hospitalidade dos cearenses e na ideia de natureza intocada e exuberante. Àquela época, o governo tratava a infraestrutura básica como questão secundária (BENEVIDES *et al*, 1998), o que demonstra o caráter insipiente do turismo cearense desse período e a inclinação do litoral como atrativo principal.

A Empresa Cearense de Turismo, criada em 13 de setembro de 1971, pelo governador Dr. Cesar Cals Filho, teve Eliezer de Sousa Teixeira como primeiro presidente da EMCETUR (de 13/01/71 a 16/06/74). Cordeiro (2012) constata que o projeto de adaptação da antiga cadeia pública para centro de turismo buscou manter a arquitetura

original do equipamento, assim: as celas dos antigos detentos deram lugar às lojas que passariam a vender o artesanato local, o pavimento superior abrigaria o Museu de Arte e Cultura Popular (um salão com área de 525m² que reúne cerca de mil e quinhentas peças - entre cerâmicas, vidros, madeira e toalhas bordadas por escravas) e o setor administrativo que funcionou de 1973 a 1991; nos dois anos seguintes surgiria o Teatro Carlos Câmara, inaugurado em 05 de outubro de 1974, outro equipamento vinculado ao equipamento.

Foram ações da EMCETUR que ocasionaram o surgimento de outros equipamentos turísticos que ainda existem até os dias atuais, como: a ocupação do antigo prédio da Cadeia Pública de Fortaleza e sua transformação em Centro de Turismo do Ceará, cujas celas deram lugar às lojas repletas de artesanato variado e que ainda contava com museus e um teatro vinculados ao equipamento; o Centro de Convenções do Ceará, que a época se situava numa avenida projetada a partir da expansão territorial da cidade; e o Teleférico de Ubajara, situado no Parque Nacional de Ubajara, na Serra da Ibiapaba no interior do estado (PAIVA, 2010).

Somente no ano de 1979, surge o primeiro Plano Integrado de Desenvolvimento Turístico do Estado do Ceará (PIDT CE), cuja missão era preparar mão-de-obra qualificada para atuar no turismo, além de se comprometer com a elaboração de um diagnóstico da atividade turística no Estado. E, em 17 de junho de 1982, registra-se o tombamento do prédio da antiga cadeia pública de Fortaleza como patrimônio histórico estadual (CORDEIRO, 2012).

A fase de transição compreende ao período que se retorna ao estado democrático, e foi marcada pelo Plano Estadual de Desenvolvimento (PLANED) do Ceará, que apontava a urgência de: se preservar e valorizar as áreas de interesse do turismo; se adequar e modernizar equipamentos turísticos, e de promover o estado nos âmbitos nacional e internacional.

A terceira fase, iniciada no ano de 1987, com o ‘governo das mudanças’, o turismo já era pauta intensa na agenda da gestão pública e, por isso, tratado e analisado como vetor importante para impulsionar a economia cearense (TEIXEIRA; CASTELAR; ASSIS, 1998).

Nessa terceira fase, ocorre a extinção da EMCETUR que deu lugar à Companhia do Desenvolvimento Industrial e Turístico do Ceará (CODITUR), criado em 22 de maio de 1991, pela lei 11.809 (CORDEIRO, 2012), que levavam o turismo e a indústria a trabalhar unidos pelo o pensamento desenvolvimentista. Assim, o prédio da antiga cadeia pública passa a abrigar, em 1992, o Museu de Mineralogia.

Desta terceira fase data também outro elemento crucial para o desenvolvimento do turismo no Ceará, o Programa de Desenvolvimento do Turismo em Área Prioritária do Litoral do Ceará (PRODETURIS), de 1989, que se antecipou no uso de políticas de turismo antes mesmo do Governo Federal se utilizar desse tipo de política (PAIVA, 2010).

O PRODETURIS se propôs a gerar acessibilidades, melhorar infraestruturas e a segurança em equipamentos turísticos cearenses – esse programa foi responsável por transformar o Ceará em um produto turístico competitivo (TEIXEIRA, 1996).

A modernização institucional competitiva no Ceará foi acompanhada de crescimento econômico, socialmente concentrado e seletivo. Este primeiro momento do turismo cearense foi planejado como parte do Ceará urbano e industrial, mas não social (CORIOLANO, 2006, p.78).

O turismo era então visto como atividade redentora (PAIVA, 2010), muitas vezes sendo utilizado para incrementar outras atividades ao mesmo tempo em que se observava uma supervalorização de seu potencial econômico para gerar renda e empregos. Mas, para tanto, era necessário operacionalizar gestão de recursos e elaborar planejamentos cuidadosamente que pudessem identificar as áreas de interesse turístico e suas potencialidades.

Outro instrumento político que valorizou o turismo cearense foi o chamado “Pacto de Cooperação”, de 1991, defendendo parcerias entre o setor público e o privado que desenvolveriam o planejamento do turismo pautado por ações de interesse econômico. Isso possibilitou maior captação de empresários interessados em investir no setor e, notadamente, se percebia a priorização de ações em praias do litoral oeste de Fortaleza e uma certa valorização que surgia por conta disso.

A década de 1990 surge como o ‘boom’ do turismo cearense e ações importantes para o desenvolvimento do turismo com a elaboração do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Ceará [1995-1998], que pretende redefinir e melhor posicionar a imagem turística do Ceará (COELHO-COSTA, SANTOS, 2015). No entanto, na década de 1990, o turismo é desvinculado da CODITUR pelo motivo da criação da

Secretaria de Turismo do Ceará (SETUR/CE), que consolidou discurso desenvolvimentistas social e econômico proporcionado pelo turismo e mantém prédio próprio longe do Centro de Turismo que passa a ser gerido pela então Secretaria de Turismo do Ceará.

Atualmente estão registrados no Centro de Turismo do Ceará cerca de 300 profissionais, entre comerciantes e artesãos (VASCONCELOS, 2019). Porém não se sabe o número de turistas que visitam o local.

Durante visitas realizadas ao local, por duas vezes no mês de junho de 2019, em horários de diferentes e durando cada uma com cerca de duas horas, constatou-se uma movimentação não tão grande, embora alguns lojistas tenham mencionado que há períodos em que alguns ônibus de excursões movimentam bem o lugar.

Contudo, ficou evidente a necessidade de reparos estruturais e significativos para melhoria das atividades no equipamento. Durante as visitas encontrou-se muita sujeira no local nos pátios internos; as paredes do prédio apresentando algumas rachaduras, infiltrações, banheiros com forros caídos e os dois museus – o Museu de Arte Popular e o Museu da Mineralogia – encontravam-se fechados; muitos gatos rondavam o pátio interno principalmente em áreas onde se via de longe pratinhos descartáveis com restos de comida deixada para os animais.

Outro elemento que causa constantes transtornos é a forma como funciona o estacionamento de veículos do equipamento: por não ser pago e nem ser rotativo, muitas pessoas chegam lá para estacionar

seus carros de manhã e saem para outros lugares, impossibilitando o uso do estacionamento para clientes do local e até mesmo para funcionários.

O presidente da associação de permissionários do Centro de Turismo do Ceará foi procurado para ser indagado sobre esses e outras questões, mas não foi encontrado durante as visitas. No site do centro de turismo na internet também não foram encontradas informações referentes ao fluxo de turistas, nem informações mais detalhadas a esse respeito.

Um fato curioso revelado durante a visita ao lugar, em conversas com lojistas, ouviu-se de lojistas mais velhos que o lugar abriga passagem secretas que se encontram escondidas no piso do prédio. Esses rumores alimentam a curiosidade de lojistas e instigam turistas que ali frequentam que passam a andar pelo lugar observando cuidadosamente o chão, depois de ouvir a história contada por lojistas. Contudo, não foi encontrado alguém que soubesse indicar a real procedência de tais lugares secretos.

Em contato com a Secretaria de Turismo de Fortaleza foi informado que este órgão não disponibiliza de dados sobre o equipamento, pois ele é de responsabilidade da Secretaria de Turismo do Estado – esta última, até o final deste escrito, ainda não tinha respondido a nossa solicitação de informações.

Sabe-se que já se contam dez anos desde a última grande reforma no prédio do Centro de Turismo cujo investimento girou em torno de R\$ 1,9 milhão (DIÁRIO DO NORDESTE, 2018). No entanto o equipamento já necessita de cuidados, porém sem expectativa para novas

reformas. A gestão dos museus presentes no equipamento encontra-se em processo de transição da Secretaria de Turismo para a Secretaria da Cultura do Ceará (Secult), e se justifica pelo fato dessa última possuir corpo técnico mais bem habilitado para gerir os museus.

Um crime real que inspirou a literatura: o caso de Maria Francisca de Paula Lessa transformada em Dona Guidinha do poço.

A história mostra que crimes passionais são comumente registrados ao longo dos tempos. Um caso ocorrido no interior do Ceará, no século XIX, ficou bastante conhecido no Brasil a partir do romance *Dona Guidinha do Poço*, de Manuel de Oliveira Paiva.

Maria Francisca de Paula Lessa, ou simplesmente Maria de Abreu ou Maria Lessa, moça distinta e filha de fazendeiros ricos de Quixeramobim do meio do século XIX, se casaria com o Coronel Domingos d'Abreu e Vasconcelos, natural de Pernambuco, conhecido como homem tranquilo e bem-sucedido na região.

Pordeus (2004) narra o conflito dessa história detalhadamente: a partir do momento em que o coronel passa a desconfiar da esposa que mantém uma relação amorosa com o jovem Antônio da Silva Pereira, sobrinho de Domingos; e na tentativa de resolver a situação, o coronel resolve deixar a fazenda Canafístula e foi viver na então Vila de Campo Maior de Quixeramobim (atual município de Quixeramobim- CE). Conhecendo o gênio da esposa, sabia que corria perigo mesmo longe da fazenda e resolve ir à Fortaleza pedir às autoridades de lá garantias para resguardar sua vida. Com o pedido atendido, volta para sua cidade onde passa a ser escoltado por um oficial destacado no lugar e, mesmo assim, é apunhalado pelas costas dentro de sua casa em 20 de setembro de

1853. O autor do crime, um afilhado do coronel e de sua esposa que atendia pelo nome de Curumbé, agira a mando de Maria Lessa. O vigário foi responsável por retirar a faca do ombro do coronel enquanto este último mencionava o nome do criminoso por várias vezes, e morreu ali mesmo, em casa. Após ser preso e confessar o crime com destreza e desfaçatez, o assassino revelou que sua madrinha, a esposa do coronel, fora a mandante da ação. Mesmo duvidando que não seria presa, por ser rica e influente, Maria Lessa acabou sendo condenada a trinta anos de prisão, sendo enviada para a Cadeia Pública de Fortaleza. Depois de cumprir sua pena, ela teria sobrevivido em extrema pobreza, vagando pelas ruas de Fortaleza e dependendo das esmolas dadas por populares, como relata Gustavo Barroso (1962, p. 347):

Na última década do século passado, entre os tipos populares da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, minha terra natal, andava uma velha desgrenhada, farrapenta e suja, que a molecada perseguia com chufas, a que ela replicava com os piores improperios deste mundo. Vi-a muitas vezes na minha meninice, ruas abaixo e acima, carregando uma sacola cheia de trapos, enfurecida, quando os garotos gritavam: — Olha a mulher que matou o marido! A gente adulta chamava-lhe a Velha Lessa. Tinha terminado de cumprir sua pena na cadeia pública e andava assim de léu em léu, sem teto e sem destino, como um resto de naufrágio açoitado pelo mar. Sua figura acurvada e encanecida me impressionava, mas naquele descuidoso tempo, longe estava eu de supor que contemplava na mendiga semi-trôpega a figura central duma tragédia real e dum romance destinado a certa celebridade literária.

Manuel de Oliveira Paiva, autor do romance *Dona Guidinha do Poço* de 1982, construiu seu enredo narrado em terceira pessoa, sendo

fiel ao panorama e aos elementos sociais reais do crime ocorrido no interior do Ceará.

O romance conta a trama de Dona Margarida Reginaldo de Oliveira, conhecida popularmente como Guidinha ou Guida, era filha única e neta de imigrante português, recebeu como herança a fazenda Poço da Moita que se localizava num aflente do rio Jaguaribe, o Curimataú. Era casada com um homem tido como pacífico, natural de Pernambuco, o Major Joaquim Damião de Barros, também conhecido como Major Quimquim. Por ter se apaixonado por um sobrinho de seu marido, o Luís Secundino de Sousa Barros, Dona Guidinha planeja matar o marido que àquela altura já desconfiava do fato e resolve expulsar o sobrinho de sua fazenda. Depois de ser expulso o moço sumiu deixando Dona Guidinha descontente ao ponto de tê-la feito contratar um assassino para dar cabo do marido, mas ela não contava que o homem fosse desistir de última hora. Para resolver seu problema pediu a um afilhado, um agregado filho de um empregado da fazenda que atendia por Naiú, que executou o serviço indo matar o padrinho na casa da Vila onde o Major estava morando, e com uma punhalada no pescoço do homem resolveu o problema da madrinha. Sendo preso pelo ocorrido, Naiú confessa o crime e delata a mandante, sua madrinha Guidinha. Detida e presa sob as vaias da multidão, demonstrava ainda sua superioridade acreditando que não ficaria presa por muito tempo devido sua influência.

Assim, seguindo elementos semelhantes a história real, o romance traz uma história que choca a sociedade por ressaltar

comportamentos e valores inconcebíveis para uma mulher naqueles tempos. Além disso, como observou Braga Junior (2014), o apelo sexual da personagem seria um motivo que a levaria ao adultério.

A descrição de Guidinha como mulher feia e sem encantos físicos não impedia que ela caísse na luxúria, e isso podia ser uma ligação com a feitiçaria: “Margarida era muitíssimo do seu sexo, mas das que são pouco femininas, pouco mulheres, pouco damas, e muito fêmeas. Mas aquilo tinha artes do capiroto. Transfigurava-se ao vibrar de não sei que diacho de molas” (PAIVA, 1952, p. 21). Nessa passagem se pode observar traços da revolução sexual feminina que já recaía sobre a personagem e lhe coloca como contraventora da ‘ordem’ religiosa e moral.

Essa transgressão sexual da mulher seria tida como uma ligação com o diabo e, por isso, estava dentre as heresias que deveriam ser combatidas e listadas no *Malleus Maleficarum Maleficat & earum haeresim, ut framea potentissima conterens*, popularmente conhecido como *Malleus Maleficarum*, termo em latim para ‘O Martelo das Bruxas ou O Martelo das Feiticeiras’, obra publicada na Alemanha em 1486 ou 1487, escrita por Heinrich Kraemer e James Sprenger, que executavam uma ordem da bula papal *Summis Desiderantis Affectibus* de Inocêncio VIII, e se tornou guia para inquisidores desde o século XV, sendo reconhecido como o mais cruel e perverso manual de morte, de tortura e ódio (BYINGTON, 1991), que atingia principalmente as mulheres.

Murano e Boff (2002) justificam esse entendimento quando esclarecem como as mulheres eram tidas como agentes de demônio, que

as controlava e manipulava a partir de atos sexuais para tomar o corpo e a alma dos homens; além de apresentarem a sexualidade como ponto de vulnerabilidade dos homens.

Geralmente é atribuído ao diabo todos os elementos que causam tensões, estremecem o relacionamento com Deus, enfraquece o homem e sua consciência, e que, por isso, merece cuidados constantes (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2001). E no romance percebe-se a ressonância dessas crenças a partir da narração.

Aliás, ‘Oficina de Satanás’ foi o termo utilizado por Mariz (2004) para apresentar a Cadeia Pública de Fortaleza, lugar onde esteve presa Maria Lessa, a Guidinha da realidade, que inspirou Manuel de Oliveira Paiva a escrever seu livro. Essa ‘Oficina de Satanás’ era um dos mais modernos equipamentos de punição-regeneração da sociedade do Ceará naquela época, e essa instituição tinha o tripé trabalho, religião e instrução como possibilidades de ocupação “honesta” para os detentos.

Isso posto, acredita-se que o apelo regional, o fato real e a existência de literatura que envolvem o prédio da antiga cadeia pública de Fortaleza, hoje Centro de Turismo do Ceará, possam servir como abertura para se repensar o uso do equipamento e dar início a um planejamento estratégico para utilizar o potencial histórico, simbólico e o imaginário do lugar como peças fundamentais para desenvolvê-lo em equipamento também voltado para o *dark tourism*, em Fortaleza.

CONCLUSÕES

O *dark tourism* pode, inicialmente, parecer uma perspectiva sombria para se executar em atividades turísticas. Mas ele já se configura como um nicho do mercado turístico promissor na contemporaneidade. E os destinos voltados para o *Dark Tourism* apresentam-se como uma criação surgida a partir do misto da curiosidade e dos afetos por temas sombrios (como a morte, violência, dor, tragédias, guerras, dentre outros).

Havendo gradações diferentes para expressar a quão sombria pode ser uma experiência de *Dark Tourism*, observa-se que os destinos voltados para essa atividade podem surgir tanto espontaneamente quanto serem cuidadosamente planejados para reproduzir narrativas sombrias e trágicas, de relevância histórica ou não, atuais ou não.

Talvez seja o Dark Tourism um aviso para o mercado turístico de que os consumidores já estão saturados da mesmice e procuram um diferencial. Ao mesmo tempo, reforça a ideia de que cada lugar é único e pode ter/construir sua “fábrica de diversão sombria” a partir de elementos locais, fatos históricos ou histórias pitorescas ligadas ao lugar, suas pessoas e sua história.

No Brasil, o *dark tourism* ainda é incipiente. Mas temos lugares que se converteriam em excelentes atrações para esse nicho. É o caso do atual Centro de Turismo do Ceará, a antiga Cadeia Pública de Fortaleza, que conta com prédio relativamente bem preservado, mantendo os aspectos da construção inicial e cuja história é recheada de casos interessantes que poderiam ser explorados em atividade de *dark tourism*.

Um desses casos em especial é a história de Maria Lessa, que inspirou Manuel de Oliveira Paiva a escrever um dos livros mais populares da literatura brasileira, *Dona Guidinha do Poço*.

Pensando em explorar o potencial para *dark tourism* e(re)valorizar o uso do Centro de Turismo de Fortaleza, seria interessante a construção de um roteiro integrado que poderia iniciar com a visita a outro equipamento encontrado na mesma região em que se encontra o Centro de Turismo, a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, que atualmente abriga a sede da 10ª Região Militar do Exército Brasileiro em Fortaleza e que também tem muitas histórias peculiares por ter sido o Forte Schoonenborch, que deu origem a cidade e cárcere de presos famosos como Bárbara de Alencar; de lá seguiria para a Praça dos Mártires, logo atrás do forte, esta praça é também conhecida como Passeio Público e foi o local em que ocorreu a execução dos revolucionários da Confederação do Equador, dentre os quais: Azevedo Bolão, Feliciano Carapinima, Francisco Ibiapina, Padre Mororó e Pessoa Anta (em 1825); em seguida, o roteiro seguiria para o Centro de Turismo, encontrado a uma quadra depois do Passeio Público, e onde se pode aproveitar a literatura, a partir de Guidinha do Poço, seu passado sombrio e suas histórias para se destacar como atrativo de *dark tourism*; e saindo dele, se partiria para o Cemitério São João Batista, inaugurado em 1866 para substituir o Cemitério de São Casemiro que ficava no local onde está construída a Estação Ferroviária João Felipe (esta encontra-se ao lado do Centro de Turismo), lugar onde se pode visitar os túmulos de personagens históricos ilustres Pessoa Anta e Padre Mororó.

No que tange especificamente o Centro de Turismo do Ceará, surgindo o interesse dos órgãos competentes em elaborar vínculo com o *dark tourism*, o ponta pé nessa questão seria a abertura dos museus, atualmente fechados para o público, e a inclusão neles de alas voltadas para as histórias sombrias do lugar – como o caso de Maria Lessa, e os de outros detentos com histórias curiosas. Para além disso, seria fundamental a construção de uma rede de roteiros integrados voltados para o *dark tourism* no Ceará, para valorizar equipamentos em lugares com potencial para uso nesta atividade em especial.

Por isso, se ressalta que o Ceará tem muitos outros equipamentos que poderiam ser aproveitados para uso em atividades de *dark tourism* como as Casas de Câmara e Cadeia de algumas cidades importantes, como Aracati, Aquiraz, Icó e Sobral, cada uma com histórias peculiares, cheias de importância histórica e arquitetônica.

Para além disso, tem-se ainda o Campo de Concentração de Patu, em Senador Pompeu-CE, construído em 1932 para afastar os retirantes da seca com destino à capital, como uma ‘joia’ para o *dark tourism* cearense: não era um campo de extermínio, mas a morte viria por outros meios que se originaram pelas seca. O lugar tem aproximadamente 2 km de comprimento e 1,5 km de largura, e apesar de estar em ruínas, dele se pode extrair muitas narrativas para construir um bom equipamento, que pode ser recuperado – o primeiro passo para isso já foi dado, pois, atualmente, ele encontra-se em fase de tombamento como patrimônio histórico-cultural.

No mais, cabe ressaltar a importância de surgirem mais pesquisas sobre o *dark tourism*, principalmente analisando o contexto brasileiro, e a necessidade urgente de se entender melhor esse nicho e suas demandas, para construir novas ofertas e valorizar seu uso em atividades turísticas como diferencial em destinos turísticos.

REFERÊNCIAS

9/11 MEMORIAL & MUSEUM. **By the numbers**. 2018. Disponível em:
<<https://2018.911memorial.org/>>. Acesso em 24/05/2019.

ALTHORP. VISITING ALTHORP. **Experience the unique warmth of this historic family home for yourself**. 2019. Disponível em: <<https://spencerofalthorp.com/visit/>>. Acesso em 24/05/2019.

BARROSO, G. **À margem da história do Ceará**. v. 2, 3 ed. 1962. p. 347-350.

BBC. **Huntley guilty of Soham murders**. BBC News: Wednesday, 17 December, 2003. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/3312551.stm>. Acesso em 24/05/2019.

BENEVIDES, I. P.; DA CRUZ, R. D. C. A.; GARCIA, F. E. S.; DE PONTES GONDIM, L. M. **Turismo e Prodetur: dimensões e olhares em parceria**. UFC Edições. 1998.

BLACKFORD, M. G. Tourism, the environment, and the military: The case of Guam, 1962-2002. **Business and Economic History Online**, v. 3, n. 4, 2005. p.1-6.

BLOM, T. **Morbid Tourism: The Case of Diana, Princess of Wales and Althorp House**. In: LONG, Phil; PALMER, Nicola J. (Ed.). *Royal tourism: excursions around monarchy*. Bristol: Channel View Publications, p.142-158, 2007.

BLOM, T. Morbid tourism: A postmodern market niche with an example from Althorpe. **Norwegian journal of Geography**, v. 54, n. 1, p. 29-36, 2000.

BOORSTIN, D. **The Image: a guide to pseudo-events**. America 1961, 1964.

BRAGA JÚNIOR, W.C. **Entre história e literatura: revisitando dona guidinha do poço**. Revista *Ártemis*, Vol.XVIII n° 1, jul-dez, 2014. p. 172-183.

BYINGTON, C. **Prefácio do livro O Martelo das Feiticeiras (1484)**. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Tradução de Paulo Fróes, Editora Rosa dos Tempos, Record, Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/prefacio_malleus_III_martelo_das_feiticeiras.pdf>. Acesso em 15/07/2019.

CABANAS, A.; RICCI, F. Turismo em necrópole: Novos caminhos culturais a serem explorados no Vale do Paraíba Paulista. **Turismo-Visão e Ação**, v. 10, n. 3, p. 378, 2008.

CASA MUSEO LEON TROTSKY. **Museo León Trotsky - Arte y Cultura**. 2019. Disponível em: <<http://museotrotsky.com/>>. Acesso em 24/05/2019.

CBC. **Bin Laden claims responsibility for 9/11.** CBC NEWS - World. Disponível desde 29/10/2004, em: <<https://www.cbc.ca/news/world/bin-laden-claims-responsibility-for-9-11-1.513654>>. Acesso em 24/05/2019.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos.** 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COELHO-COSTA, E. R.; SANTOS, M. S. F. Estratégia gastronômica na Terra da Luz: desvendando a culinária cearense pelo turismo. *TURyDES*, v. 8, n. 18, 2015. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/turydes/18/gastronomia.html>>. Acesso em 15/07/2019.

CORDEIRO, J. A. **Coisa de Cearense - História, cultura, turismo, curiosidades e os costumes de nossa gente.** Disponível desde 01/07/2012, em: <<http://coisadecearense.com.br/centro-de-turismo-do-ceara/>>. Acesso em 15/07/2019.

CORIOLANO, L. N. M. T. **A intervenção do estado do Ceará na atividade turística.** In: LIMA, Luiz Cruz. Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998. p. 356-381.

CORIOLANO, L. N. M. T. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza.** 1. ed. São Paulo: Anablumme, 2006.

DANN, G. M. **The dark side of tourism.** CIRET-International Center for Research and Studies in Tourism: Aix-en-Provence, 1998.

DANN, G. M.; SEATON, A. V. **Slavery, contested heritage, and thanatourism.** London: Routledge, 2013.

DANN, G. **Tourism: the nostalgia industry of the future.** In THEOBALD, W.(ed.) *Global Tourism: The Next Decade.* Oxford: Butterworth Heinemann, p. 55-67, 1995.

DEL PUERTO, C. B.; BAPTISTA, M. L. C. Espaço cemiterial e Turismo: campo de ambivalência da vida e morte. *RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo*, v. 5, n. 1, p. 42-53, 2015.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Emcetur enfrenta problemas estruturais.** Disponível desde 11/09/2018, em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/emcetur-enfrenta-problemas-estruturais-1.1997871>>. Acesso em 17/07/2019.

FERNANDES, C. **Os ataques de 11 de setembro de 2001. História do Mundo. Idade Contemporânea.** 2019. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/11-de-setembro.htm>>. Acesso em 24/05/2019.

FOLEY, M.; LENNON, J. Editorial: Heart of darkness. *International Journal of Heritage Studies*, v. 2, n. 4, p. 195-197, 1996.

FOLEY, M.; LENNON, J. J. JFK and dark tourism: A fascination with assassination. *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), p.198-211, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FRAGA, N. C. Turismo de Guerra: a possibilidade de novo tipo de turismo para o Brasil. Marco Inicial–Guerra do Contestado (1912-1916). **Revista PerCurso–Curitiba em Turismo**, a, v. 1, p. 43-76, 2002.

FRANCAVIGLIA, R.V. The cemetery as an evolving cultural landscape. **Annals of Association of American Geographers**, 61(3), p.501–509, 1971.

FURTADO, A. V. P. **Turismo militar no Concelho de Peniche**. 2011. Tese de Doutorado. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

GARCIA, F. **Centro de Turismo do Ceará (Emcetur) - Museu de Arte e Cultura Popular**. Blog Fortaleza em Fotos, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2010/08/centro-de-turismo-do-ceara-emcetur.html?m=1>>. Acesso em 12 jul. 2019.

GARCIA, F. **De Casa de Detenção a Centro de Turismo**. Blog Fortaleza em Fotos, nov. 2013. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2013/11/de-casa-de-detencao-centro-de-turismo.html?m=1>>. Acesso em 12 jul. 2019.

KNIFFEN, F. Necrogeography in United States. **Geographical Review**, 57, p.426–427, 1967.

LENNON, J.; FOLEY, M. **Dark Tourism: The attraction of death and disaster**. London: Continuum. 2000.

MACCANNELL, D. **The Tourist: A new theory of the leisure class**. 2nd Edition. New York: Schocken Books. 1989.

MARIZ, S. F. **Oficina de Satanás: a cadeia pública de Fortaleza (1850-1889)**. 2004. 386f. Dissertação. (Mestrado em História Social) -Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

MURARO, R. M.; BOFF, L. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NEW SEVEN WONDERS OF THE WORLD. **Taj Mahal - A white marble mausoleum in Agra**. 2019. Disponível em: <<https://world.new7wonders.com/wonders/taj-mahal-1630-a-d-agra-india/>>. Acesso em 24/05/2019.

NOBRE, L.; MELO, I.; BOROH, M. **[Patrimônios Históricos] - De Cadeia Pública a Centro de Turismo**. Somos Vós. Disponível desde 15/02/2016, em: <<http://www.somosvos.com.br/de-cadeia-publica-a-centro-de-turismo/>>. Acesso em 17/07/2019.

O'NEILL, S. **Flood of tourists worsens pain**. *Daily Telegraph*. Disponível desde 27/08/2002, em: <<https://www.theage.com.au/world/flood-of-tourists-worsens-pain-20020827-gduj3o.html>>. Acesso em 24/05/2019.

OSMAN, S. A.; RIBEIRO, O. C. F. Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo. **Licere, Belo Horizonte**, v. 10, n. 1, p. 1-15, 2007.

PAIVA, M. O. **Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Edições Saraiva, 1952.

PAIVA, R. A. **Turismo, Políticas Públicas e Urbanização na Região Metropolitana de Fortaleza**. In: PPLA 2010: SEMINÁRIO POLÍTICA E PLANEJAMENTO, 2, 2010. Curitiba. Anais... Curitiba: Ambiens, 2010. v. 2, p. 1-11, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10155/1/2010_eve_turismoP.pdf>. Acesso em 15/07/2019.

PESWANI, N. T. **TajMahal - A Tribute to beauty**. 1998. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/in/myindia/tajmahal.html>>. Acesso em 24/05/2019.

PIMENTEL FILHO, J. E.; MARIZ, S. F.; FONTELES NETO, F. L. **Cárceres, cadeias e o nascimento da prisão no Ceará**. In: MAIA, Clárisse Nunes; SÁ, Flavio de; COSTA, Marcos; BRETAS, Marcos Luiz (Orgs.). *A história das prisões no Brasil II*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2009.

PORDEUS, I. **À margem de Dona Guidinha do Poço: história romanceada – história documentada**. Edição fac-similar (1963). Fortaleza. Museu do Ceará, 2004.

ROJEK, C. **Indexing, dragging and the social construction of tourist sights**. In C. Rojek and J. Urry (eds.) *Touring Cultures: transformations of travel and theory*. London: Routledge, p.52-74. 1997.

SEATON, A. V. Guided by the dark: From thanatopsis to thanatourism. **International Journal of Heritage Studies**, v. 2, n. 4, p. 234-244, 1996.

SEATON, A. V. Thanatourism's final frontiers? Visits to cemeteries, churchyards and funerary sites as sacred and secular pilgrimage. **Tourism Recreation Research**, v. 27, n. 2, p. 73-82, 2002.

SHARPLEY, R. **Travels to the edge of darkness: Towards a typology of dark tourism**. In: Chris Ryan, Stephen J. Page, Michelle Aicken (Editors). *Taking tourism to the limits: Issues, concepts and managerial perspectives*, p.215-226. 2005.

SHARPLEY, R.; STONE, P.R. (eds.) **The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism**. Aspects of Tourism Series. Channel View Publications: Bristol, Buffalo, Toronto, 2009.

SHARPLEY, R.; STONE, P.R. (eds.) **Tourist experience: Contemporary perspectives**. Routledge, Abingdon, Oxon, 2011.

SLADE, P. Gallipoli thanatourism: The meaning of ANZAC. **Annals of tourism research**, v. 30, n. 4, p. 779-794, 2003.

SMITH, V. L. War and tourism: An American ethnography. **Annals of tourism research**, v. 25, n. 1, p. 202-227, 1998.

STONE, P. R. A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. **Turizam: međunarodni znanstveno-stručni časopis**, v. 54, n. 2, p. 145-160, 2006.

STONE, P.; SHARPLEY, R. Consuming dark tourism: A thanatological perspective. **Annals of tourism Research**, 35(2), p.574-595, 2008.

STONE, P.R. Dark Tourism and Significant Other Death: Towards a model of mortality mediation. **Annals of Tourism Research**, 39(3), p.1565-1587, 2012.

STONE, P.R. Dark Tourism: towards a new post-disciplinary research agenda. **International Journal of Tourism Anthropology**, 1(3-4), p.318-332, 2011.

STONE, P.R. **Death, dying and dark tourism in contemporary society: A theoretical and empirical analysis**. Unpublished doctoral dissertation, University of Central Lancashire, 2010.

STRANGE, C.; KEMPA, M. Shades of dark tourism: Alcatraz and Robben Island. **Annals of tourism research**, v. 30, n. 2, p. 386-405, 2003.

TANAŚ, S. Tourism 'death space' and thanatourism in Poland. **Current Issues of Tourism Research**, 3(1), p.22-27. 2014.

TEIXEIRA, M. S. G. **Investimentos no turismo do Ceará: Uma análise dos impactos sobre produto, renda e emprego**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996. 186 p.

TEIXEIRA, M. S. G.; CASTELAR, I.; SOARES, F. A. Análise dos impactos de projetos selecionados e de gasto turístico sobre produto, renda e emprego no estado do Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 29, n. especial, p. 681-693, jul. 1998.

TILLOTSON, G. H. R. **Mughal India - Architectural Guides for Travelers**. Chronicle Books: San Francisco, 1990.

TIMM KNUDSEN, Britta. Thanatourism: Witnessing difficult pasts. **Tourist Studies**, v. 11, n. 1, p. 55-72, 2011.

TUNBRIDGE, J.; ASHWORTH, G. **Dissonant Heritage: the management of the past as a resource in conflict**. Chichester: John Wiley & Sons. 1996.

UNESCO. **Taj Mahal**. 2019. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/252>>. Acesso em 24/05/2019.

UOL VIAGEM. **Índia limitará número de visitantes do Taj Mahal a 40 mil pessoas por dia**. Disponível desde 03/01/2018, em: <<https://viagem.uol.com.br/noticias/efe/2018/01/03/india-limitara-numero-de-visitantes-do-taj-mahal-a-40-mil-pessoas-por-dia.htm>>. Acesso em 24/05/2019.

VASCONCELOS, B. **Artesanato gera emprego e renda para 45 mil pessoas em Fortaleza.** Diário do Nordeste. Negócios. Disponível desde 27/06/2019, em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/artesanato-gera-emprego-e-renda-para-45-mil-pessoas-em-fortaleza-1.2116489>>. Acesso em 28/06/2019.

VINCENTI, M. **8 locais de assassinato de celebridades que viraram atração turística.** Viagem Uol. Roteiros Culturais. Disponível desde 09/09/2018, em : <<https://viagem.uol.com.br/noticias/2018/09/09/conheca-locais-de-morte-de-pessoas-famosas-que-viraram-atracao-turistica.htm>>. Acesso em 14/05/2019.



A (IN)VISIBILIDADE DO *DARK TOURISM* NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: o caso do “Monumento ao Surf” de Barra Velha-SC

CUNHA LIMA, Felipe Borborema
PEREIRA, Tércio

Difícilmente palavras como morte, sofrimento e tragédia, são as primeiras opções quando se pensa em uma viagem. No entanto seja pelo impacto da história que determinados lugares rememoram, pela beleza arquitetônica das edificações, ou mesmo pelas pessoas ilustres envolvidas em acontecimentos marcantes, impulsionou o surgimento do *dark tourism*, de gosto duvidoso para os não simpatizantes, mas repleto de atividades e experiências únicas para seus adeptos.

A aproximação desses aspectos é o ponto de partida para esta investigação, que tem como base norteadora o imbricamento de duas pesquisas maiores. Um estudo com Bolsa do Estágio Pós-Doutoral concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior – CAPES, realizado no Programa de Doutorado e Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), que se propõem a fazer o alinhamento dos temas relacionados ao patrimônio cultural e as estratégias do turismo e uma pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Doutorado e Mestrado

em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), que aborda mais diretamente o *dark tourism*.

O segmento do *dark tourism*, portanto está correlacionado ao ato de visitar espaços e atrativos cujo foco principal é a morte, aspecto este descrito por Beech (2000) que leva a alguns turistas a classificar este nicho turístico como macabro. No entanto, se este segmento turístico pode causar estranheza a muitas pessoas, Stone e Sharpley, (2008), apontam que esta modalidade de turismo vem ganhando adeptos e se popularizando desde o final do século XX.

Os estudos realizados por diversos pesquisadores, dentre eles Stone, (2005) e Tarlow, (2005), verificaram que a dinâmica de consumo desta atividade está relacionada a aspectos socioculturais, emocionais e psicológicos. Esses elementos se configuram como a base epistemológica para se buscar o entendimento deste fenômeno, que se expressa muitas vezes na dualidade de conceitos antagônicos, divergentes e contraditórios, como apontam Stone e Sharpley (2008) morte/vida; Buda (2015) o medo/diversão; Qian (2009) escapar/enfrentar; Winter (2015) esquecer/lembrar e Stone e Sharpley (2013) prática de lazer/cultura desviante.

As categorias mencionadas anteriormente abrem lacunas e possibilidades de análise, o que viabiliza novos debates, pautados no conjunto das representações que os indivíduos promovem a partir das condutas e práticas relacionadas aos monumentos com apelo de *dark tourism*.

Nessa perspectiva, este trabalho foi realizado em caráter interdisciplinar, buscando aderência por meio da transversalidade com temas e conceitos relacionados às relações comportamentais, sociais, culturais e o turismo. Seguindo essa linha de raciocínio, o objetivo central desse estudo que é descrever os usos e comportamentos de turistas e visitantes do Monumento ao Surf em Barra Velha (SC) através das imagens compartilhadas nas plataformas digitais.

A relevância desta investigação se dá pela contribuição ao tema no Brasil, e em especial no estado de Santa Catarina, local onde embora existam atrativos emblemáticos, com significativa relevância ao *dark tourism*, comumente são invisibilizados pelo trade turístico, órgãos públicos e gestores locais. Ressaltamos ainda que quando ganham destaque são comumente associados a outros segmentos turísticos. As descobertas podem fornecer informações e *insights* mais relevantes para o planejamento, fomento e gestão do turismo e conseqüentemente agir na salvaguarda desses monumentos, nesse sentido merece maior atenção acadêmica.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo de caráter qualitativo e de natureza exploratória se constrói via revisão bibliográfica integrativa, com o intuito de aproximar as teorias relacionadas ao *dark tourism*, ao conceito de lugar de memória de Nora (1981) e como este se correlaciona aos novos usos e comportamentos, expressos em postagens na internet, dos

turistas e visitantes do “Monumento ao Surf”, localizado na praia de Itajuba no município catarinense de Barra Velha.

A primeira etapa da pesquisa buscou realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema, com leitura, sistematização e fichamento dos principais artigos científicos encontrado em bases de dados como, CAPES, SCIELO, EBSCO e Elsevier. Na segunda fase da investigação, realizada praticamente simultaneamente, foram estipulados os parâmetros que definiram as redes sociais a serem pesquisadas, em função da convergência de aspectos relacionados à cultura, turismo, intensidade de uso e acessibilidade. A estratégia adotada para orientar e direcionar a busca de fotografias e microtextos na web foi a adoção das palavras-chave/*hashtags* (#biercoast, #itajuba, #barravelha, #pedrasbrancasenegras) e dos termos (monumento surfista Barra Velha” e “memorial surfista Barra Velha”). Em virtude da popularidade do uso das *hashtags* e de serem formatos que priorizam imagens, a coleta teve início no *Instagram* e no Google Imagens. Posteriormente o cruzamento dos dados obtidos com os textos contido nas fontes (localização, títulos e legendas), nos permitiu redirecionar a pesquisa para o TripAdvisor e Blogs.

Foram selecionadas 85 imagens, sendo a rede social *Instagram* a que proporcionou um maior volume de material. Em seguida os autores realizaram a elaboração de um banco de dados por meio de uma planilha no Microsoft Office Excel, apresentando às informações pertinentes ao levantamento junto às mídias sociais, bem como a categorização das informações proveniente de toda amostra coletada.

Por fim para confrontar, confirmar, e interpretar as informações obtidas no corpus da pesquisa foi realizada uma entrevista semiestruturada com a artista plástica Rita Machado responsável pela execução da obra. Além do material oral a artista nos possibilitou o acesso a seu acervo pessoal de registros jornalísticos e outras de fontes não oficiais coletadas ao longo da sua carreira e em especial durante o processo de construção e inauguração do monumento. Ressaltamos que as imagens contidas nas reportagens não foram utilizadas durante as análises, para manter o foco apenas nas que foram compartilhadas nas mídias digitais.

Para as análises adotamos a teoria interpretativa de Geertz (2008), por possibilitar o confronto comparativo entre o material coletado e o marco teórico acionado, por meio de uma descrição profunda e reflexiva das possíveis interpretações construídas pelos informantes. Ressaltamos ainda que para tanto nos baseamos em Banyai e Glover (2012), que apontam a análise do conteúdo fotográfico, publicado nas redes sociais, como o método popularmente utilizado para observar a transmissão das percepções visuais do destino e a construção de identidade. Em outras palavras, entendemos que com base nas leituras e significações linguísticas e semióticas presentes nas imagens compartilhadas, é permitido ao pesquisador descrever as intervenções, intenções e interações realizadas no local através dos novos usos e comportamentos retratados pelos internautas.

***DARK TOURISM*: uma aproximação ao tema**

Considerado por alguns autores como uma das formas mais antigas de turismo, Stone (2006) cita que lugares associados à morte, desastres, guerra e atrocidades, estão se tornando cada vez mais procurado pelos turistas contemporâneo e resultando, gradativamente, viagens espirituais para o turista que deseja contemplar a morte real e/ou recriar experiências relacionadas a esta. Como consequência dessa demanda por esse tipo de turismo na qual as pessoas estão procurando visitar, seja intencionalmente ou apenas como parte do roteiro da viagem, tem-se oferecido cada vez mais produtos ligados a esse tipo de atração que oferecem uma re(apresentação) de morte e sofrimento.

O termo “*dark tourism*” foi citado pela primeira vez no artigo intitulado *JFK and Dark tourism: a fascination with assassination* dos autores Foley e Lennon (1996). Considerado o trabalho mais citado sobre o tema, os autores apresentam evidências do *dark tourism* e a fascinação da mídia com a morte do ex-presidente norte americano John F. Kennedy. Posteriormente, no ano de 2000, os autores publicaram uma versão ampliada, sob o formato de livro, com o mesmo título.

Todavia, com a revisão bibliográfica feita para esse artigo, constatamos que, apesar de ser o primeiro a citar o termo *dark tourism*, não foi o primeiro a concentrar-se na relação turismo *versus* morte. A literatura apresenta outros autores que adotaram terminologias semelhantes, dentre eles destacamos: Rojek, (1993); Dann (1994); Seaton (1996); Bloom (2000) e Tarlow (2005). Em comum, as definições desses autores utilizam a morte como centro conceitual, através da mobilização

de elementos e palavras como mórbidos, macabro, sombrio, acidentes, negro e até mesmo evocando a personificação grega da morte, *thanatos*. Porém é necessário ressaltar que a atividade turística tem se apropriado desse segmento e ofertado novos produtos e serviços, em locais resultantes de desastres ou até mesmo construindo espaços propositadamente que reproduzem eventos desta natureza.

Sob este prisma Stone (2006) propôs a criação de sete categorias para o estudo das diferentes atrações relacionadas ao *dark tourism*: *Dark Fun Factories* (atrações ou passeios que predominantemente apresentam morte reais ou fictícias e eventos macabros como Drácula Park na Romênia); *Dark Exhibitions* (exibições e lugares que essencialmente misturam o design do produto para refletir a educação e as oportunidades potenciais de aprendizado como é o caso do Museu de História Americana Smithsonian); *Dark Dungeons* (lugares e atrações que apresentam códigos penais e de justiça para o consumidor atual, e giram em torno de (antigas) prisões e tribunais como é o caso da Galeria de Justiça de Nottingham); *Dark Resting Places* (cemitérios ou sepulturas, exemplo Cemitério Père-Lachaise em Paris); *Dark Shrines* (os santuários ou memoriais por exemplo o de Diana, princesa de Gales); *Dark Conflict Sites* (lugares de conflito como é o caso da batalha de Guadalcanal nas Ilhas Salomão que foi travada na Segunda Guerra Mundial) e por fim, *Dark Camps of Genocide* (campos de concentração e lugares de extermínios sendo o mais conhecido entre eles o caso de Auschwitz-Birkenau).

Mas afinal o que leva alguém em seu momento de lazer, no gozo de suas férias, ter interesse por temas mórbidos e que para a maioria das

pessoas não refletem os momentos de descontração e relaxamento que se busca com o turismo? Para entender os estímulos que propiciam a escolha por este tipo de turismo, Crompton e McKay (1997) afirmam que o estudo dos fatores psicológicos e motivacionais internos tem sido fundamental. Seguindo essa linha de pesquisa, autores como Stone (2005); Zheng, Zhang, Zhang e Qian, (2016) desenvolveram estudos cujo foco principal sobre motivações é a relação entre a psicologia e as emoções no que concerne à morte e ao morrer.

Porém nem sempre as pesquisas retratam que as motivações para visitar esses lugares são relacionadas apenas à morte. Stone e Sharpley (2013) argumentam que as atividades tabus que cercam os locais de morte tornaram-se recentemente mais comuns na sociedade ocidental moderna e que não é nem obscuro nem desviante se dedicar ao turismo relacionado à morte. Um exemplo disso é a pesquisa de Kugelmass (1994) que atribui a obrigação sentida por muitos judeus de visitar os locais do Holocausto à necessidade de se conectar à identidade coletiva desenvolvida através de um passado compartilhado. Tal fato nos sinaliza um ato de luta e resistência, uma conduta para impedir o esquecimento das atrocidades e atuar de maneira a impedir que estes voltem a acontecer.

Desse modo muitos espaços de visitação do *dark tourism*, podem se converter em santuários, categoria definida por Stone (2006), como espaços que essencialmente assumem a postura de recordar e respeitar os recém-falecidos. Seguindo esta perspectiva, concebemos neste estudo

que os monumentos e memoriais ao serem convertidos em santuários, se aproximam do conceito de Nora (1981) de “lugares de memória”.

Stone (2006) destaca ainda que os santuários podem ser construídos formal ou informalmente, quando se dá de forma espontânea é mais provável que sejam erguidos próximos ao local onde ocorreu o fato e dentro de um período relativamente próximo ao mesmo. A maioria desses Santuários não foram construídos propositadamente para o turismo, portanto muitos deles possuem pouca infraestrutura devido sua natureza temporal. Como exemplo Stone (2006) traz o Santuário construído ao redor do Palácio de Kensington na época em que Diana, princesa de Gales foi morta em 1997 e se tornou um ponto para visitação de milhões de pessoas. Logo depois ele foi desmontado e reconstruído em outro lugar, em AlthorpHouse, onde ela foi enterrada. Curiosamente o negócio está indo bem com a infraestrutura evoluindo com exposi es premiadas que ilustram a morte de Diana e homenagens subsequentes.

MONUMENTOS, MEMORIAIS, SANTUÁRIOS – os lugares de memória

Mas afinal porque teríamos a necessidade de criar monumentos, santuários e memoriais? Qual seria a real inten o de visitar esses espaços que nos aproximam da dor, da perda e do luto? Para Brett *et. al.* (2007), o propósito de projetar um memorial, mais que a busca por critérios ou padrões est ticos para sua constru o, sua importância se faz

pela necessidade de acionar os sentimentos e as situações ocorridas no local e desse modo fortalecer a memória social.

Tal ideia nos permite fazer um contraponto com o conceito de “lugar de memória” de Nora (1981, p. 7). O fenômeno pode ser entendido pelo fato de a memória ter por base algo que não existe mais, o que provoca nas pessoas a necessidade de falar sobre o assunto, e como consequência tal sentimento fica impregnado nos espaços. Em outras palavras, a necessidade de legitimar um espaço como lugar de memória se dá pelo fato de não mais estarmos conseguindo viver uma determinada memória e por isso faz-se necessário criar meios para reavivá-las.

Brett *et al.* (2007) ressaltam também que rememorar o luto e a morte, propiciam novos usos e novas funções aos espaços, ao contar uma história, ensinam as novas gerações sobre os eventos passados, melhorando o diálogo entre o passado e o presente, possibilitando a construção de um futuro melhor. Para além de um projeto de design ou de uma obra de arte, os autores descrevem os monumentos como espaços de aprendizagem, que induzem a reflexão sobre os fatos, para que estes não se repitam, fazendo o visitante questionar determinadas experiências de vida e por seguinte estimular o debate sobre os direitos humanos, a democracia, as questões relativas às representações e a conceitos como identidade, sexualidade, gênero, religião, etnia, entre outros.

Sob um panorama semelhante, Gurler e Ozer (2013) descrevem que os memoriais públicos viabilizam a manutenção da lembrança dos

eventos passados e da dor que causaram vivas na memória comum das pessoas através de sua representação física em áreas públicas. Tal fato corrobora com a ótica de Nora (1981) que estabelece que a memória apresenta a contingência de estar viva por estar presente em um determinado grupo de pessoas, conectados pelas mesmas memórias e que faz com que está se fixe nos gestos, na imagem e no objeto.

Como reflexo desses aspectos os memoriais públicos assumem a função de elo social, e possibilita a construção de áreas de diálogo democrático. Esses espaços são descritos por Brett *et al.* (2007) como oriundos de uma estrutura central de democracia em desenvolvimento e consistente, através da transparência, da abrangência, participação pública, precisão, sensibilidade e outros critérios na memorialização.

Outro recorte possível para Brett *et al.* (2007), diz respeito ao fato de os memoriais públicos servirem tanto para a transferência de informações para os visitantes, particularmente os mais jovens, como para dar aos turistas, a oportunidade de estabelecer empatia com os eventos vividos pela sociedade que eles estão visitando. Além disso, esses memoriais ajudam os turistas a levar esse estado de espírito de volta a seus próprios países e os inspiram a estabelecer um vínculo com crimes e problemas semelhantes hoje, mesmo quando enfrentados em diferentes sociedades e/ou em diferentes contextos.

No entanto, Soher (2009) afirma que um memorial contemporâneo para se converter em um lugar de memória e produza o efeito de identificação no visitante, faz-se necessário manter sua estrutura o mais próximo da escala humana, tal medida possibilita uma maior

conexão, o que pode trazer vários usos e criar um espaço de vida. As questões relativas à categorização e classificação dos memoriais, também são abordadas por Gurler e Ozer (2013) que apontam particularidades quanto ao seu conteúdo, o nível de interação possível, acessibilidade, escala e localização, como fatores que interferem na projeção que um monumento é capaz de realizar.

Nesse sentido, Soher (2009) alega que se deve fazer uma distinção entre monumento e memorial, uma vez que para a maioria das pessoas um monumento, geralmente é entendido como um objeto magnífico criado por um artista e raramente associado à obra de um arquiteto, paisagista ou designer. Para o autor monumentos representam a memória oficial e tornam-se invisíveis para os constantes usuários daquele lugar. Por outro lado, embora a memória experimentada contenha traços da memória coletiva, política ou uma memória específica de uma geração, ela está sempre dentro dos indivíduos, suas experiências e dores.

Neste contexto, se o sentimento e a informação, que se destina a ser dado pelo monumento, são dados dentro de um projeto de espaço holístico e se ele for projetado sob o título de “lugar ou local de memória” em vez de “monumento”, para Soher (2009) é mais provável escapar de ser invisível. Ao construir lugares de memória em vez de monumentos, espaços sempre vivos serão criados. Partindo desta abordagem, é possível entender monumentos como um espaço próprio e fechado, geralmente separados da vida urbana vinculados a um discurso oficial e muitas vezes distante da população, por outro lado os locais de

memória, estão ligados ao seu ambiente e podem ser incluídos no cotidiano das pessoas, potencializando um efeito positivo na memória social e na identidade urbana.

Desse modo observamos que o argumento exposto pelo marco teórico acionado permite uma ponderação preliminar sobre o Monumento ao Surf de Barra Velha. A sua transformação em lugar de memória segue as premissas de Nora (1981), ou seja, foi construído e mantido a partir de uma memória induzida, por meio da elaboração e implantação de arquivos, como aniversários, celebrações e elogios fúnebres, com o objetivo de afastar o caráter de estranheza, e dessa forma o aproximar das pessoas, tornar habitual e passível de provocar ações que reforcem novas identificações e usos.

BARRA VELHA: uma breve apresentação

Com o intuito de atingir o objetivo de pesquisa e proporcionar um melhor entendimento dos efeitos da relação do *dark tourism* com o “Monumento ao Surf”, tema de nosso estudo, faz-se necessário inicialmente uma breve apresentação da história, formação e construção do território enquanto cidade, bem como do desenvolvimento e ordenamento turístico.

Barra Velha, município localizado ao norte do estado de Santa Catarina, é uma região de colonização açoriana, que segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (2019), teve seu desenvolvimento atrelado prioritariamente à pesca da baleia, especialmente para a produção do óleo extraído desse animal, utilizado a

época na iluminação pública. Em virtude do grande volume desse óleo enviado ao Rio de Janeiro o Imperador D. Pedro I concede então a posse dessas terras o que assegurando sua expansão.

A ocupação desta zona, no entanto, segundo Souza (2016) remonta a um período anterior, em sua pesquisa ao acionar Boer (1992), constata que povos da etnia guarani já habitavam o local, informação está ratificada por Fagundes (2014) e que também fornece indicadores com base na presença de sítios arqueológicos de grupos sambaquianos para a possibilidade da ocupação deste território remeter ao período pré-colonial.

Em relação aos registros do período colonial, Fagundes (2008), apresenta como marco temporal 1660 e a Vila Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco, povoado que deu origem a cidade de São Francisco do Sul, da qual Barra Velha fez parte até 1924, quando passa a pertencer a Araquari até sua emancipação política em 1961. Atualmente o município de Barra Velha, de acordo com os dados estatísticos do último censo do IBGE (2010) apresenta uma população de 22.386 habitantes em uma área territorial de 140,351 km².

É necessário destacar que a emancipação de Barra Velha em 1961, se dá entre outros fatores, fruto de um processo que se iniciava em todo o litoral catarinense na época. Machado e Machado (2014, p. 2) descrevem que Santa Catarina nesse período foi impactada por um “adensamento dos fluxos turísticos”, que impulsionou um crescimento vertiginoso da atividade turística e consequentemente, uma crescente

necessidade de urbanização, como forma de suprir a necessidade de uma infraestrutura para o turismo, com grandes impactos socioambientais.

Os autores apontam ainda que Barra Velha passa a adotar entre as décadas de 1960-1980 o modelo de desenvolvimento turístico vigente no estado, incentivando a construção de novos hotéis, equipamentos de lazer e casas de segunda residência, para veranistas principalmente de Joinville (SC) e Curitiba (PR). Resguardada as proporções a localidade seguia o case de sucesso da região, Balneário Camboriú, e passava por um processo semelhante com uma urbanização acelerada e desorganizada, promovendo a “*gentrificação*” da comunidade e danos a natureza, na ambição de se consolidar como destino de sol e praia.

A (IN)VISIBILIDADE DO MONUMENTO AO SURF

Uma índia, uma sereia, um pescador, um surfista, Iemanjá e até Jesus Cristo, assim tem início a matéria “A Barra Velha das Estátuas” do Jornal A Notícia de 2012. Tomamos como ponto de partida que para entender e problematizar os usos e expectativas depositadas no “Monumento ao Surf”, objeto dessa investigação, é necessário observar o processo que se constrói na transversalidade dos temas arte, ecologia, turismo e memória, frequentemente mobilizados nas reportagens publicadas sobre o denominado roteiro de concreto.

Isto posto, a fim de descrever os usos e comportamentos dos turistas e visitantes do “Monumento ao Surf” em Barra Velha (SC) através das imagens compartilhadas nas plataformas digitais, este tópico apresenta as análises realizadas nesta pesquisa, com base no cruzamento

dos dados e informações coletadas, (internet, jornais e entrevista semiestruturada) com o referencial bibliográfico utilizado.

As fontes jornalísticas e a entrevista relatam que o “Monumento ao Surf” é uma obra da artista plástica Rita Machado, idealizada pelo então coordenador da Fundação Municipal de Esportes, Josias da Rocha Coutinho, com o apoio da Prefeitura Municipal de Barra Velha e da família do homenageado. A escultura em concreto e ferro mede 1,90cm e é uma homenagem póstuma ao profissional desta modalidade, Ivan Roberto Marquardt. Inaugurada durante as comemorações do 43º aniversário do município, em 04 de dezembro de 2004, está localizada no Costão das Pedras Brancas e Negras com vista para a Praia do Sol, onde Ivan costumava praticar o esporte, antes de ser vítima de um acidente automobilístico em 1985, então com 21 anos.

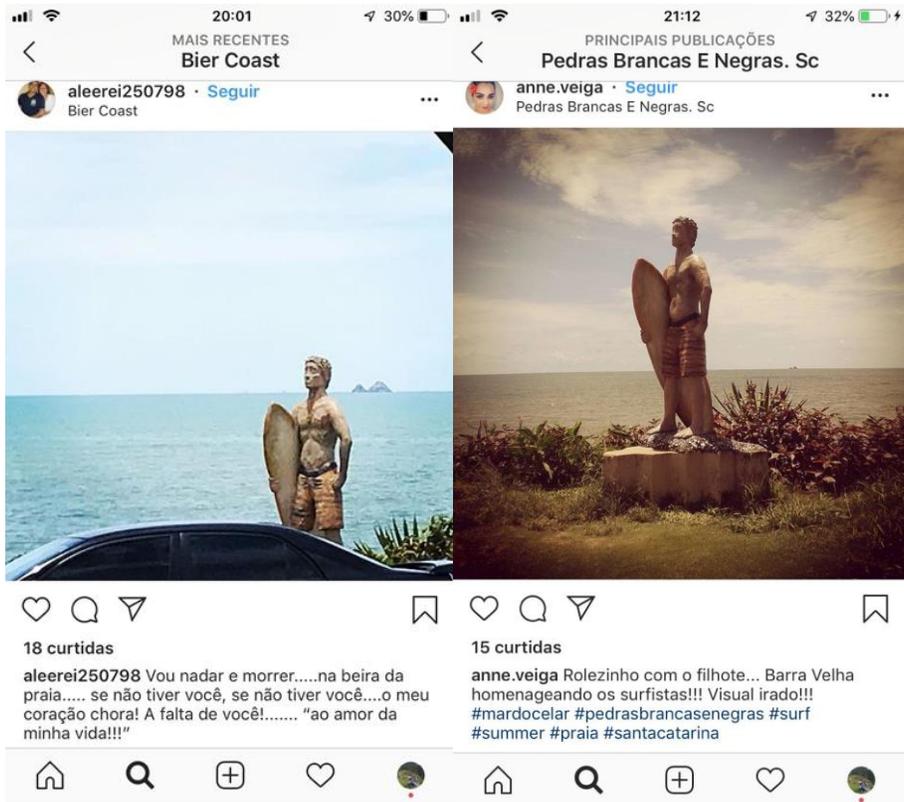
A princípio a análise foi realizada a partir das fotos e microtextos compartilhados pelos usuários nas plataformas digitais: Instagram, Google Imagens, TripAdvisor e dos Blogs. Esta etapa possibilitou verificar e agrupar as oitenta e cinco (85) imagens selecionadas em dois grupos: a) postagens sobre a estátua (monumento ao surf) e b) com temáticas diversas.

O primeiro grupo resultou em trinta e cinco (35) postagens. No entanto após um detalhamento dos conteúdos presentes nas publicações, percebemos que apenas treze (13) delas apresentaram conteúdo correlacionando à morte como memorial. As outras vinte e duas (22), embora façam referência direta ao monumento, sublima as ligações com o tema morte, dor e luto, aludindo ao monumento, como seu nome sugere a imagem do surfista Ivan associada a prática do surf enquanto modalidade esportiva, ao lazer e por extensão aos seus praticantes.

Independentemente da dualidade apresentada nas publicações desta categoria concebemos os dois tipos como pertencente ao mesmo grupo, ou seja, publicações sobre o monumento que de alguma forma aludem à memória póstuma do surfista, mesmo que indiretamente, o que atribui ao monumento o caráter de lugar de memória exposto por Nora (1981).

Visto que para o autor estes locais vivem de restos, e sofrem uma alteração analítica no âmbito material, simbólico e funcional. Nesse sentido as imagens selecionadas (Figura 01), possibilitam observar os dois tipos de situação descritos na primeira categoria. Inicialmente a presença do sentimento de luto, bem como estas vivências podem ser transferidas à outras pessoas, onde o sentido fúnebre do monumento passa a ser utilizado para rememorar a dor e a morte de outro indivíduo. Este comportamento é evidenciado tanto coma legenda, como pela *hashtag* (#4mesessemela) em outras postagens da usuária. Num segundo momento, a estátua em deferência ao surfista Ivan ganha outra dimensão ao favorecer novos usos do monumento, reforçando a ideia de que a interação indica nova vida por meio de novas memórias, ou seja, o comportamento dos surfistas que frequentam a Praia do Sol age como indutor de novas representações do surfista que originou a homenagem e mantém viva a memória através de repentinas revitalizações.

Figura 01: Monumento ao Surf



Fonte: Dados da coleta (2019)

A segunda categoria, as de temáticas diversas, resultou um número maior, totalizando cinquenta (50) postagens. Desse modo foram reagrupados em três subgrupos: turismo (férias, passeios, praia, verão); celebrações (casamento, aniversário, Dia das Mães) e “vida saudável” (dieta, caminhadas, ciclismo, esportes). Embora apresentem uma multiplicidade de formas e propósitos, sua variedade faculta um sentido comum, uma espécie de “exaltação à vida”, mesmo quando não apresentaram alguns dos elementos utilizados nas buscas textuais como,

títulos, legendas, *hashtag* e/ou localização, logo esta subdivisão teve o proposito apenas de mapear os temas, não afetando o sentido de análise comum ao grupo.

Não obstante a análise da segunda categoria também corroborar com as ideias de Nora (1981), esta imputa outro olhar. Neste caso a memória acionada através do monumento se mostra em permanente evolução, pois uma vez exposta ao antagonismo da lembrança e do esquecimento sofre uma distorção como reflexo da continuidade dos novos usos, funções e condutas comportamentais. Tal fenômeno suscita a revitalização do monumento e acarreta uma migração do foco inicial com apelo na morte e passa a simbolizar vida. É cabível rememorar que esta dualidade conceitual é entendida por Stone e Sharpley (2008) como um dos princípios para buscar um maior conhecimento epistemológico do *dark tourism*, portanto reforça o uso do monumento ao surf enquanto elemento deste segmento turístico, mesmo que sem a mesma visibilidade das postagens agrupadas na primeira categoria deste estudo.

Esta segunda categoria abriu espaço para descortinar uma última inquietação. Uma vez que o Monumento ao Surf foi idealizado como um memorial, como sugere o trecho da entrevista com a artista plástica: “*Ele falou que tinha um desejo muito grande em fazer um monumento e homenageá-lo*”, quais elementos poderiam ocasionar em determinados momentos uma invisibilidade do viés de *dark tourism* da escultura?

Consideramos como resposta mais pertinente, exatamente uma das características fundantes deste segmento, a dualidade conceitual entre morte/vida. Erguido sob a égide da morte, o monumento busca

preservar a memória do homenageado e assim mobiliza as lembranças dos seus amigos e familiares, impregnando o memorial não apenas com o sentimento da perda e do luto, facilmente observado na placa fixada aos pés da estátua, mas também com a vivacidade do jovem desportista.

É perceptível também uma sincronia entre os efeitos observados nas imagens postadas, com o envolvimento da artista no projeto ambiental “Liberte o Verde” e o fato do espaço onde está localizado o monumento ser um destino consolidado de sol e praia. A arte e a preocupação ambiental transformaram a paisagem, e a reunião desses fatores cênicos estimularam a revitalização do entorno e o fomento turístico da Praia do Sol e do Costão das Pedras Brancas e Negras.

Esta conjuntura de fatores em analogia aos estudos de Rosário, Cordeiro e Cruz (2016) sobre a arquitetura contemporânea, faculta o entendimento de que o espaço ao se tornar mais atrativo e favorecer maior interatividade com os usuários, passa por uma transformação, mutação e ressignificação. Como efeito concreto observamos que os diferentes padrões de comportamento ao estimular novos usos do monumento ao surf, embora propicie maior notoriedade nas plataformas digitais, atenua seu aspecto mais sombrio, o fato de ter sido idealizado como memorial. Consequentemente ao mesmo tempo em que projeta o atrativo, confere certa invisibilidade as características relacionadas ao *dark tourism*.

Por fim quando perguntada sobre as representações e associação que os turistas e visitantes fazem da obra em relação aos diversos temas e

as questões relacionadas ao turismo, em especial com o *dark tourism*, a artista responde que:

“Entendo muito bem o processo e entendo essa aura que existe entorno disso tudo ali. Não me incomoda. Todas as tribos podem fazer o que quiserem. É público. Está lá realmente para isso, e se eles sentem uma boa energia para isso eu acho bacana. A arte tem que provocar”.

A artista se refere ao fato de que este processo fortaleceu uma cadeia de elos, criando vínculos com os surfistas da região, estabelecendo uma maior identificação e pertencimento com o local, reforçando um sentimento de celebração a natureza e a vida. Por fim entendemos que o modo como os diferentes atores sociais interagem com a estátua, sua relação com os diversos temas e os momentos que estão vivendo, constroem suas representações sobre o memorial na ocasião que retratam e compartilham suas impressões nas plataformas digitais. Este processo, portanto, ressalta as vivências de cada indivíduo e produz um maior número de publicações que exaltam a vida e não a morte, elemento fundante da escultura e do *dark tourism*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de natureza qualitativa e exploratória desenvolvido no município catarinense de Barra Velha buscou estabelecer um debate inicial sobre as questões relativas ao *dark tourism* relacionadas aos novos usos e comportamentos dos turistas e visitantes do Monumento ao Surf através das imagens compartilhadas nas plataformas digitais para

posteriormente descrever o resultado dessas interações a partir da teoria interpretativa de Geertz (2008).

O ponto de partida para a investigação foi construído baseado no pressuposto de que o monumento idealizado como uma homenagem póstuma, portanto entendido pelos autores como um memorial, embora se caracterize como um lugar de memória tenha de maneira geral uma aparente invisibilidade deste aspecto nas publicações da maioria dos usuários.

Como descrito no corpo do texto, a busca das imagens e microtextos foi pautada na utilização de palavras-chaves e das marcações realizadas com a localização geográfica do monumento. Ao final foram selecionadas e catalogadas 85 imagens, no Instagram, Google Imagens, TripAdvisor e Blogs. Posteriormente o conteúdo do banco de dados construído foi analisado com base no seu conteúdo fotográfico e linguístico.

O confronto do material coletado com a revisão da bibliografia e a entrevista realizada com a autora da obra permitiu alcançar o objetivo da pesquisa e apontar os seguintes resultados. O monumento ao surf em virtude da sua idealização e construção como memorial póstumo apresenta uma correlação direta com os elementos do *dark tourism*, portanto pode ser entendido como um lugar de memória e consequentemente respalda seu uso como atrativo deste segmento turístico.

No entanto apenas uma parcela menor das publicações remete ou exalta a morte, a dor e o luto, característica edificadora do

monumento. Embora este apelo seja visível nas informações afixadas na estátua, à reunião de outros elementos induz ao distanciamento do aspecto de morbidez e aproxima do que consideramos ser uma exaltação e celebração a vida. Nesse sentido os novos usos e comportamentos dados pelos usuários refletem majoritariamente os atributos naturais, as práticas desportivas, as comemorações e momentos de lazer.

Esta situação possibilita evidenciar outra característica que compõem a natureza antagônica do *dark tourism*, a existência por meio de binômios divergentes como: morte/vida, lembrança/esquecimento, medo/diversão, entre outros. Tal fato ocasiona o que denominamos de uma aparente (in)visibilidade, ou seja, ao mesmo tempo que as postagens causam o efeito de projetar e ampliar a visibilidade do monumento na web, por outro lado afasta e diminui seu lado sombrio e obscuro, mesmo que este seja sua faculdade idiossincrática inicial.

REFERÊNCIAS

BANYAI, Maria; GLOVER, Troy D. Evaluating Research Methods on Travel Blogs. **Journal Of Travel Research**, [s.l.], v. 51, n. 3, p.267-277, 8 jun. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0047287511410323>.

BEECH, John. The enigma of holocaust sites as tourist attractions - the case of Buchenwald. **Managing Leisure**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.29-41, jan. 2000. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/136067100375722>. BIRAN, Avital et al. Consuming post-disaster destinations: The case of Sichuan, China. **Annals Of Tourism Research**, [s.l.], v. 47, p.1-17, jul. 2014. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2014.03.004>.

BLOM, Thomas. Morbid tourism - a postmodern market niche with an example from Althorp. **NorskGeografiskTidsskrift - Norwegian Journal Of Geography**, [s.l.], v. 54, n. 1, p.29-36, 24 maio 2000. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/002919500423564>.

BOER, Peter. **Barra Velha através dos tempos**. Barra Velha: Edição independente, 1992.

BRETT, Sebastian, et. Al. **Memorialization and Democracy: State Policy and Civic Action**. Santiago do Chile: Se, 2007.

BUDA, Dorina Maria. The death drive in tourism studies. **Annals Of Tourism Research**, [s.l.], v. 50, p.39-51, jan. 2015. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2014.10.008>.

CROMPTON, John L.; MCKAY, Stacey L.. Motives of visitors attending festival events. **Annals Of Tourism Research**, [s.l.], v. 24, n. 2, p.425-439, jan. 1997. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0160-7383\(97\)80010-2](http://dx.doi.org/10.1016/s0160-7383(97)80010-2).

DANN, G. **Tourism: the nostalgia industry of the future**. Butterworth Heinemann: Oxford, 1994. 55 p.

DANN, G. **The dark side of tourism**. Aix-en-provence: Centre International de Recherches Et D'études Touristique, 1998.

DUNKLEY, R; MORGAN, N; WESTWOOD, S. **A shot in the dark?: Developing a new conceptual framework for thanatourism**. Sl: Asian Journal Of Tourism And Hospitality Research, 2007. 54 p. Disponível em: <<http://orca.cf.ac.uk/id/eprint/35984>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

EBRU, Gurler Erbas; OZER, Basak. The Effects of Public Memorials on Social Memory and Urban Identity. **Procedia - Social And Behavioral Sciences**, [s.l.], v. 82, p.858-863, jul. 2013. Elsevier BV

FAGUNDES, C J. **Barra Velha: portal das praias catarinenses**. In: **Fagundes, J. C. et. al. Perfil Cultural e Turístico dos Municípios Catarinenses**. Barra Velha: Glück Edições Ltda, 2008.

FAGUNDES, C J. **Compêndios: fragmentos para a história de Barra Velha**. São Paulo: Scortecce, 2014.

FOLEY, Malcolm; LENNON, J. John. JFK and dark tourism: A fascination with assassination. **International Journal Of Heritage Studies**, [s.l.], v. 2, n. 4, p.198-211, dez. 1996. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13527259608722175>.

GEERTZ. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ltc (reimpressão), 2008.

HUGHES, R. Dutiful tourism: Encountering the Cambodian genocide. **Asia Pacific Viewpoint**, p. 318-330.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/barra-velha>. Acessado em 15 de janeiro de 2019.

KUGELMASS, J. **Why we go to Poland. Holocaust tourism as secular ritual**. In **J. E. Young (Ed.), The Art of Memory: Holocaust memorials in history**. Berlin: Prestel, 1994.

MACHADO, G.; MACHADO, C. B. G. Expansão Urbana na Península de Barra velha/SC e Problemas Ambientais Relacionados. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, Vitória: UFES/AGB, 2014.

NORA, P. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Puc-sp., 1981.

QIAN, F. **Let the dead be remembered: Interpretation of the Nanjing massacre memorial**. In **W. Logan & R. Keir (Eds.), Places of pain and shame: dealing with “difficult heritage” (pp. 17–33)**. London: Routledge, 2009.

ROJEK, C. **Waysof escape**. Basingstoke: Macmillan, 1993.

ROSÁRIO, R. S.; CORDEIRO, B. C.; CRUZ, S. I. B. Museus e arquitetura: uma análise sobre as transformações arquitetônicas dos edifícios culturais. **Revista Científica das Áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte**, Sl, v. 1, n. 9, p.26-31, 2016.

SEATON, A.v.. Guided by the dark: From thanatopsistothanatourism. **International Journal Of Heritage Studies**, [s.l.], v. 2, n. 4, p.234-244, dez. 1996. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13527259608722178>.

SLADE, Peter. Gallipoli thanatourism. **Annals Of Tourism Research**, [s.l.], v. 30, n. 4, p.779-794, out. 2003. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0160-7383\(03\)00025-2](http://dx.doi.org/10.1016/s0160-7383(03)00025-2).

SOHER, S. **KamusalMekândaBellek, İmkanmekan, YuvarlakMasaSöyleşileri.** Istanbul: 1, 2009.

SOUZA, A. B. Um patrimônio cultural em conflito memórias, morte e transferência do cemitério da lagoa em Barra Velha. **Dissertação de Mestrado**, Joinville. 2016.

STONE, P. R. Dark tourism consumption: a call for research. **E-review Of Tourism Research**, v. 5, n. 3, p.106-117, 2005.

STONE, P. R. A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. **Tourism: An Interdisciplinary International Journal**, v. 2, n. 54, p.145-160, 2006.

STONE, Philip; SHARPLEY, Richard. Consuming dark tourism: A Thanatological Perspective. **Annals Of Tourism Research**, [s.l.], v. 35, n. 2, p.574-595, abr. 2008. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2008.02.003>.

STONE, Philip R. Dark tourism and the cadaveric carnival: mediating life and death narratives at Gunther von Hagens' Body Worlds. **Current Issues In Tourism**, [s.l.], v. 14, n. 7, p.685-701, set. 2011. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13683500.2011.563839>.

STONE, Philip R. Dark tourism and significant other death. **Annals Of Tourism Research**, [s.l.], v. 39, n. 3, p.1565-1587, jul. 2012. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2012.04.007>.

STONE, P. R.; SHARPLEY, R. **Deviance, dark tourism and “dark leisure”:** Towards a (re)configuration of morality and the taboo in secular society. In S. Elkington& S. Gammon (Eds.), *Contemporary perspectives in leisure: Meanings, motives and lifelong learning* (pp. 54–64. Abington: Routledge, 2013.

TARLOW, P. Dark tourismThe appealing ‘dark’ side of tourism and more. **Niche Tourism**, [s.l.], p.47-58, 2005. Elsevier. <http://dx.doi.org/10.1016/b978-0-7506-6133-1.50012-3>.

ZHENG, Chunhui et al. Exploring sub-dimensions of intrapersonal constraints to visiting “dark tourism” sites: a comparison of participants and non-participants. **Asia Pacific Journal Of Tourism Research**, [s.l.], v. 22, n. 1, p.21-33, 26 abr. 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10941665.2016.1175489>.

WINTER, C. Battlefield visitor motivations: Explorations in the Great War Town of Ieper, Belgium. **InternationalJournalOfTourismResearch**. v. 2, n. 13, p.164-176, 2011.



***DARK TOURISM*: um estudo sobre as publicações científicas no Brasil**

NASCIMENTO, Felipe Gomes
EVANGELISTA, Gabriela Patrício Diniz
BRAMBILLA, Adriana
VANZELLA, Elídio

Na sociedade atual os indivíduos têm apresentado novas motivações de fazer turismo. Dentro dessas novas perspectivas, existe a procura por viagens para lugares que possibilitem experiências e produtos inusitados e inovadores (PREZZI, 2009).

Com base nesse novo paradigma, novas tipologias de turismo têm emergido na sociedade atual, dentre elas, o *Dark Tourism*, que surge das motivações para visitar lugares que remetem à morte, desastres, bem como locais de riscos ou aqueles que causam dor e sofrimento (FOLEY e LENNON, 2000).

Embora seja possível encontrar exemplos práticos desse segmento turístico desde o século XIX, a discussão no campo teórico, iniciou-se a partir do ano de 1996, ganhando notoriedade em 2000 (STONE e SHARPLEY, 2008). Demonstrando dessa forma, que essa área é recente e carente de estudos no que se refere à discussão teórica e prática, principalmente no contexto brasileiro. Desta maneira, este trabalho teve como objetivo analisar as publicações científicas que abordam a temática do *Dark Tourism*, buscando demonstrar como o tema

vem sendo tratado nas revistas acadêmicas brasileiras.

Portanto, pretende-se com esse estudo o levantamento e a análise das publicações sobre o *Dark Tourism*, observando as áreas de estudo, ano de publicação, local e características dos autores. Esse trabalho justifica-se pela necessidade de conhecer como essa temática vem sendo trabalhada no Brasil e como ela tem contribuindo para o mercado turístico. Além disso, o trabalho é uma contribuição teórica para pesquisadores, empreendedores e poder público que desejam conhecer e investir nessa área.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dark Tourism: Origem e caracterização

Viajar para lugares que remetem à morte, não é um fenômeno recente. Historicamente algumas experiências ligadas à morte impulsionavam diversas pessoas a desloca-se para outros locais, por exemplo, as batalhas de gladiadores que ocorriam no antigo Império Romano. Os espectadores dessa época eram ávidos para assistir às batalhas que ocorriam no Coliseu Romano e que se constituíam de confrontos sangrentos, resultando em morte para um dos lutadores. Outro exemplo que pode ser mencionado está relacionado às execuções públicas que ocorriam no período medieval e que tinham como finalidade visível a dissuasão do povo, essa prática no que lhe concerne, ocorreu até o século XIX (STONE, 2006).

Como o decorrer do tempo, as viagens para lugares de morte e desastres foram ganhando atenção por parte dos teóricos acadêmicos, que começaram a pesquisar para entender melhor esse novo segmento turístico. No ano de 1993, Rojek, criou a expressão “*Black Spots*” para definir a comercialização de lugares que apresentavam ameaça à integridade física ou que haviam sido palco de morte de celebridades, ou de muitas pessoas, no entanto, essa prática ainda não era conhecida como atividade turística (PREZZI, 2009). Foi a partir de Seaton no ano de 1996, que essa prática foi trazida para a reflexão turística, sendo caracterizada como *thanaturismo*, uma vez que a *thanatopsis* (contemplação da morte) constituía o principal interesse dos turistas (SEATON, 1996). A expressão *Thanatourism* é proveniente da palavra “*thanatos*”, que na mitologia grega representa o Deus que é a personificação da morte e é considerado uma forma extrema do turismo de sofrimento, pois envolve a observação da morte durante seu acontecimento (PREZZI, 2009).

Ainda no ano de 1996, os autores Foley e Lennon adotaram o termo *Dark Tourism* para caracterizar as motivações para visitar lugares que remetesse a morte, desastres e sofrimento. No ano 2000 esse termo tornou-se título de um livro promovendo a consolidação da expressão, tornando-a mais conhecida e sendo atualmente a mais utilizada, devido a sua abrangência (STONE e SHARPLEY, 2008).

Embora o termo *Dark Tourism* seja bastante discutido no meio acadêmico, ainda não existe um consenso do mesmo, mas, inúmeros autores têm apresentado diversos conceitos e designações a fim descrevê-los, como turismo macabro, turismo sinistro, turismo nas

trevas, turismo mórbido, turismo trágico, turismo sombrio (FERREIRA, 2010). Para fins desse estudo será utilizada a expressão *Dark Tourism* proposta por Foley e Lennon (2000), tendo em vista que o conceito é o mais utilizado na literatura.

Foley e Lennon (2000) consideram essa categoria de turismo com um fruto intrínseco do mundo pós-moderno, na qual está estreitamente ligado ao avanço tecnológico e o amplo acesso da internet dos indivíduos. O uso das mídias aumentou radicalmente a disponibilidade de informações, imagens, exibição de filmes de diversos acontecimentos de diversos lugares, estimulado o interesse dos consumidores a conhecerem os fatos que sucederam no mesmo (STONE, 2006; PREZZI, 2009).

Esse mesmo pensamento é reforçado por Dantas, (2008, p.58):

“apesar de o Turismo *Dark* já ocorrer há muito tempo, um dos fatores que podem explicar o interesse atual pelas regiões que compõem esse segmento de turismo, é a mídia. Nos dias de hoje é possível acompanhar ao vivo eventos funestos, mesmo estando milhares de quilômetros distante deles. Durante o “11 de setembro” viu-se pela televisão pessoas se jogando dos edifícios, em uma tentativa de salvarem-se das chamas, bem como pôde-se acompanhar os preparativos para a chegada do furacão Katrina e as suas consequências na cidade de Nova Orleans. Com isso, as pessoas tornam-se testemunhas de algo que nem sequer aconteceu em suas cidades ou países.”

Associado ao grande poder de influência da mídia no fortalecimento nesse segmento turístico, o autor Sharpley (2009) aponta

que essa prática tem crescido, pois eleva o *status* da pessoa que o praticou. As pessoas querem realizar experiências turísticas que possam fornecer experiências concretas e para que sejam relatadas para outras pessoas.

Para Stone (2012), o *Dark Tourism* concentra-se no elo existente entre turismo e mortalidade, atuando como um instrumento facilitador para a compreensão e interpretação dos fenômenos específicos das sociedades atuais. Coutinho e Baptista (2014), afirmam que esse conceito é uma oportunidade para os indivíduos manterem relação com os mortos e satisfazerem suas curiosidades acerca da morte em um ambiente socialmente aceito. Essas relações são regidas por diversos motivos: como uma forma de informação, intercessão, cuidado, educação, entretenimento, de orientação, recordação, *memento mori* (reflexão a respeito da própria morte) e assombração.

Embora não haja consenso do conceito do *Dark Tourism*, verifica-se que existe uma intercessão entre os elementos dos diferentes conceitos como morte, atrocidades e sofrimento, além disso, os conceitos apresentados demonstra que o turismo atua como uma forma de conexão com outros temas como a educação, historicidade, memorização e valorização de um determinado turístico.

Dark Tourism: categorização

Embora o termo "*Dark Tourism*" seja universal e possua uma grande abrangência, ele por si só não expõe a complexidade, finalidade e diversidade da oferta turística. Portanto, é necessária uma análise dos

aspectos do *Dark Tourism*, no que concerne aos traços, características e percepções. Para melhor entender essa complexidade, Stone (2006), propôs uma análise do termo “Dark”, construindo um espectro de tonalidades dentro do *Dark tourism*, que variam desde as mais escuras às mais claras, partindo do pressuposto que uma localidade pode possuir mais características macabras que outras. O autor Prezzi (2006) contribui para essa compreensão dividindo da seguinte forma:

- **Os atrativos poucos sombrios** – Estão presentes nesta categorização as infraestruturas turísticas sombrias criadas especificamente para o entretenimento, em uma perspectiva mais comercial. Um bom exemplo disso é o *The London Dungeon (Calabouço)*. Apresentando-se em formato de uma espécie de aula de história macabra, sangrenta e assustadora, sendo encenada por atores que representam as histórias mais tenebrosas desde a época medieval da cidade de Londres. Localiza-se em uma espécie de museu interativo, tendo como referência uma das Ruas de Londres que foi palco de várias torturas na antiguidade. Os participantes que visitam o local geralmente se dispõem a experimentar de tudo o que é proposto na localidade.
- **Atrativos medianamente sombrios** - Estão presentes nessa categoria atrativos como, cemitérios. Hoje, um grande contingente de pessoas se desloca para visitar cemitérios, seja por motivos de curiosidade, seja apenas para conhecer túmulos de famosos, pela admiração estética do local, entre muitos outros fatores. Os cemitérios podem estar ligados a locais de aquisição de conhecimento sobre diversos temas, como história, arte, arquitetura ou ainda sobre a natureza, através de seus jardins e ruas.

- **Atrativos muito sombrios** – possuem uma relação mais próxima com a morte em si, possuindo um caráter mais educacional e de conservação histórica, sendo oferecidos em locais que não foram concebidos com o intuito de se tornarem atrações. Muitas vezes, os locais onde se desenvolve esse tipo de turismo acabam por ser palco de algum tipo de acontecimento histórico.

Para ampliar a compreensão, Stone (2006) propõe a classificação do *Dark Tourism* em sete classes:

- *Dark Fun Factories* (Fábricas de Diversão Sombria): referem-se aos locais criados especificamente para o turismo e têm como principal objetivo entreter os visitantes. Para isso, os mesmos trabalham a partir da organização de apresentações relacionadas com a morte real ou fictícia e eventos macabros, como *London Dungeon* e o *Dracula Park* (Romênia).
- *Dark Exhibitions* (“Exibições Sombrias”): alude a exposições e locais que têm como principal objetivo fornecer experiência mais educativa para seus visitantes. As exposições possuem uma diversidade de produtos e, são muitas vezes realizadas longe do local real da morte, como, por exemplo: a exposição realizada pelo *Smithsonian Museum of American History*, intitulada *September 11: Bearing Witness to History*, a *'Catacombe dei Cappucini'* em Palermo, realizado na Itália.
- *Dark Dungeons* (“Calabouços Sombrios”): referem-se aos atrativos que estão inseridos em locais que a priori não foram pensados para o turismo, como prisões e tribunais desativados. Eles possuem um enfoque principal no entretenimento e educação e ocupam o centro do espectro proposto. Exemplos: *Galleries of Justice* com sede em *Nottingham* - UK, *Robben Island* localizado na Cidade do Cabo na África do Sul, *Alcatraz* Baía de

São Francisco na Califórnia, Estados Unidos, *Old Melbourne Jail* na Austrália.

- *Dark Resting Places* (“Locais de Descanso Sombrios”): destacam-se nessa prática turística a visitação a cemitérios e sepulturas. As principais características destes produtos estão associadas a uma abordagem histórica e à conservação da arquitetura local. Exemplos: Pere-Lachaise em Paris, Hollywood “dearly departed tours”.
- *Dark Shrines* (“Santuários Sombrios”), refere-se à visitação de locais em que ocorreram eventos de morte, sendo marcados por serem um atrativo mais informal. Eles podem ser projetados tanto próximo ou como no local do ocorrido, dentro de um período muito curto da morte. Esses espaços são geralmente visitados com finalidade de prestar homenagens aos falecidos. Essa tipologia está relacionada com o espectro mais negro, pois está relacionada diretamente com a morte. Exemplo: A cidade de Soham no Reino Unido, que se tornou destino turístico devido à morte de dois jovens estudantes.
- *Dark conflict sites* (“Áreas de conflito”), esse tipo de turismo, gira em torno da comercialização de espaços de guerra e campos de batalha. Eles são associados à fatores educativos e históricos e proporcionam aos consumidores reviver os fatos ocorridos durante uma guerra. Exemplo: O grupo *Western Front Battlefield Tours* possibilita ao visitante uma oportunidade de visitar locais de batalha como Ypres e Somme com mapas de trincheiras e diários de guerra.
- *Dark camps of genocide* (“Campos de genocídio”) são pontos de atração turística associados com extermínios e campos de concentração, morte em massa. Este ocupa a parte mais obscura do espectro, por estar relacionado direto com a morte em grande escala. Exemplos: Auschwitz e Treblinka, localizados na Polônia.

Em virtude dos fatos apresentados, fica evidente que o *Dark Tourism* apresenta uma gama de características intrínsecas que vão além do próprio fator econômico e do consumo da “morte”, pois ele tem potencialidade para promover ações como a conservação histórica de uma determinada localidade, como ações educativas a partir das áreas visitadas.

Dark Tourism: Uma breve contextualização acerca do tema no Brasil

Embora os estudos sobre o *Dark Tourism* ainda sejam recentes no Brasil, é possível encontrar diversos atrativos macabros no país. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, podem-se encontrar diversas opções de oferta turística do *Dark Tourism*, dentre elas, destaca-se o Memorial dos Pretos Novos, que é parte do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – IPN, que tem como principal finalidade promover uma reflexão acerca do período de escravidão no Brasil. O local ficou conhecido por “Pretos Novos”, pois era a denominação utilizada para os escravos recém-chegados ao Brasil. Atualmente, são ofertadas exposições permanentes, relatando a história e todas as atrocidades da época (MUSEUS DO RIO, 2014; INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA PRETOS NOVOS - IPN, 2019). Outro atrativo é o Palácio do Catete que abriga o Museu da República. O museu apresenta memórias de momentos de consternação e comoção para a história nacional, como o velório do presidente Afonso Pena, em 1909, e o suicídio de Getúlio Vargas, que ocorreu em 1954 nas dependências do palácio (MUSEU DA REPÚBLICA, 2019).

Há também no Brasil, exemplos de turismo voltado à visitação em presídios e manicômios. Um caso notório é o antigo presídio Instituto Penal Cândido Mendes situado no Rio de Janeiro, mais precisamente em Ilha Grande. O local foi construído como objetivo de abrigar presos de crimes comuns, mas tornou-se com o passar do tempo prisão de segurança máxima. Algumas figuras ilustres passaram por esse presídio, como o escritor Graciliano Ramos, que posteriormente à sua liberdade escreveu o livro “Memórias do Cárcere” contando suas vivências no presídio (RIBEIRO, 2013).

Em relação ao manicômio, destaca-se o Hospital Colônia de Barbacena, localizado em Barbacena, Minas Gerais. Ele foi o primeiro Hospital Psiquiátrico, mas que está desativado atualmente. Na edificação do antigo hospital foi instalado o museu da loucura em 1996 com objetivo de contar os maus tratos e o desrespeito que ocorreram aos pacientes de problema mentais. As pessoas têm acesso a diversos equipamentos que eram usados no tratamento dos pacientes, bem como exposição, fotografia e vídeos (RIBEIRO, 2013).

O turismo cemiterial é outra tipologia dentro do *Dark Tourism* encontrado no Brasil, mas que é pouco incentivado no Brasil, tendo em vista sua característica de morbidade e a falta de investimento público para promover esses locais (FIGUEIREDO, 2015), mas é possível encontrar esse passeio no estado de São Paulo. O cemitério Consolação é o mais antigo do estado e o pioneiro em visitação. Atualmente a visita conta com estrutura tecnológica para tornar a experiência mais completa. Alguns túmulos possuem *QR codes* (Código de Resposta Rápida) grafados

em plaquetas proporcionando mais detalhe da vida das pessoas sepultadas (BITTENCOURT; MOROMIZATO; *et al.*, 2018).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando atender ao objetivo de analisar as publicações científicas que abordam a temática do *Dark Tourism*, buscando demonstrar como o tema vem sendo tratado nas revistas acadêmicas brasileiras. O trabalho caracteriza como bibliográfico e quantitativo. Para Macedo (1994) a pesquisa bibliográfica é por onde a pesquisa científica tem seu início, e pretende rever a literatura do assunto proposto bem como estudo em diferentes fontes bibliográficas, como livros, artigos de revistas acadêmicas, trabalhos de congressos, teses entre outros. Desse modo, a pesquisa bibliográfica corrobora para a compreensão sobre o que se pesquisou e trabalhou-se, comprovando como e sob qual aspecto o assunto é tratado na literatura científica brasileira (ALMEIDA, BRAMBILLA, *et al.*, 2016). Outro procedimento utilizado neste estudo, foi a técnica de meta-análise que permite ao pesquisador unir todos os dados, por exemplo, os dados estatísticos, bem como uma discussão sobre a literatura de forma a analisar e discutir os inúmeros estudos brasileiros, sendo assim, Roscoe e Jenkins (2005), asseveram que a meta-análise baseia-se no ato de pôr diferentes estudos que envolve a mesma temática em banco de dados semelhante, para posteriormente aplicar métodos analíticos, além de estatísticos para argumentar a variância dos resultados usando fatores comuns aos estudos, quer dizer, é um procedimento metodológico que apresenta uma síntese de uma

quantidade de conclusões em um campo de pesquisa exato, propiciando a pesquisa uma maior exatidão nos seus resultados (COOPER, 2010).

Para coleta de dados realizou-se levantamento dos estudos publicados em revistas científicas no período de 2000 a 2019, no *Google Acadêmico* em língua portuguesa, conforme os critérios de área de estudo, tipo de pesquisa, ano de publicação e instrumento usado. A coleta foi realizada entre os meses de fevereiro a abril de 2019.

Finalmente o estudo enquadra-se como de cunho quantitativo, por ter-se utilizado métodos estatísticos para análise dos resultados garantindo-lhe assim uma maior precisão dos resultados (BEUREN, 2006). Os resultados foram apresentados em tabelas para posteriormente serem realizadas a interpretação e a discussão deles.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com objetivo de analisar as publicações científicas que abordam a temática do *Dark Tourism*, demonstrando como o tema vem sendo tratado nas revistas acadêmicas brasileiras, foi realizado levantamento de dados no *Google Acadêmico* em língua portuguesa, tomando como base as publicações realizadas em revistas científicas no período de 2000 a 2019 e possibilitou os seguintes resultados e discussão.

Verificou-se que as publicações científicas sobre *Dark Tourism* no Brasil, começaram a ser disseminadas a partir do ano de 2004 (5,26%), mas esse fato não refletiu nos anos consecutivos, ocorrendo uma queda na produção científica em 2005 a 2006, retornando em 2007 (10,52%), e

ganhando notoriedade a partir do ano de 2015 e 2016 (21,05%), perpassando para 2018 (26,31%) e 2019 (10,52%). (Tabela 1)

Os dados demonstram que os estudos na área de *Dark Tourism* iniciaram quatro anos após o termo ser difundido por Foley e Lennon no ano de 2000, além disso, é notório o crescimento da temática no Brasil, mas que ainda é assunto incipiente e fragmentada na literatura.

Tabela 1: Ano de publicação

Ano	Quantidade	Porcentagem
2004	1	5,26
2007	2	10,52
2014	1	5,26
2015	4	21,05
2016	4	21,05
2018	5	26,31
2019	2	10,52
Total:	19	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

Com propósito de conhecer a área da revista que os artigos estavam publicados, verificou-se a classificação da área de conhecimento de cada periódico científico. Os resultados demonstraram que os trabalhos desenvolvidos sobre o *Dark Tourism* foram publicados em diferentes áreas do conhecimento, com destaque para a área de sociologia com 25,05%, história (21,05%), e em Turismo e 15,78%. (tabela 2). Os fatos apresentados revelam a interdisciplinaridade da temática do *Dark Tourism*, visto que a maioria dos artigos foram publicados em periódico de diferentes áreas de saberes, ultrapassando o ramo turístico.

Outrossim, é o destaque encontrado para as revistas nas áreas de história e sociologia que pode ser explicado pela ligação entre do *Dark Tourism* e fatos históricos e sociais, pois esse segmento tem em sua essência os fatos históricos e acontecimentos sociais como produtos para a oferta turística, uma vez que ele atua como incentivo para a preservação cultural e social de diversos acontecimentos, como por exemplo, o caso do museu da loucura localizado em Barbacena, Minas Gerais. A visita é uma forma de sensibilizar as pessoas a terem mais empatia com os indivíduos com problemas mentais e de perpetuar a história para que ela não venha repetir-se.

Tabela 2: Área de estudo da revista científica

Área de estudo	Quantidade	Porcentagem
Cultura e Turismo	2	10,52
Geografia	1	5,26
História	4	21,05
Hospitalidade	2	10,52
Letras	1	5,26
Marketing e Turismo	1	5,26
Turismo	3	15,78
Turismo e Hospitalidade	1	5,26
Sociologia	4	21,05
Total	19	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

No que se refere ao tipo de pesquisa, observou-se que 63,64% são de origem bibliográfica, seguida pelas pesquisas exploratórias e qualitativas com 18,18% e finalmente as pesquisas descritivas e qualitativa com 9,09% (tabela 3). Evidencia-se que o debate sobre esse tipo de turismo, está pautado na base teórica ou melhor, em estudo

bibliográfico, demonstrando que os estudos estão na busca de entender esse fenômeno que ainda é incipiente no contexto brasileiro.

Tabela 3: Tipo de Pesquisa

Tipo de pesquisa	Quantidade	Porcentagem
Bibliográfica	14	63,64
Descritivo	2	9,09
Exploratório e Qualitativo	4	18,18
Qualitativo	2	9,09
Total:	22	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

No que diz respeito aos instrumentos de coleta de dado, a maior visibilidade foi o bibliográfico com 60%, seguido pelos instrumentos de entrevista com 20% e estudo de campo com seus 10% e por fim, a utilização de questionário e análise documental, onde ambos se encontram com 5% (tabela 4). Os resultados estão em consenso com achados no item anterior (tabela 3), reforçando a limitação dos trabalhos em pesquisas de campo.

Tabela 4: Instrumento de Coleta de Dados

Instrumento de coleta de dados	Quantidade	Porcentagem
Bibliográfico	12	60
Documental	1	5,0
Entrevista	4	20
Estudo de campo	2	10
Questionário	1	5,0
Total:	20	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

Em relação às Instituições dos autores, observou-se que o maior destaque foi para Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar (ESTM) com 11,11%, seguida da Pontifícia Universidade Católica (PUC) Minas, Universidade Anhembi Morumbi (UAM), Universidade de São

Paulo (USP), Universidade Feral do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Feral de Pernambuco (UFPE), Universidade Feral do Paraná (UFPR) com 8,88% (tabela 5). Constatou-se que os trabalhos desenvolvidos têm sido escritos por autores que fazem parte do ensino voltado para o ramo turístico, tendo em vista que o maior número de autores é da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar (ESTM) com 11,11% em Portugal, cabe uma ressalva que mesmo que as publicações façam parte de uma instituição dos atores sejam internacionais, o estudo foi publicado em revistas brasileiras.

Tabela 5: Instituição dos Autores

Instituição dos autores/ Estado	Quantidade	Porcentagem
Binghamton University – Nova York	2	4,44
ESTM – Peniche	5	11,11
IFBA – Bahia	1	2,22
PUC – Minas	4	8,88
UAM – Amazonas	4	8,88
USP – São Paulo	4	8,88
UCS – Caxias do Sul	2	4,44
UDESC – Santa Catarina	1	2,22
UERJ – Rio de Janeiro	2	4,44
UFAM – Amazonas	1	2,22
UFC – Ceará	1	2,22
UFRGS – Rio Grande do Sul	4	8,88
UNIPAMPA – Pará	1	2,22
UCSC – Santa Catarina	1	2,22
UFPE – Pernambuco	4	8,88
UFPR – Paraná	4	8,88
UFPEL – Pelotas	3	6,66
UNICAMP – São Paulo	1	2,22
Total	45	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

Para essa pesquisa, foi verificado a área de estudo, de modo a conhecer abrangência da temática nas regiões brasileiras. Os resultados demonstraram que o estado de São Paulo, destacou-se com 43,75%, seguido pôr o Amazonas e Rio de Janeiro com 12,5%, e por Rio Grande Sul, Paraná, Sergipe, Pernambuco, Rio de Janeiro com 6,25% (Tabela 6).

Como observado a maioria dos estudos tem sido realizado no estado de São Paulo, demonstrando que existe uma carência de pesquisas nas outras regiões do Brasil. Segundo Bittencourt; Moromizato; Correa (2018), São Paulo é o pioneiro em oferecer experiência do *Dark Tourism*, especificamente na tipologia de turismo cemiterial, com destaque na visitação para o cemitério da consolação. A experiência vivência em São Paulo deve incentivar a prática do turismo em outras regiões do país. Cabe mencionar ainda, que o Brasil é rico em história e acontecimentos que envolvem fatos de guerra, desastres e morte. Dessa forma, fica evidente a necessidade de expansão desses estudos para outras instituições dos estados brasileiros de modo a proporcionar para o *trade turístico* e poder público mais conhecimento na área, para que possa ser pensando em estratégias de investimento nesse novo tipo de turismo.

Tabela 6: Local do Estudo

Local do estudo	Quantidade	Porcentagem
Brasil	1	6,25
Rio Grande do Sul - RS	1	6,25
Paraná - PR	1	6,25
Amazonas - AM	2	12,5
Pernambuco - PE	1	6,25
Sergipe- SE	1	6,25
Rio de Janeiro – RJ	2	12,5
São Paulo - SP	7	43,75
Total	16	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

Nos artigos avaliados se constatou que alguns artigos publicados nas revistas brasileiras, tiveram como campo de estudo, outros países. Esse fato revela a expansão da temática do *Dark Tourism* internacionalmente, sobressaindo-se França, Portugal e França (33,33%) como países que tem oferecido trabalho nessa temática. Cabe mencionar que o foco do trabalho não é a literatura internacional, mas esses dados mostraram-se importante nos achados dessa pesquisa.

Tabela 7: Local do Estudo

Local do estudo	Quantidade	Porcentagem
França	1	33,33
Portugal	1	33,33
França	1	33,33
Total	3	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

No que tange à classificação da revista (Qualis), verificou-se que 26,31% são B2 e 15,78% B1 (tabela 8). O Qualis-Periódicos “é um sistema usado para classificar a **produção científica dos programas de pós-graduação** no que se refere **aos artigos publicados em**

periódicos científicos” (CAPES, 2008). A classificação de periódicos é realizada por **comitês de consultores** e possui atualização anual. O estabelecimento de classificação é determinado por critérios estabelecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e visa categorizar o nível de qualidade de produção de uma determinada área. Atualmente, o indicador de qualidade está organizado da seguinte forma: A1, A2; B1; B2; B3; B4; B5; C, sendo considerado A1, o mais elevado; e o C com peso zero. Ressalta-se que a Capes modificou a forma de classificação da revista pelo *Qualis*, mas para esse estudo, será considerado a classificação utilizada durante o tempo de estudo.

Tabela 8: Classificação da Revista

Classificação da revista	Quantidade	Porcentagem
A2	2	10,52
B1	3	15,78
B2	5	26,31
B3	1	5,26
B4	2	10,52
B5	2	10,52
Não informado	4	21,05
Total:	19	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

Os resultados da tabela 9 demonstram que 47,36% das revistas têm periodicidade quadrimestral, seguida por 36,84% de periodicidade semestral, com 10,52% da trimestral, e por fim, 5,26% de periodicidade não informada, conforme abaixo.

Tabela 9: Periodicidade de publicação

Periodicidade de publicação	Quantidade	Porcentagem
Semestral	7	36,84
Quadrimestral	9	47,36
Trimestral	2	10,52
Não informado	1	5,26
Total:	19	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

Com o objetivo de avaliar o perfil dos autores, examinou-se sua ocupação profissional. Averiguou-se que por 34,09% são docentes, 22,72% são discentes (mestrandos) e finalmente 01 turismólogo com 5,26% (tabela 10).

Os principais autores da temática pertence aos cursos de pós-graduação ou são professores acadêmicos, essa realidade demonstra a necessidade de expansão do debate transcorra para estudantes do nível de graduação, tendo em vista que esses discentes poderão desenvolver estratégias práticas ou projetos durante sua formação acadêmicas que poderão contribuir para o turismo de uma determinada localidade, uma vez que eles terão contato prático com o ramo turísticos, seja através de estágio, extensão ou emprego.

Tabela 10: Ocupação dos Autores

Ocupação dos autores	Quantidade	Porcentagem
Discente	10	22,72
Docente	15	34,09
Turismólogo	1	2,27
Não informado	18	40,90
Total:	44	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

Quanto a titulação máxima dos autores, observou-se que 38,46% são doutores, 17,94% graduandos (tabela 11). Percebe-se a

predominância de pesquisadores a nível de doutorado, esse fato pode ser justificado pela metodologia adotada, tendo em vista que foi realizado nos periódicos brasileiros que alguns vezes são de utilização mais comum para os indivíduos de pós-graduação.

Tabela 11: Titulação Máxima

Titulação máxima	Quantidade	Porcentagem
Doutor	15	38,46
Mestre	6	15,38
Graduado	7	17,94
Não informado	11	28,20
Total:	39	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

Em relação às tipologias do *Dark Tourism*, a cemiterial foi a que maior destaque com um percentual de 21,05%, seguido pela tipologia de morte, pobreza e prisões e turismo de guerra, no qual todos eles se encontram com 10,52% (tabela 12).

A relevância da prática do turismo cemiterial pode ser justificada pela experiência que tem sido vivida na cidade de São Paulo que é pioneira, na prática de visitas guiadas a cemitérios da região como visto na tabela 6. Os cemitérios se constituem como elementos importantes nos espaços urbanos, seja pelos indivíduos que ali foram sepultados ou pela sua forma arquitetônica que atrai diversas pessoas e curiosos.

Tabela 12: Tipologia do *Dark Tourism*

Tipologia	Quantidade	Porcentagem
Diaspóricos	1	5,26
Cemiterial	4	21,05
Genocídio	1	5,26
Mitos e Lendas	1	5,26
Morte	2	10,52
Morte e Catástrofes	1	5,26
Patrimônio Marginais	1	5,26
Pobreza	2	10,52
Prisões	2	10,52
Terrorismo	1	5,26
Turismo de Guerra	2	10,52
Não informado	1	5,26
Total	19	100

Fonte: dados da pesquisa, 2019

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Dark Tourism* tem emergido na sociedade atual como um novo segmento de turismo, voltado para visitação de lugares que remetem à morte, desastres, bem como locais de riscos ou aqueles que causam dor e sofrimento. Por ser uma temática nova, faz-se importante conhecer como ela tem sido desenvolvida no Brasil. Desta maneira, este trabalho teve como objetivo analisar as publicações científicas que abordam a temática do *Dark Tourism*, buscando demonstrar como o tema vem sendo tratado nas revistas acadêmicas brasileiras. Visando atender ao objetivo, foi realizado levantamento de dados no *Google Acadêmico* em língua portuguesa, tomando como base as publicações realizadas em revistas científicas de 2000 a 2019.

A pesquisa demonstrou que estudos voltados a área do *Dark Tourism* teve seu início em 2004 e que vem crescendo ao longo dos anos, de forma incipiente e fragmentada em revistas de diversas áreas do conhecimento como história, sociologia e turismo. Além disso, a maioria dos estudos têm proposto a entender as características teóricas desse novo segmento, fato esse que pode ser explicado pelo desconhecimento teórico para o contexto brasileiro.

O perfil dos autores é caracterizado por docentes com titulação de mestres e doutores, levando a necessidade de expansão da temática para os níveis de graduação, pois os alunos terão contato direto com o mercado prático, auxiliando na promoção de atrativos turísticos e expandido o mercado. Para que essa lacuna seja amenizada, sugere-se que seja realizado levantamento de trabalhos como TCC, dissertação e tese no contexto brasileiro para verificar como os estudos têm sido estudados nos diferentes espaços de discussão do conhecimento.

No que diz respeito a área de estudos, ficou evidente que eles estão concentrados na cidade de São Paulo (capital), evidenciando a necessidade de disseminação da temática para outras regiões brasileiras para que dessa maneira seja levado o conhecimento para outros indivíduos que não conhecem essa segmentação, bem como traçar ações para alcançar o máximo de pessoas interessadas na prática dessa modalidade do turismo, mas que ainda é pouco difundida tanto no meio turístico como acadêmico.

Os resultados demonstraram também a interdisciplinaridade da temática do *Dark Tourism*, tendo em vista que a maioria dos trabalhos

analisados estavam ligados a revistas da área de história, sociologia, letras, geografia, hospitalidade e turismo. Esse fator é importantíssimo para entender os segmentos turísticos, pois, eles forneceram as bases teóricas necessárias para entender especificidades de cada segmento.

Sugere-se que novas pesquisas sejam feitas, enfatizando o diagnóstico e proposição de locais potencialmente turísticos para o *Dark Tourism* no Brasil. Pesquisas voltadas ao fomento de políticas públicas que auxiliem no processo de infraestrutura e prestação de serviço e estudos que descrevam as características e necessidades desse novo público.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, D. W. G.; BRAMBILLA, A.; VANZELLA, E. **A evolução histórica da hotelaria na cidade de João Pessoa**: uma revisão bibliográfica. Disponível: <https://www.academia.edu/25238085/A_evolu%C3%A7%C3%A3o_hist%C3%B3rica_da_hotelaria_na_cidade_de_Jo%C3%A3o_Pessoa_uma_revis%C3%A3o_bibliogr%C3%A1fica> Acesso em 20 de jun. 2019.

BEUREN, I. M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BITTENCOURT, D. G.; MOROMIZATO, T. K.; CORREA, C. Uso de tecnologia no turismo cemiterial: Estudo sobre a visitação no Cemitério da Consolação, em São Paulo. **Revista Hospitalidade**, v. 15, n. 2, p. 194–213, 2018.

COOPER, H. **Research synthesis and meta-analysis**: A step-by-step approach (3. ed.). Thousand Oaks, CA: Sage. 2010.

COUTINHO, B. BAPTISTA, M.M. Há morte nas catacumbas? Percepções de visitantes de uma atração de turismo negro. **Revista Turismo e Desenvolvimento**, 21/22 (4), pp. 493. 2014

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. (CAPES). **Classificação da produção intelectual**. 2018 Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/pt/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>> Acesso em: jun de 2019.

DANTAS, S.M.S. **Museus do Holocausto**: Recortes Da História Na Visão Do Turista. **Monografia**;

FERREIRA, K.M. **Turismo Macabro**: uma possibilidade na fortaleza de Santa Cruz – Nitérois: UFF. 2010

FIGUEIREDO, O. Turismo e lazer em cemitérios: Algumas considerações. **CULTUR: Revista de Cultura e Turismo**, v. 9, n. 1, p. 125–142, 2015.

FOLEY, M.; LENNON, J.J. JFK and dark tourism: A fascination with assassination. **International Journal of Heritage Studies**, n. 2, p.198-211. 2012 (1996).

INSTITUTO PRETO NOVOS - IPN. **Pretos Novos**. Disponível em: <<http://pretosnovos.com.br/museu-memorial/>> Acesso em: 25 de ago de 2018.

LENNON, J.; MALCOLM, F. **Dark Tourism**: The attraction of death and disaster. London & New York: Continuum, 2000.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. – 2 ed. revista - São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MUSEUS DO RIO. **Memorial dos Pretos Novos**. 2014 Disponível em: <https://www.museusdorrio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=83:memorial-dos-pretos-novos>. Acesso em: 25 de ago de 2019.

MUSEU DA REPÚBLICA (Brasil). **O museu**. Disponível em <<http://museudarepublica.museus.gov.br/o-museu/>>. Acesso em: 21 de ago de 2019.

PREZZI, A.S. **Turismo Sombrio**: uma viagem em busca do inusitado. Nitéroio: uff. 2009

RIBEIRO, S.H.L. **Turismo Macabro**: um estudo sobre o segmento e seu reconhecimento como atividade de lazer, cultura e conhecimento. Nitério: UFF, 2013

ROSCOE, D. D.; JENKINS, S. A Meta-Analysis of Campaign Contributions' Impact on Roll Call Voting. **Social Science Quarterly** , Vol. 86, n. 1. 2005

SEATON, A.V. Guided by the dark: From thanatopsis to thanatourism. **International Journal of Heritage Studies**, 2, p. 234-244, 1996.

SHARPLEY R. Shedding Light on Dark Tourism: An Introduction. In: STONE, P.R. **The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism**. Series Editors: Chris Cooper, Nottingham University Business School, UK. 2009.

STONE, P. SHARPLEY, R. Consuming dark tourism: A Thanatological Perspective. **Annals of Tourism Research**, Vol. 35, No. 2, pp. 574–595, 2008.

STONE, P. Dark tourism and significant other death: Towards a Model of Mortality ediation **Annals of Tourism Research**. Vol. 39, No. 3, pp. 1565–1587, 2012.

STONE, P.R. A dark tourism spectrum: towards a typology of death and macabre-related tourist sites, attractions and exhibitions **Tourism: An Interdisciplinary International Journal**, v. 54, n.2, p. 145-160, 2006.

SENDO HÓSPEDE NO MORRO: a criação de meios de hospedagem em favelas cariocas e suas implicações nas relações urbanas da cidade do Rio de Janeiro

FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego
MEES, Luiz Alexandre Lellis

O Rio de Janeiro é uma metrópole com uma população de 6.520.000 habitantes (IBGE, 2010). Por sua história e situação natural, entre o mar e a montanha, o turismo sempre foi uma de suas principais atividades. Desde o início do século XX, tem sido considerado um importante destino turístico global (PERROTTA, 2015), com forte participação no imaginário do turismo de todo o mundo, seja por suas praias, suas festas - como o Carnaval e o Réveillon – ou por sua imagem de cidade maravilhosa, alegre e festiva. Seus mais famosos atrativos turísticos se localizam, em geral, em sua zona Sul da cidade, devido à sua paisagem de encontro entre mar e montanhas, principalmente em bairros como Copacabana, Ipanema e Leblon.

A formação da cidade sempre se caracterizou pela presença de contrastes urbanos, entre os quais as favelas. O próprio nome foi criado na cidade do Rio de Janeiro, com a apropriação, para moradia, do que foi depois apelidado de “Morro da Favela”: nome dado ao Morro da Providência, elevação de terreno localizada no centro da cidade, que concentrou uma população de excluídos a partir de 1887 (VALLADARES, 2005). Ao longo do tempo essa situação de grandes

diferenças sociais vem sendo cada vez mais constante no Brasil e em grande parte do mundo (DAVIS, 2006).

Nos dias atuais, o crescimento das favelas fez com que 23% da população da cidade habitasse essas áreas de infraestrutura precária (IBGE, 2010), distribuídas por toda a área metropolitana da cidade, em regiões diversas, como encostas de morros, áreas alagadas e várzeas de rios, ou simplesmente ocupando terras distantes de áreas centrais, sem infraestrutura urbana adequada.

Dentro desse contexto, em algumas dessas favelas - especialmente naquelas situadas em bairros da cidade mais valorizados economicamente - ocorreram algumas iniciativas políticas que passaram a ter como objetivo melhorias urbanas. Esse processo, iniciado de maneira esparsa ainda nos anos 1980, cresceu com os projetos dos anos 1990, como o Programa Favela-Bairro (CONDE; MAGALHÃES, 2004).

Passados alguns anos, agora nos anos 2000, mais uma vez a cidade passou por mudanças em suas políticas urbanas. Em 2007, com a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo FIFA de 2014 e, posteriormente, com a escolha do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, a cidade passou a receber investimentos de grande monta, tanto para as obras específicas destinadas aos eventos, como também para o incremento de infraestruturas de mobilidade urbana e para práticas de turismo. Wilhelm (2014), ao mencionar as exigências dos organizadores destes megaeventos, apontou a necessidade de aumento do número de

Unidades Habitacionais (UHs) e melhorias no transporte público como algumas das principais demandas. Dessa maneira o aumento da infraestrutura turística e urbana eram pré-requisitos para se sediar esses eventos. Houve, então, um compromisso dos governos do país - federal, estadual e municipal - no sentido de ampliar redes de transportes e também de realizar melhorias na área de segurança pública, como, por exemplo, a criação, em 2008, de uma política de segurança baseada na ocupação de favelas por uma polícia comunitária, batizadas de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs).

Contudo, nem todas as favelas da cidade foram privilegiadas com estas políticas públicas de “melhorias”, as favelas junto a áreas turísticas ou no caminho de aeroportos foram as que mais receberam grandes obras de infraestrutura, como teleféricos como meio de transporte morro asfalto (num modelo importado da Colômbia), planos inclinados com bondinhos que facilitavam a subida ao morro, elevadores, além de vias internas e projetos de habitação. Tudo também como parte de uma mudança da imagem da cidade, buscando construir a sensação de uma “cidade segura”, uma verdadeira “Cidade Maravilhosa”, que era algo que vinha se perdendo no tempo. O projeto ligava as iniciativas de segurança pública à ocupação de territórios em conflito pelo tráfico de drogas - em geral os morros - a obras de grande porte, que impactavam essas áreas. A ideia de que mudanças no espaço urbano seriam responsáveis por transformações na sociedade, segue o que fala Vainer (2013), ao comentar grandes mudanças urbanas em diversas cidades globais, relacionadas a ideias de mercantilização das cidades. Este fenômeno vem

ocorrendo desde os anos 1970, sendo que, nele, Ribeiro e Olinger (2012) levam em consideração também as favelas, como mostra a relação com o turismo e as mudanças na imagem desses territórios, acompanhando a cidade formal.

O presente trabalho mostra alguns desses impactos, relacionados ao turismo, na favela Santa Marta e no conjunto de favelas Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, localizadas na zona Sul do Rio de Janeiro. Dispostas em áreas próximas a bairros turísticos, analisou-se o impacto de empreendimentos relacionados ao fenômeno turístico, especialmente a construção de *hostels*, incentivados também pelo aumento da visitação turística, estimulada com a criação de percursos, trilhas ecológicas e parques, gerando, em alguns momentos, uma participação comunitária através de iniciativas fundamentadas no Turismo de Base Comunitária. Buscando possibilidades de que ocorressem práticas de turismo menos invasivas, que gerassem, efetivamente, mudanças e renda para a população moradora. Além de uma maior integração com a cidade dita formal.

METODOLOGIA

O período estudado, entre 2010 e 2019 pode ser dividido em três momentos: I) antes da preparação para os eventos (antes de 2010), II) a partir desses investimentos (entre 2010 e o término dos Jogos Olímpicos em 2016) e, III) após esse momento (até 2019). Cada um desses momentos pode ser medido de maneira clara pela quantidade de

albergues em atividade, que se relacionam tanto às políticas públicas de urbanização, quanto às de segurança e de turismo.

O turismo em favelas se estruturou a partir de 1992 (FREIRE-MEDEIROS, 2009), e tem sido estudado tanto no Brasil - especialmente na cidade do Rio de Janeiro - quanto no mundo. É um tipo de prática turística que vem sendo encontrada em diversos países do chamado Sul Global (FRENZEL, KOENS &, STEINBRINK, 2012). Já o Turismo de Base Comunitária (TBC), como nos mostra Bartholo, Sansolo e Burzstyn (2009) e Mielke e Pegas (2013) tem sido relevante para que o fenômeno turístico se relacione com as comunidades, o que é mostrado em autores como Rodrigues (2014) - ao falar da Favela Santa Marta - e Pinto, Silva e Loureiro (2012) que tratam da experiência do Museu de Favela (MUF) no conjunto Cantagalo-Pavão-Pavãozinho.

O trabalho de pesquisa apresentado neste artigo teve início através da revisão da bibliografia existente - tanto em livros e revistas como na internet - e de visitas às favelas em questão, através de contatos com agentes locais relacionados ao turismo. Em especial Organizações Não Governamentais (ONG's) locais que promovem atividades de visitação e realizam eventos relacionando as visitas com aspectos da cultura local. Para a coleta de dados foram utilizados também instrumentos digitais para o mapeamento das comunidades visitadas, confrontando as informações tomadas nos locais com aquelas colhidas na internet. Os contatos com os moradores participantes do Museu de Favela (MUF) no conjunto de favelas Cantagalo-Pavão-Pavãozinho e da CoopBabilônia (Cooperativa de Reflorestamento e Serviços Ambientais)

no Morro da Babilônia, foram fundamentais para se entender a relação entre as comunidades, seus moradores e as práticas de turismo que ali ocorrem. Foi utilizada também a fotografia como ferramenta de pesquisa nas visitas, para se entender tanto as edificações em si, como a relação com a paisagem da favela. O trabalho realizado buscou compreender também, através da localização dos *hostels*, a relação que se estabeleceu - ao menos durante o período em questão - entre as favelas e seus entornos, em especial as ruas de acesso.

A partir do mapeamento dos *hostels*, do estudo de sua localização e do monitoramento no período em que estiveram em funcionamento (além de outros elementos como as visitas e os atrativos de cada uma das favelas estudadas), foi possível construir um quadro de práticas de turismo em favelas do Rio de Janeiro - especialmente as que são objeto desse artigo, localizadas na zona Sul da cidade do Rio de Janeiro - e as relações destas práticas com políticas públicas, levando em consideração a participação comunitária e de Organizações Não Governamentais (ONG's) como o museu de Favela (MUF).

PRÁTICAS DE TURISMO EM FAVELA

O turismo moderno surge em meados do século XVIII, influenciado pelas transformações oriundas da Revolução Industrial, especialmente pela institucionalização do tempo livre em oposição ao tempo de trabalho como direito. Em países emergentes, a atividade turística é tomada, na maioria das vezes, como uma estratégia de desenvolvimento econômico através da captação de recursos e do

incentivo às práticas de turismo, muitas vezes negligenciando a participação ou os impactos na população residente. Práticas de turismo em áreas populares, econômica e infraestruturalmente precárias já são registradas desde a época vitoriana, em 1840, Londres (STEINBRINK; FRENZEL; KOENS, 2012). Mais recentemente, na década de 1970, aparecem na África do Sul, durante o regime do *apartheid*. Contudo, especificamente na cidade do Rio de Janeiro, é na década de 1990 que essas práticas passam a ser vistas como possibilidade de geração de renda e de empoderamento da população residente (FREIRE-MEDEIROS, 2009).

A constatação de que o turismo poderia ser um importante vetor de crescimento nestas áreas populares, foi utilizada no âmbito da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92) que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro em junho de 1992. A literatura consultada sobre o tema (FREIRE-MEDEIROS, 2009) conta que turistas faziam um passeio de *jeep* pela Floresta da Tijuca, Rio de Janeiro, avistaram casas da favela da Rocinha e demonstraram interesse em ir até lá conhecer o território. A empresa que realizava o passeio percebeu então, neste interesse, um potencial para a realização e venda de *tours* e para o desenvolvimento de atividade turística nesses espaços.

Em 2006 um projeto de lei converteu a Rocinha em um dos atrativos oficiais da cidade do Rio de Janeiro, com direito a figurar nos principais guias turísticos sobre a cidade. Considera-se aqui que o “turismo em favela” desenvolveu-se eminentemente na cidade do Rio de

Janeiro por dois motivos principais: i) pela quantidade de favelas existentes na cidade (aproximadamente mais de 1.000) e ii) pela forte construção turística da cidade que, por esse motivo, se apropria de espaços e políticas públicas em benefício do turismo (MEES, 2017). Contudo, um olhar atento revela que a maioria das favelas turistificadas no Rio de Janeiro localiza-se na zona Sul da cidade.

As práticas de turismo nas favelas cariocas adquirem maior força durante a realização de uma sequência de megaeventos sediados na cidade do Rio de Janeiro: Jornada Mundial da Juventude (JMJ) de 2013 e especialmente os megaeventos esportivos Copa do Mundo FIFA 2014 e Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio-2016. Desde a confirmação de que a cidade sediará estes eventos – e até mesmo antes, durante o planejamento para a candidatura – houve uma preocupação com o número de turistas que a cidade receberia e onde estes turistas ficariam hospedados. Pensou-se inclusive em usar navios transatlânticos como meios de hospedagem provisórios. O número de hotéis em construção no bairro de Copacabana aumentou consideravelmente. Alguns deles, ainda hoje se encontram inacabados. Diante desse panorama, e a partir da sensação de segurança produzida pelo programa das UPPs, as favelas da zona Sul da cidade se mostraram atrativas como lugares para a implantação de meios de hospedagem, sobretudo *hostels*, que poderiam abrigar esse grande número de turistas que chegariam na cidade.

O fenômeno associado à visita de bairros populares com fins turísticos é conhecido, em inglês, por *slum tourism* e se tornou uma

tendência global e uma controversa forma de turismo; áreas urbanas empobrecidas [que] seduziram a imaginação popular, considerados por ser lugares de alteridade, decadência moral, liberdade excessiva ou autenticidade. (FRENZEL, KOENS & STEINBRINK, 2012, pp. 01).

Os predicados dúbios atribuídos por Frenzel, Koens e Steinbrink a estes territórios, têm respaldo no debate ético que sempre esteve presente nesta forma de prática de turismo. Alguns autores inclusive, entre eles Érika Robb (2009), consideram que as práticas de turismo em favelas correspondem à categoria do *Dark Tourism*. Termo cunhado pelos autores Lennon e Foley (2000), este segmento do turismo tem como elemento motivador para o deslocamento o interesse do indivíduo em visitar locais que são ou que já foram cenários de tragédias, morte ou violência. Robb passa a considerar o “turismo em favela” como um exemplo de turismo sombrio por entender que estes territórios são *locus* de dois tipos de violência: I) uma estrutural que está relacionada com o “racismo, pobreza, marginalização, falta de oportunidade” e II) a violência física promovida pelos traficantes de drogas, pela tensão entre policiais e traficantes e entre gangues rivais de traficantes, e pelos tiroteios frequentes, onde pessoas são atingidas por “balas perdidas”.

Pesquisadores como Stone (2006) desenvolveram uma tipologia do *Dark Tourism* e uma classificação deste tipo de prática de turismo de acordo com o grau de morbidez do atrativo visitado. Para ele existem os *Dark fun factories* (locais comerciais e turísticos, com o intuito de entreter, referenciando a morte fictícia ou real), as *Dark Exhibitions* (exposições que fazem menções à morte por meio de fotos, objetos e depoimentos de vítimas), os *Dark Dungeons* (lugares focados em antigas prisões), os

Dark resting places (atração por cemitérios e pela estrutura gótica presente em lápides e túmulos), os *Dark shrines* (locais onde ocorreram assassinatos ou mortes acidentais, sendo que a visita pode ser realizada como um ato de homenagem às vítimas), os *Dark conflict sites* (locais onde aconteceram batalhas e conflitos) e os *Dark camps of genocide* (composto por genocídios e atrocidades e sendo considerado o mais sombrio e mórbido).

Tendo em vista que as favelas e seus moradores já são vítimas constantes de preconceito e levando-se em conta importantes iniciativas locais de desenvolver uma visitação turística não somente comercial, mas também de cunho pedagógico, é mais pertinente considerar que as práticas de turismo em favela possuem um viés mais social do que sombrio. Mesmo que se observe uma minoria de turistas cuja motivação passa pelo “perigo” e pela “apreciação da pobreza”. (GÓMEZ, LÓPEZ e MEES, 2017).

A COMUNIDADE LOCAL E O TURISMO

É fato que a Organização Mundial do Turismo (OMT) considera a atividade turística um meio para superar a pobreza. Porém, é necessário trabalho e planejamento com as comunidades locais, para que o turismo seja um verdadeiro instrumento de oportunidade e de inclusão. Nos estudos atuais do turismo, fala-se muito em “desenvolvimento local” como uma ferramenta metodológica de trabalho desejável, o que originou o Turismo de Base Local, (conhecido, também, como *Turismo Comunitário* ou *Turismo de Base Comunitária*). É uma metodologia usada, em

geral, em pequenos lugares, de forma participativa, tendo o morador, como protagonista, e buscando mudanças socio estruturais, de caráter endógeno. Os habitantes possuem relativa autonomia para explorar o potencial do território, que os beneficie, e para decidir como cada um pode contribuir, nesta prática. São os residentes os agentes principais do desenrolar de todo esse processo de desenvolvimento, responsáveis, também, por zelarem pela qualidade dos relacionamentos interpessoais e interinstitucionais, aproveitam as sinergias em benefício da coletividade.

O Turismo de Base Local está, diretamente, ligado à questão da sustentabilidade e ao Turismo Sustentável. A OMT define turismo sustentável, como sendo aquele em que, na gestão dos recursos, atende às necessidades econômicas e estéticas das paisagens, mantendo a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais, a diversidade e o sistema de suporte a vida. O conceito de desenvolvimento sustentável faz referência à capacidade de satisfazer às necessidades atuais, sem colocar em perigo a capacidade das gerações futuras, na satisfação de suas próprias necessidades. Ele pode ser observado nos núcleos receptores de turismo, sobretudo, na forma como organizam a produção: de forma associativa, em arranjos produtivos locais, ou controlando, por exemplo, o uso efetivo das terras e das atividades econômicas associadas ao turismo. Deve ser realizado de forma integrada às demais atividades econômicas, com iniciativas que fortalecem a agricultura, a pesca e o artesanato, dentre outras atividades tradicionais.

O turismo alternativo de base comunitária busca se contrapor ao turismo massificado, requerendo menor densidade de infraestrutura e serviços e buscando valorizar uma vinculação situada nos ambientes naturais e na cultura de cada lugar. Não se trata, apenas, de percorrer rotas exóticas, diferenciadas daquelas do turismo de massa. Trata-se de um outro modo de visita e hospitalidade, diferenciado em relação ao turismo massificado, ainda que porventura se dirija a um mesmo destino. Esse turismo respeita as heranças culturais e tradições locais, podendo servir de veículo para revigorá-las e mesmo resgatá-las. Tem centralidade em sua estruturação o estabelecimento de uma relação dialógica e interativa entre visitantes e visitados. Nesse modo relacional, nem os anfitriões são submissos aos turistas, nem os turistas fazem dos hospedeiros meros objetos de instrumentalização consumista (BURSZTYN; BARTHOLO; DELAMARO, 2009, p. 86).

A primeira favela carioca onde foi implantado o turismo de base comunitária, foi a Santa Marta, através do projeto *Rio Top Tour: o Rio de Janeiro sob um novo ponto de vista*. A favela já se consolidava, como turística e a ideia era envolver toda a comunidade na recepção dos visitantes. A ação teve início no dia 30 de agosto de 2010, na quadra da escola de samba da favela Santa Marta, e contou com incentivos, tanto do Governo Federal, quanto do Estado do Rio de Janeiro. O lançamento, do *Rio Top Tour*, reuniu seis ministros, e o, então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Tanto moradores, quanto comerciantes, receberam cursos de qualificação, voltados para a atividade turística (RODRIGUES, 2014).

O projeto deveria ter-se repetido em todas as favelas “pacificadas”, mas isso não ocorreu. O Santa Marta acabou sendo a única favela a receber os benefícios desse projeto, e se transformando em

determinado “modelo” de práticas de turismo em favela no Rio de Janeiro.

No conjunto de favelas do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho a criação e as ações empreendidas pelo Museu de Favela (MUF) podem ser apontadas como exemplos de iniciativas que consideram o TBC. A visitação da própria favela, com a criação de percursos de visitação, como o Circuito das Casas Tela e o Circuito do Alto, que passa pela mata e é considerado um circuito ecológico (RODRIGUES, 2014). O MUF surgiu em 2009, no rastro das mudanças trazidas para o lugar pelas obras de mobilidade urbana que o PAC Comunidades realizou, como o Elevador Mirante ligando à estação do metrô de Ipanema e as vias internas e espaços públicos que também seriam a ligação com a Rua Saint Romain, único acesso viário da favela.

A FAVELA COMO OPÇÃO DE HOSPEDAGEM

A favela turística começou a se consolidar a partir da visitação que teve início em 1992, como já citado (FREIRE-MEDEIROS, 2009). Porém, o surgimento de políticas públicas direcionadas ao turismo a partir dos grandes eventos esportivos, tanto em infraestrutura física como com a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) a partir de 2008 em favelas nas áreas relacionadas aos Jogos ou à circulação dos visitantes, teve forte impacto nesses locais. O surgimento de *hostels* é um desses reflexos, como mostra Fagerlande (2018), especialmente em favelas da Zona Sul carioca. As favelas que passaram a serem consideradas turísticas foram aquelas situadas em áreas da cidade já

consolidadas em termos de localização das atrações e de meios de hospedagem. Dessa maneira favelas como Vidigal, Rocinha, Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, Babilônia-Chapéu Mangueira e Santa Marta se destacaram em termos do número de *hostels* ali encontrados.

Figura 1: Localização das favelas estudadas na Zona Sul do Rio de Janeiro



Fonte: Desenho do autor sobre Google Maps, 2017.

Os *hostels* nessas comunidades passaram a ser uma possibilidade tanto de hospedagem com um custo menor para quem os procurassem assim como uma alternativa de geração de renda para os moradores ou empreendedores dessas comunidades. Mesmo que grande parte dos *hostels* não fosse de moradores locais, uma parcela considerável foi responsável por atender a um público que pretendia ter uma experiência de vida local. Muitos anúncios desses *hostels* diziam “*be a local*”, ou seja, um morador da comunidade, em referência a esses visitantes, em geral estrangeiros, que buscavam o que passou a ser considerada o “verdadeiro” Rio de Janeiro: a favela.

Tabela1- Dados de 2010 a 2019

Favelas	Número de albergues									
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Santa Marta	-	-	-	1	1	3	3	3	2	1
Babilônia/ Chapéu Mangueira	-	1	1	7	11	13	17	16	8	*
Cantagalo/Pavão/ Pavãozinho	1	6	7	12	14	17	21	18	15	7
Vidigal	-	3	3	10	23	27	35	36	27	*
Rocinha	2	2	2	4	6	6	10	9	8	*
TOTAL	3	12	13	34	55	66	86	82	61	*

* sem informações atualizadas

Fonte: LAURBAM, 2019

Outros fatores das políticas públicas tiveram relação direta com esse movimento, como a instalação de equipamentos ligados à mobilidade urbana como planos inclinados, elevadores, vias urbanizadas e, também, a manutenção da segurança através das UPP. Esses fatores possibilitaram que houvesse um crescimento significativo do número de *hostels* nessas favelas, como mostra o quadro acima.

Se a chegada dos eventos trouxe o crescimento do número de albergues nessas favelas a partir de 2010, verifica-se uma diminuição deles, a partir de 2016, logo após os Jogos, em um claro reflexo da percepção de violência que a cidade voltou a apresentar, em especial nessas áreas de favelas.

AS FAVELAS ESTUDADAS: SANTA MARTA E CANTAGALO PAVÃO PAVÃOZINHO

Na zona Sul do Rio de Janeiro existem várias favelas com movimentação turística, mas duas delas apresentam aspectos importantes

para serem estudadas, Santa Marta e o conjunto Cantagalo-Pavão-Pavãozinho. Ambas, além da proximidade com áreas turísticas, têm em comum a localização em encostas, com a vista da paisagem natural como importante atrativo. A relação com o entorno também tem em comum as áreas de mata e o acesso por áreas da cidade formal, com vias de acesso que formam bordas porosas em relação aos bairros formais da cidade (IZAGA; FAGERLANDE; COUTINHO MARQUES DA SILVA, 2018).

Figura 2: Mapa de localização das favelas.



Fonte: LAURBAM, 2019

A favela Santa Marta situa-se no bairro de Botafogo. Trata-se de comunidade que recebeu a primeira UPP em 2008 (RODRIGUES, 2014). As obras de mobilidade ali, se concentraram no plano inclinado, inaugurado também em 2008, e em melhorias urbanísticas nas vias internas da comunidade. A relação da favela com o turismo foi sendo estimulada por políticas públicas ligadas tanto à mobilidade quanto à participação comunitária. Em 2010 foi lançado pelo governo estadual o Projeto *Rio Top Tour*. Ligado ao Projeto Turismo de Base Comunitária do Ministério do Turismo tratava-se de um projeto piloto da Secretaria

Estadual de Turismo, Esporte e Lazer do Rio de Janeiro (RODRIGUES, 2014). A ideia era estimular iniciativas de turismo nas comunidades carentes, e no Rio de Janeiro contemplou o turismo em favelas.

O apoio ao turismo foi ainda sinalizado por uma reforma, bancada pelo Governo do Estado, de uma laje onde em 1996 havia sido filmado clipe de Michael Jackson. No local foi instalada uma estátua em homenagem ao artista que se transformaria em uma das principais atrações turísticas locais (RODRIGUES, 2014).

Tabela 2- Dados de 2010 a 2019

Favelas	Número de albergues									
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Santa Marta	-	-	-	1	1	3	3	3	2	1
Cantagalo Pavão Pavãozinho	1	6	7	12	14	17	21	18	15	7

Fonte: LAURBAM, 2019

A formação de guias se juntou ao surgimento de *hostels* que, apesar de serem em pequeno número, somente três, a partir de 2013, mostraram potencial de hospedagem.

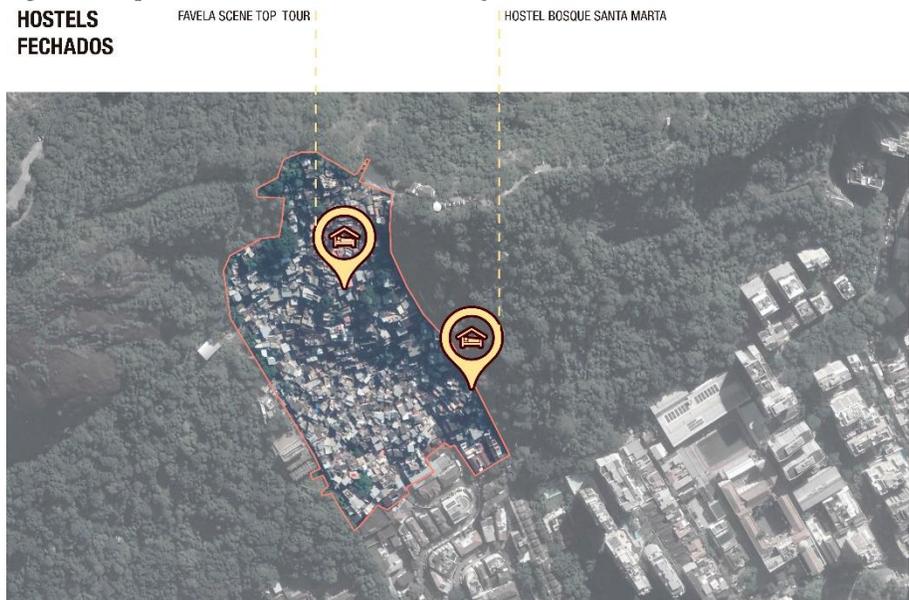
A localização dos *hostels* segue alguns dos modelos que se percebe em outras comunidades. Estão em locais com vista panorâmica e perto das estações do plano inclinado, com facilidade de acesso. O motivo de serem em pequena quantidade, além do fator tamanho reduzido da favela, pode ser explicado pela distância dos principais polos de hospedagem da Zona Sul, em geral próximos às praias de Copacabana, Ipanema e Leblon.

Figura 3: Mapa da Favela Santa Marta: localização de *hostel* existente



Fonte: LAURBAM, 2019

Figura 4: Mapa da Favela Santa Marta: localização de *hostels* fechados



Fonte: LAURBAM, 2019

O conjunto de favelas Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, nesse sentido, se apresenta de maneira mais favorável, o que explica um maior número de *hostels* ali localizados. Este conjunto se situa entre os bairros de Ipanema e Copacabana, também na zona Sul carioca. Mais uma vez, os estudos sobre o tema mostraram que a relação com a paisagem é um de seus atrativos: os *hostels* oferecem uma vista das praias de Ipanema, Copacabana e das montanhas do Rio de Janeiro. A localização deles se divide entre aqueles situados na parte interna da malha da favela, e nos situados em sua via de acesso, a Rua Saint Romain (FAGERLANDE, 2016). Diferente da favela Santa Marta, aqui se estabelece um padrão de relação entre a favela de as áreas de bairros tradicionais de seu entorno.

As favelas do Rio de Janeiro em geral, pela proximidade, têm causado desvalorização das áreas urbanas próximas, que aos poucos acabam se degradando. A ocupação de antigos casarões da Rua Saint Romain por atividades de hospedagem mostra uma das possibilidades desse turismo em favelas e em suas áreas de bordas como um fator positivo para a cidade (FAGERLANDE; IZAGA, 2018).

Figura 5: Mapa das Favelas Cantagalo Pavão Pavãozinho: localização de *hostels* existentes



Fonte: LAURBAM, 2019

Figura 6: Mapa das Favelas Cantagalo Pavão Pavãozinho: localização de *hostels* fechados



Fonte: LAURBAM, 2019

A pesquisa apresentada, no entanto, mostra que existem outros fatores, como o aumento da violência após o fim dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio-2016 e a crise econômica da cidade e do estado, para que essa ocupação tenha diminuído e o número de *hostels* tenha decaído. Em alguns casos, drasticamente. Contudo, não se pode deixar de entender o potencial de contaminação positiva para a cidade do turismo em favelas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento do segmento “turismo em favela” que levou a práticas de turismo em espaços da cidade do Rio de Janeiro marginalizados social e economicamente, aparece, de maneira mais contundente, a partir da década de 1990, quando começam a figurar em guias turísticos como novos atrativos.

Vistas por alguns estudiosos como locais de prática do *Dark Tourism*, as favelas turistificadas provaram, através de iniciativas comunitárias que privilegiaram o Turismo de Base Local, que sua melhor maneira de se tornar visível e sua maior força não é o seu “lado sombrio”, mas sim o caráter de cunho social e pedagógico que pode despertar, na valorização dos seus espaços e dos seus moradores.

A partir dos anos 2000, com a cidade tornando-se sede de vários megaeventos, entre eles os esportivos – Copa do Mundo FIFA 2014 e Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio-2106 – as favelas cariocas, especialmente as da zona Sul da cidade, começam a serem percebidas

como uma alternativa desejável de hospedagem para turistas, numa perspectiva da constatação do fato de que as Unidades Habitacionais dos hotéis tradicionais não seriam suficientes para atender a toda a demanda.

Ainda nos anos 2000, políticas públicas urbanas e de segurança pública, especialmente as ações de mobilidade do Programa de Aceleração do Desenvolvimento (PAC) e o programa das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), colaboraram para que as favelas passassem a ser considerada como bairros da chamada cidade formal, envolvendo-as também numa aura que evocava a sensação de segurança: aspectos caros e estruturais para o bom desenvolvimento da atividade turística.

Isso tudo propiciou um aumento no número de meios de hospedagem - particularmente os mais informais como *hostels* - nas favelas turistificadas da zona Sul. As pesquisas apresentadas nesse artigo realizadas em cinco dessas favelas, Rocinha, Vidigal, Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, Santa Marta e Babilônia-Chapéu Mangueira mostraram que a partir de 2010 empreendimentos de hospedagem passaram a fazer parte da paisagem desses lugares, com números crescentes entre 2010 e 2016.

O estudo mais aprofundado de duas dessas favelas, Cantagalo-Pavão-Pavãozinho e Santa Marta, mostram que ao lado da participação comunitária através de programas públicos, como o *Rio Top Tour* e o PAC Comunidades, a hospedagem através de *hostels* teve participação importante nesse processo de integração das favelas com a cidade formal através do turismo. Se antes eram poucos aqueles que se hospedavam nesses lugares, o turismo em favelas passou a fazer parte do cotidiano

dessas comunidades. A localização dos *hostels*, sempre junto aos meios de mobilidade, como o plano inclinado na Santa Marta e próximos às vias de acesso, como no caso da Rua Saint Romain no Cantagalo-Pavão-Pavãozinho mostram como investimentos públicos foram importantes para o processo do turismo nas favelas e as possibilidades de integração com outras áreas da cidade, observado de maneira mais evidente no caso da Rua Saint Romain, em que a ocupação por *hostels* de antigos casarões trouxe nova dinâmica à área.

Fatores como o término dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio-2016, a falência do programa de Unidades de Polícia Pacificadora e a grave crise econômica pela qual a cidade e o estado passam há alguns anos certamente contribuíram para o fechamento de grande número de meios de hospedagem nas favelas mais visadas pela atividade turística, resultando numa queda do número de *hostels* e de práticas de turismo nestes espaços. Mesmo que a visitação ainda permaneça nas favelas, a diminuição de locais de hospedagem indica que sem políticas públicas que respondam de maneira adequada aos problemas vivenciados por toda a comunidade desses lugares, como segurança, espaços públicos de qualidade e formas adequadas de mobilidade, o turismo não tem condições de apresentar uma resposta positiva para que possa gerar renda e realmente integrar essas comunidades às demais áreas da cidade.

REFERÊNCIAS

BARTHOLO, Roberto; SANZOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. Disponível em <<http://www.ivt-rj.net/ivt/bibli/Livro%20TBC.pdf>>. Acesso em: 30 de junho de 2009.

BURSZTYN, Ivan; BARTHOLO, Roberto; SANZOLO, Davis Gruber. Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In BARTHOLO, Roberto; SANZOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. Disponível em <<http://www.ivt-rj.net/ivt/bibli/Livro%20TBC.pdf>>. Acesso em: 30 de junho de 2009.

CONDE, Luiz Paulo; MAGALHÃES, Sérgio, *et al.* **Favela-Bairro: uma outra história da cidade**. Rio de Janeiro: ViverCidades, 2004.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego. Grandes eventos esportivos: impactos nas favelas do Rio de Janeiro. In **Bitácora Urbano Territorial**, Bogotá, Colômbia, v.28, p.143-151, 2018.

_____. Turismo no Cantagalo-Pavão-Pavãozinho: albergues e mobilidade na favela. In **Anais do 1º Seminário Nacional de Turismo e Cultura**. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2016.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FRENZEL, Fabian; KOENS, Ko; STEINBRINK, Malte (Eds.). **Slum Tourism: poverty, power and ethics**. Abingdon: Routledge, 2012.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE (2010). Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em 10 de março de 2019.

GÓMEZ, Johan Sebastián; LÓPEZ, Ledys; MEES, Luiz Alexandre Lellis. Turismo en territorios informales: las motivaciones del turista para visitar las favelas de Río de Janeiro en Brasil y las Comunas de alta ladera en Medellín, Colômbia. In: **CONPHET**, 2017, Medellín. Memórias. 2017.

IZAGA, Fabiana de Generoso; FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego; COUTINHO MARQUES DA SILVA, Rachel. Porous Boundaries in Rio de Janeiro's favelas: community based initiatives, urban mobility infrastructure, tourism and environmental issues in the urbanization of fringe areas as a socio-spatial means to reconcile the favela with the city In: **Proceedings/Abstracts + Full Papers**. Yokohama, Japão: International Planning History Society, nº 2, v.58 p .26-35, 2018.

FAGERLANDE, S. M. R.; MEES, L. A. L. SENDO HÓSPEDE NO MORRO: a criação de meios de hospedagem em favelas cariocas e suas implicações nas relações urbanas da cidade do Rio de Janeiro.

LENNON, John J.; FOLEY, Malcolm. **Dark Tourism**: the attraction of death and disaster. Londres: Continuum, 2000.

MEES, Luiz Alexandre Lellis. **“Vem passear no teleférico. Tira foto manda pro internacional!”**: políticas e práticas de turismo em um Alemão-Complexo. Niterói, 2017. 286f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói/Rio de Janeiro, 2017.

MIELKE, Eduardo Jorge Costa; PEGAS, Fernanda Vasconcellos. Turismo de Base Comunitária no Brasil. Insustentabilidade é uma Questão de Gestão. In **Turismo em Análise**, vol.24, n.1, p. 170-189, abril 2013.

PERROTTA, Isabella. **Promenades do Rio**: a turistificação da cidade pelos guias de viagem de 1873 a 1939. Rio de Janeiro: Hybris Design, 2015.

PINTO, Rita de Cássia Santos; SILVA, Carlos Esquivel Gomes; LOUREIRO, Kátia Afonso Silva (Orgs.). **Circuito das Casas-Tela**: Caminhos de vida no Museu de Favela. 1.ed. Rio de Janeiro: Museu de Favela, 2012.

RIBEIRO, Luiz Cezar Queiroz; OLINGER, Marianna. In MELLO, Marco Antônio da Silva et al (Orgs.). **Favelas cariocas**: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

ROBB, Erika M. Violence and recreation: vacationing in the realm of Dark Tourism. **Revista Anthropology and Humanism**, vol 34, nº 1, p. 51-60, 2009.

RODRIGUES, Mônica. **Tudo junto e misturado**: o almanaque da favela: turismo na Santa Marta. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.

STEINBRINK, Malte; FRENZEL, Fabian; KOENS, Ko. Development and globalization of a new trend in tourism. In FRENZEL, Fabian; KOENS, Ko; STEINBRINK, Malte (Eds.). **Slum Tourism**: poverty, power and ethics. Abingdon: Routledge, p.1-18, 2012.

STONE, Philip. A Dark Tourism Spectrum: towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. **Tourism: an Interdisciplinary International Journal**, vol. 54, nº 02, p. 145-160, 2006.

VAINER, Carlos. Grandes projetos urbanos. O que se pode aprender com a experiência brasileira. In CUENYA, Beatriz; NOVAIS, Pedro; VAINER, Carlos (Orgs.). **Grandes projetos urbanos**: olhares críticos sobre a experiência argentina e brasileira. Porto Alegre e Buenos Aires: Masquarto Editora Ltda e Editorial Café de las Ciudades, p. 135-166, 2013.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FAGERLANDE, S. M. R.; MEES, L. A. L. SENDO HÓSPEDA NO MORRO: a criação de meios de hospedagem em favelas cariocas e suas implicações nas relações urbanas da cidade do Rio de Janeiro.

WILHEIM, Jorge. Cidade, patrimônio e legado. In SHLUGER, Ephim; DANOWSKI, Miriam (Orgs.). **Cidades em transformação**: Rio de Janeiro, Buenos Aires, Cidade do Cabo, Nova York, Londres, Havana. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

MOTIVAÇÕES PARA O TURISMO SOMBRIO: CLASSIFICAÇÃO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE DACHAU

SANTOS, Mike dos
LACERDA, Paulo Henrique Ferreira
FERREIRA, Josafá da Franca
SILVA, Filipe Jordan do Nascimento

Desde o ano de 1933, a cidade de Dachau vive na sombra do seu passado. Nos terrenos abandonados da Fábrica Real de Pólvora e Munições de Dachau, o primeiro campo de concentração do regime nazista foi estabelecido em solo alemão. Em 20 de março de 1933, Heinrich Himmler, como chefe de polícia em exercício de Munique, anunciou a abertura da instituição em uma coletiva de imprensa na sede da polícia de Munique. Apenas dois dias depois, os primeiros prisioneiros chegaram a Dachau. No total, este campo de concentração recebeu 200.000 prisioneiros de toda a Europa, e mais de 41.500 pessoas perderam a vida neste local (DACHAU CONCENTRATION CAMP, 2018).

Em 29 de abril de 1945, finalmente ocorreu a liberação do campo pelas tropas dos Estados Unidos da América, e as imagens e filmagens percorreram o mundo. A partir daí, a publicação dessas imagens moldou a percepção da cidade. Dachau é desde então associada ao capítulo mais sombrio da história alemã. Ainda hoje, a cidade e seus funcionários tentam se livrar dessa imagem do passado. Campanhas como a de recreação e turismo na região de Dachau, da Associação

Regional de Desenvolvimento Dachau AGIL Amper-Glonn-Ilm-Land e. V., vêm mostrando a diversidade da região. A oferta inclui visitas a pontos turísticos e gastronômicos na região de Dachau, excursões na natureza e atividades esportivas e de lazer.

Apesar disso, o fascínio por conhecer um lugar cuja história é marcada pelas atrocidades do regime nacional-socialista parece predominar. Prova disso é o número de visitantes ao Memorial do Campo de Concentração de Dachau, que recebe mais de 800.000 turistas por ano, sendo um dos locais de vítimas do Nacional-Socialismo mais visitados (DACHAU CONCENTRATION CAMP, 2018). Deve-se notar que esta é uma estimativa conservadora dos operadores do memorial, já que não havia registros reais do número de visitantes no momento do estudo. Este número resulta então de duas pesquisas, que documentaram 618.000 guias de áudio usados. No entanto, a instituição presume que número de visitantes seja significativamente maior (LENNON; WEBER, 2017).

No ano de 1999, Lennon e Foley afirmaram: "houve um crescimento significativo no turismo associado a locais de morte, desastre e depravação" (LENNON; FOLEY, 1999, p. 46). Pesquisas documentadas nas últimas décadas comprovam essa tese. Na virada do milênio, a Casa de Anne Frank, em Amsterdã, registrou 885.000 visitantes que entraram pela estante giratória no prédio dos fundos, que abrigou oito refugiados judeus durante a Segunda Guerra Mundial. No mesmo ano, o campo de concentração de Auschwitz-Birkenau recebeu

434.000 turistas, que visitaram o local onde 1,5 milhão de pessoas perderam a vida durante a Segunda Guerra Mundial.

Os registros de visitantes desses destinos têm aumentado continuamente. Em 2017, a Casa de Anne Frank contou 1.266.966 visitantes (ANNE FRANK WEBSITE, 2018). No mesmo ano, o campo de concentração de Auschwitz-Birkenau registrou 2.100.000 turistas (MEMORIAL AND MUSEUM AUSCHWITZ-BIRKENAU, 2018). Além disso, a exposição "*Körperwelten*" ("Mundos dos Corpos"), que mostra corpos humanos e de animais preservados e preparados com a técnica de plastinação, atraiu mais de 45 milhões de visitantes em todo o mundo (BODY WORLDS, 2018). Então, Dachau não é um caso isolado.

Os organizadores e operadores de locais com um passado sombrio estão agora respondendo a esse fenômeno de aumento das visitas, e atividades como uma caminhada até o reator 4 da usina nuclear de Chernobyl, uma viagem ao Museu e Memorial Nacional do 11 de Setembro em Nova York ou uma maratona pelas ruas de Pyongyang começam a aparecer nos catálogos de viagem.

Neste contexto, Richard Sharpley (2009) afirma: "parece haver um número crescente de pessoas interessadas em promover ou lucrar com eventos 'sombrios' como atrações turísticas" (SHARPLEY, 2009, p. 5). Como resultado, desastres ou tragédias são mercantilizados e vendidos como atrações turísticas. Na literatura, o consumo desses bens turísticos diretamente relacionados ou associados à morte e ao sofrimento é descrito como "turismo sombrio". Na prática, no entanto,

essa forma macabra de viagem é frequentemente criticada. Blom (2000) se refere a isso como "turismo patológico", enquanto Schofield (1998) expressa preocupações sobre a propaganda desses locais (BLOM, 2000; SCHOFIELD, 1998). Stone (2011) argumenta que, acima de tudo, os motivos e o comportamento dos visitantes no local, excluindo a influência de terceiros ou a participação comercial, não foram suficientemente pesquisados (STONE, 2011).

Porém a psique humana muitas vezes segue inconscientemente uma bússola moral para definir o que é aceitável ou inaceitável em termos de escolha do consumidor. E em geral, parte da natureza humana parece abrigar uma fascinação macabra com a morte, o horror e a violência (MORAN, s.d.). Mas o que gera essa visitação a destinos e atrativos turísticos marcados pela morte e pelo sofrimento?

O foco desta investigação está na determinação das principais motivações para visitar o Memorial do Campo de Concentração de Dachau. Koleth argumenta que os locais de turismo sombrio se tornaram parte integrante das viagens de férias (KOLETH, 2014), neste contexto a seção acima referiu-se ao crescente número de visitantes nas últimas décadas. No entanto, a motivação dos visitantes muitas vezes permanece sem esclarecimento, e esta pesquisa pretende a partir de uma abordagem quantitativa, contribuir para o entendimento deste questionamento teórico e científico. Já que a produção acadêmica sobre o tema do turismo sombrio tem sido amplamente baseada em abordagens qualitativas (STONE; SHARPLEY, 2008).

Portanto, como questão central de pesquisa, buscou-se entender quais são as principais motivações que levam as pessoas a visitarem o Campo de Concentração de Dachau. Para responder à pergunta de pesquisa, com base nos motivos de Dunkley (2005) no turismo sombrio, foram indicados motivos adequados para a visita ao Memorial do Campo de Concentração de Dachau. Em seguida, em uma sondagem, os visitantes do Memorial do Campo de Concentração de Dachau foram consultados sobre sua presença no local.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

As seções a seguir descrevem o Tanaturismo de Seaton e o Turismo Sombrio de Lennon e Foley. Apresentamos as diferentes abordagens dos autores para a compreensão das razões de viajar para lugares de horror.

Tanaturismo

Seaton (1996) segue uma abordagem semelhante à de Rojek (1995) no artigo "*From Thanatopsis to Thanatourism: Guided by the Dark*", no entanto, abrange uma gama mais ampla. O Tanaturismo é, portanto, considerado como:

(...) viajar para um local total ou parcialmente, motivado pelo desejo de encontros reais ou simbólicos com a morte, particularmente, mas não exclusivamente, morte violenta, que pode, em um grau variável, ser ativada pelas características específicas da pessoa daquelas cujas mortes são seus objetos focais (SEATON, 1996, p. 240).

Além disso, Seaton desenvolve sua ideia do Tanaturismo onde fatores comportamentais estão em primeiro plano e o conceito é moldado pelos motivos individuais e motivação dos viajantes, além de seu papel no turismo de morte e desastre. Assim, deve-se esclarecer se o interesse do visitante pela morte é pessoal e coexiste com outros motivos ou se um interesse geral na morte é o motivador.

Quadro 1 - Continuum do Tanaturismo conforme Seaton

Elemento fraco de tanaturismo	Elemento forte de tanaturismo
O interesse pela morte é centrado na pessoa e existe com outras motivações.	O interesse pela morte é generalizado e existe como único motivador.
Os mortos são conhecidos e valorizados pelo visitante.	Fascinação com a morte é independente da pessoa ou pessoas envolvidas.
Por exemplo, uma visita a um memorial de guerra comemorando um parente morto.	Por exemplo, visitas a cemitérios, catacumbas, cenas de desastre.

Fonte: Seaton (1996)

Turismo Sombrio

O termo turismo sombrio foi adotado pela primeira vez pelos pesquisadores Foley e Lennon (1996), que o identificaram como "o fenômeno que engloba a apresentação e o consumo de locais reais e mercantis de morte e desastre" (página 198). Em "*Dark Tourism: The Attraction of Death and Disaster*" (2000), eles refinaram ainda mais sua definição. Nele, foi feita uma distinção entre o consumo real de bens e ações do turista sombrio associados apenas a esse tópico. Por exemplo, uma viagem de família ao Memorial e Museu Nacional do 11 de Setembro não é considerada turismo sombrio, pois segundo Lennon e Foley (2000) os turistas sombrios como aqueles que visitam devido à

serendipidade, o itinerário das empresas de turismo ou os meramente curiosos que por acaso estão na vizinhança que são, para nós, a base do turismo sombrio.

Além disso, nos anos posteriores, Stone (2006) definiu o turismo sombrio como o ato de viajar para locais associados à morte, ao sofrimento e ao aparentemente macabro e essa definição é mais comumente encontrada na literatura para descrever viagens para lugares marcados por morte e sofrimento. No entanto, é difícil atribuir os locais de turismo sombrio a um único segmento de turismo, já que eles podem fazer parte de espaços de lazer, eventos, lugares ligados à cultura etc.

O Memorial do Campo de Concentração de Dachau como Destino do Turismo Sombrio

A cidade de Dachau está localizada na Alta Baviera, a 21 km do centro da cidade de Munique, e tem 46.914 habitantes (LANDRATSAMT DACHAU, 2016). O centro histórico de Dachau oferece uma variedade de eventos culturais, incluindo concertos no Castelo de Dachau, além de várias exposições em suas galerias de arte e museus e estas atrações são promovidas ativamente pelo município (STADT DACHAU, 2018). Apesar disso, o Memorial do Campo de Concentração de Dachau continua a marcar a imagem da cidade, pois desde a sua construção, há opiniões divergentes sobre o uso do local e sua importância para a política. Ainda hoje se discute se a representação e a interpretação do Memorial do Campo de Concentração de Dachau são autênticas e acima de tudo, a abordagem do local causa conflitos constantes. Moradores questionam se o caráter educativo deveria estar em primeiro plano ou o local deveria servir principalmente à memória dos mortos?

História do Local

Como detalhado na introdução, Dachau foi usado por 12 anos e ainda serviu como modelo para outros campos de concentração. Após a libertação dos prisioneiros, em 29 de abril de 1945, serviu durante três anos como centro de detenção para funcionários do regime nazista e membros da SS. Um tribunal militar foi instalado no local, e 489 ações foram movidas contra 672 acusações.

Em 1948, os militares americanos devolveram o local do antigo campo de prisioneiros ao Estado da Baviera. Neste local, foi construído um centro de acolhimento para refugiados e desabrigados. Entretanto, representantes do município de Dachau exigiram várias vezes a demolição do crematório no parlamento do Estado da Baviera para pôr fim à difamação da região de Dachau. Os sobreviventes do campo, no entanto, resistiram a essas exigências e, em 1955, se uniram ao "*Comité Internationale de Dachau*"-CID (Comitê Internacional de Dachau).

O CID, em nome de representantes de associações e instituições públicas, solicitou a criação de um memorial naquele local pela primeira vez em 1959, e desde então teve início uma campanha que durou mais de três anos, que levou à dissolução do assentamento de refugiados e à transformação do antigo campo de concentração. O governo do Estado

da Baviera e o CID concordaram em criar um memorial. Dois quartéis foram demolidos e reconstruídos, e os muros e as torres de vigilância foram novamente renovados. Em 1965, foi inaugurado o Memorial do Campo de Concentração de Dachau onde, até a década de noventa, os funcionários pouco mudaram na exposição e no próprio local. Em 1995, o conselho científico consultivo encomendou uma nova concepção sobre o trabalho futuro no memorial. Depois disso, foi inaugurada em 2009 uma nova área de visitação do Memorial do Campo de Concentração de Dachau, o que tornou o local da forma como está até hoje (DACHAU CONCENTRATION CAMP, 2018).

Motivos no Turismo Sombrio

Motivos individuais originados dos gêneros Sol, Mar e Areia já foram amplamente discutidos na literatura acadêmica, mas ao longo dos anos, a oferta turística continuou a evoluir. Os motivos para consumir bens turísticos sombrios são complexos e diversos. O desejo de visitar lugares e atrações bastante obscuros e lidar com o macabro é um apelo para os turistas. O crucial aqui é que a relação do visitante com o local, pois sua experiência ali é subjetiva e variada. Nesse contexto, Dunkley (2005) fornece uma estrutura para entender os diferentes motivos dos visitantes desses locais, conforme mostrado no quadro 2.

Quadro 2 - motivos no turismo sombrio

Classificações	Exemplos
Visitas a cemitérios e túmulos para reflexão	Cemitério <i>Père Lachaise</i>
A busca de aventura e risco no caminho para o destino	A corrida dos touros em Pamplona
Afirmção e reconhecimento de eventos como crimes, catástrofes ou assassinatos	Excursão ao bloco reator 4 da usina nuclear de Chernobyl, agora desativada
Precisão e o desejo de confirmação da existência real de uma pessoa ou lugar	Memorial e Museu Nacional do 11 de Setembro
Auto-descoberta e educação	Casa de Anne Frank
Visitando locais históricos	<i>Checkpoint Charlie</i>
Conveniência da visita devido à sua localização dentro ou perto de um destino turístico popular	O Memorial do Campo de Concentração de Dachau e sua proximidade com a capital da Baviera, Munique
Curiosidade mórbida em lugares onde mortes ou desastres ocorreram recentemente	Síria
Razões religiosas	Meca
Memória e empatia	Memorial às vítimas do assassinato de Wiesn

Fonte: Dunkley (2005)

Não obstante, ele indica que, por causa de sua natureza descritiva, essas categorizações só podem ser aplicadas a atrações ou locais específicos. Portanto, os motivos listados não podem atuar como motivadores únicos, que desencadeiam nas pessoas o desejo de visitar tal local (DUNKLEY, 2005).

Stone (2006) avalia o turismo sombrio de uma perspectiva prática e argumenta que muitos lugares sombrios oferecem a oportunidade de lidar com as questões da vida e morte. No centro do debate está tanto o medo da própria morte quanto a mortalidade do homem. Ambos resultam em pessoas que, em certa medida, querem experimentar alguns componentes tangíveis da morte por meio do turismo sombrio (DALE; ROBINSON, 2011). Dale e Robinson (2011, p. 207) afirmam: "Para um

passar e experimentar a vida após a morte, o retorno deve ser melhor em viagens".

Sharpley (2009) segue uma abordagem semelhante e se concentra no fascínio exercido pela morte. Como mencionado em detalhes, diferentes tipos de turista experimentam os locais do turismo sombrio de maneiras diferentes. O interesse pela morte muitas vezes não é o fator determinante para a visita. Sharpley (2009) distingue entre um interesse geral por morte e desastres e um impulso pessoal. Além disso, ele mostra que lugares de turismo sombrio podem surgir por acidente ou pela intenção do operador. Semelhante ao espectro do turismo sombrio, nuances também são usadas em "*Matrix of dark tourism demand and supply*", de Sharpley, para representar a oferta e demanda (SHARPLEY, 2009).

No espectro está o turismo pálido, turismo cinza e o "turismo negro". O turismo pálido (*Pale tourism*) atrai viajantes com pouquíssimo interesse pela morte. Os locais costumam ser visitados por acidente e não percebidos como atrações turísticas. A demanda no turismo cinza (*Grey tourism demand*) é semelhante à dos visitantes do turismo pálido, que se deparam com os locais por acaso. No entanto, estes são muito mais atraídos pelo tema e desenvolvem um fascínio pela morte. A oferta do turismo cinza (*Grey tourism supply*) inclui lugares que têm a intenção de retratar a morte de uma forma que beneficie os operadores. Turistas com um interesse equilibrado no assunto são atraídos para esses locais. O turismo negro (*Black tourism*) é a forma mais pura de turismo sombrio. A experiência no terreno e o fascínio da morte são atendidos tanto do lado da oferta quanto do lado da demanda (SHARPLEY, 2009).

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem um caráter exploratório e descritivo, que busca através de dados quantitativos contribuir para o entendimento de variáveis qualitativas na motivação para visitação do local em estudo. A metodologia utilizada nesta pesquisa aplicada foi um híbrido de pesquisa quantitativa e qualitativa. Os resultados devem ajudar a entender os motivos que levam os visitantes ao Memorial do Campo de Concentra o de Dachau. Os dados foram coletados em formato numérico e convertidos de acordo através de questionários aplicados *in loco*.

A pesquisa aplicada baseou-se principalmente em pesquisas bibliográficas e em uma pesquisa que buscou seu insumo na empiria. Com objetivo de coletar informa es sobre o comportamento de consumo, preferências, motiva o e percep es dos visitantes. A pesquisa primária foi realizada no Memorial do Campo de Concentra o de Dachau na forma de uma pesquisa pessoal aplicada por meio de questionários enquanto instrumento de coleta de dados. Foi usado uma abordagem sistemática, através da qual foi possível obter os dados de uma amostra da popula o correspondente.

Pesquisas pessoais trazem vantagens e desvantagens. Uma desvantagem   que, devido ao tempo necessário, não poderiam ter sido realizadas muitas entrevistas, além disso, complica es podem ocorrer em rela o ao entrevistador. Isso   considerado um fator disruptivo, já que somente por sua presença ele pode influenciar as respostas dos

respondentes. Para evitar que isso ocorresse, foi tomado o cuidado de não fazer perguntas adicionais e de não dar espaço ao entrevistado para discussão.

Outro grande problema é a chamada tendência "*looking-good*" (de boa aparência). Isso pode levar o respondente a dar apenas respostas que ele acha que são boas para a imagem que o entrevistador provavelmente tem dele (BROSIUS; HAAS; KOSCHEL, 2016). No entanto, como uma vantagem de uma pesquisa pessoal, é importante observar que, devido à preferência local, os visitantes relevantes para o estudo podem ser abordados. Pelo mesmo processo, a entrevista com perguntas padronizadas facilita a comparação dos dados obtidos. Além disso, a ambiguidade em relação a questões específicas no local pode ser eliminada. Em geral, também deve ser notado que as entrevistas pessoais têm poucas taxas de rejeição e cancelamento por parte dos participantes (BROSIUS; HAAS; KOSCHEL, 2016).

O prazo limitado deste trabalho significou para o estudo que a pesquisa pessoal só poderia ser realizada em certos dias do ano e em uma determinada estação. Todas as entrevistas ocorreram dentro de cinco dias, no período de sábado, 22/12/2018, a quarta-feira, 16/01/2019, das 13h às 16h. Dez entrevistas foram realizadas por dia. Desta forma, foram incluídos três dias úteis e um fim de semana. Durante este período, não houve eventos, feiras ou ocorrências similares relevantes para o estudo na cidade de Dachau ou na área circundante, o que poderia influenciar o comportamento do visitante e, conseqüentemente, o resultado. Como este foi um estudo piloto relativamente pequeno, os resultados da

amostra são de significância limitada. Eles refletem apenas as tendências dos visitantes.

A oferta do Memorial do Campo de Concentração de Dachau é basicamente destinada a grupos de visitantes de todas as idades, procedências e origens culturais e religiosas. A população deste estudo consistiu inteiramente em visitantes do memorial. Um censo não era viável devido ao tamanho da população. Por este motivo, foi retirada uma amostra para realizar a investigação. Em sua seleção, havia apenas uma restrição em termos de idade. Apenas pessoas com 18 anos ou mais participaram deste estudo. Além disso, o escopo da amostra foi limitado por barreiras de idioma, pois, devido à falta de conhecimento de outras línguas estrangeiras por parte do entrevistador, apenas visitantes de língua inglesa, alemã ou portuguesa poderiam ser entrevistados.

A amostra consistiu em 50 visitantes do Memorial do Campo de Concentração de Dachau. Eles foram entrevistados sobre seus motivos para visitar este lugar a fim de subsidiar os dados para tratamento da pesquisa.

A pesquisa foi realizada utilizando um questionário semiestruturado, que incluiu uma mistura de questões quantitativas e qualitativas e continha 14 perguntas sobre o comportamento e a motivação dos visitantes. Primeiro, eram feitas perguntas demográficas básicas sobre o entrevistado. Elas abrangiam sexo, idade, local de residência e religião. A residência nos deu informações sobre se os entrevistados são turistas ou moradores locais.

A segunda parte do questionário era aprofundada no assunto, abordando primeiro o número de visitas já feitas por um único entrevistado. As visitas repetidas ao local permitiram tirar conclusões sobre os motivos subjacentes. Uma abordagem semelhante pode ser encontrada na próxima pergunta. Neste âmbito, os participantes puderam nomear outros locais memoriais de vítimas do Nacional-Socialismo que já visitaram. Para isso, a questão foi dividida em uma parte fechada e uma parte aberta. Aqui, foi examinado um interesse geral no tema. As perguntas sobre a ligação pessoal do entrevistado com o Holocausto ou o Memorial do Campo de Concentração de Dachau apontaram, mais uma vez, os motivos para visitar este local. Na segunda parte da questão, os participantes do estudo tinham a opção de resposta aberta para elencar outras conexões pessoais.

A seguir, havia a questão central do estudo, sobre os motivos que levaram os entrevistados a visitarem o memorial do campo de concentração. Os participantes receberam respostas derivadas dos motivos para o turismo sombrio de Dunkley (2005). Além disso, havia também a possibilidade de responder abertamente à questão, apontando outras razões e motivos para a visita. Finalmente, foi esclarecido quais vias os participantes vivenciaram no Memorial do Campo de Concentração de Dachau. As respostas a essa pergunta podem esclarecer as forças de atração dos visitantes.

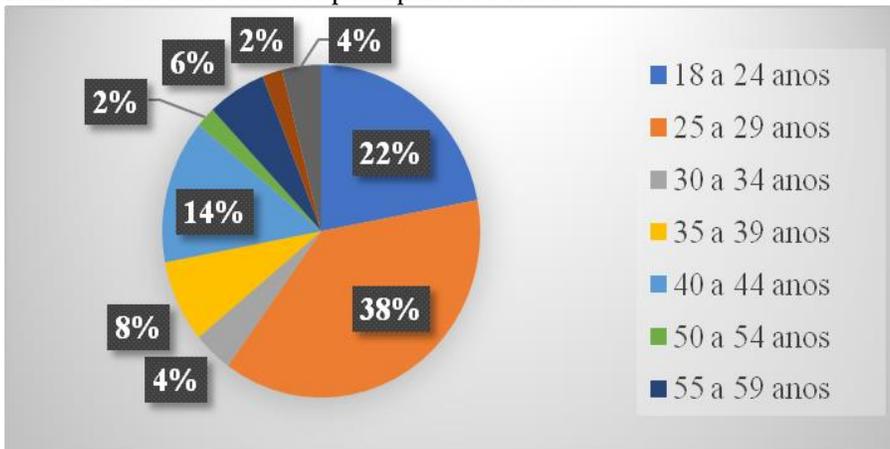
Os resultados foram analisados a partir da junção dos dados tratados em planilhas e gráficos para apresentação visual e leitura dos mesmos. Outro ponto de análise dos dados adotado por este trabalho foi a relação entre as categorias teóricas (variáveis) e o alinhamento aos dados obtidos através dos questionários.

RESULTADOS

A seção seguinte apresenta os resultados da entrevista pessoal. As respostas para cada pergunta são apresentadas e parcialmente explicadas para melhor definição.

Entre os entrevistados, havia 19 homens e 31 mulheres. Isso corresponde a uma distribuição de 38% e 62%, respectivamente. Há uma variedade de faixas de idade dos visitantes, 22% dos entrevistados têm entre 18 e 24 anos, 38%, entre 25 e 29 anos. 4% se enquadram na faixa de 30 a 34 anos, 8%, na de 35 a 39 anos, e 14% têm de 40 a 44 anos. A faixa etária de 50 a 54 anos é representada por 2%, e a de 55 a 59 anos, com 6%. Entre as idades de 65 e 69 anos, estão 2% dos entrevistados. E 4% têm mais de 75 anos de idade. As faixas etárias de 45 a 49 anos, 60 a 64 anos e 70 a 74 anos não estão incluídas na amostra. 60% dos participantes e, portanto, a maioria tem entre 18 e 29 anos de idade. A idade média dos entrevistados é de 33,8 anos.

Gráfico 1 - Estrutura etária dos participantes do estudo



Fonte: Autores (2019)

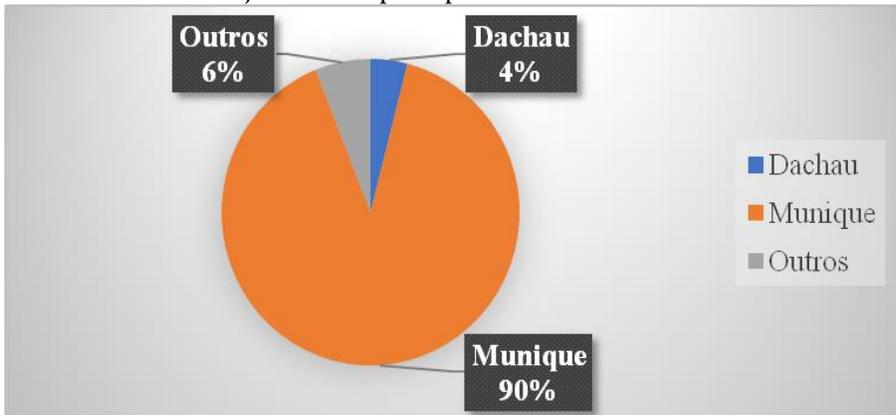
Questão 3a: Você reside no distrito de Dachau?

A questão foi respondida com "não" por 96% dos participantes. No total, os moradores do distrito de Dachau é muito baixo: 4% de representação. No entanto, este número tem um efeito positivo sobre a validade do estudo, uma vez que significativamente mais turistas do que residentes foram pesquisados.

Questão 3b: Em qual cidade você vai passar a noite?

Se a resposta da pergunta 3a tiver sido "não", é interessante saber onde os visitantes passam a noite. Apenas 4% dos inquiridos que não estão domiciliados no distrito de Dachau declararam que efetivamente passaram a noite em Dachau. Para a maioria dos participantes da pesquisa, a visita ao Memorial do Campo de Concentração de Dachau foi apenas uma viagem de um dia. 90% ficaram hospedados em Munique. Além disso, 6% declararam outras cidades ou vilas nas proximidades.

Gráfico 2 - Local de alojamento dos participantes do estudo



Fonte: Autores (2019)

Questão 4: Qual a sua religião?

Os participantes tiveram a oportunidade de escolher entre judaísmo, cristianismo, islamismo, visão de mundo ateu e outras religiões. 8% disseram pertencer ao judaísmo, 6% ao islamismo, 14% ao ateísmo e até 68% ao cristianismo. Além disso, 2% dos entrevistados tinham outra religião.

Questão 5a: Esta é a sua primeira visita ao Memorial do Campo de Concentração de Dachau?

Dos 50 entrevistados, apenas 6 disseram que visitaram o memorial com mais frequência.

Questão 5b: Se não, com esta, quantas visitas já fez?

Dos visitantes, três visitavam Memorial do Campo de Concentração de Dachau pela segunda vez. Mais dois estavam lá pela terceira vez, e um participante estava em sua quarta visita.

Questão 6a: Você já visitou outros locais do Holocausto ou museus sobre esse assunto antes?

No total, 70% dos entrevistados não haviam visitado locais semelhantes do Nacional-Socialismo. Por outro lado, 30% já haviam visitado locais semelhantes.

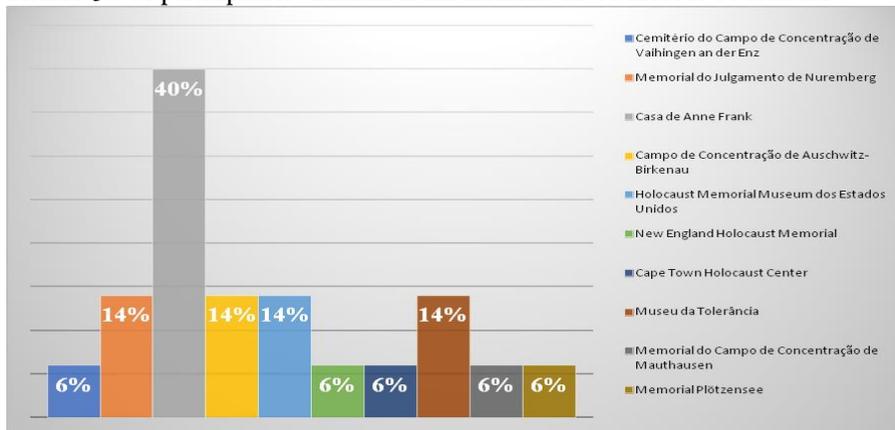
Questão 6b: Se sim, qual?

Os 30% dos entrevistados que já haviam visitado locais ou museus semelhantes do nacional-socialismo agora poderiam dar mais respostas, em uma pergunta aberta.

A Casa de Anne Frank, em Amsterdã, foi apontada como o local mais frequente, com 40%. Outros locais semelhantes foram o Memorial do Campo de Concentração e o Cemitério do Campo de Concentração de Vaihingen an der Enz, o Memorial do Julgamento de Nuremberg, o Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau, o *Holocaust Memorial*

Museum dos Estados Unidos, o *New England Holocaust Memorial*, o *Cape Town Holocaust Center*, o Museu da Tolerância, o Memorial do Campo de Concentração de Mauthausen e o Memorial Plötzensee.

Gráfico 3 - Os participantes visitaram locais memoráveis ou museus do nazismo



Fonte: Autores (2019)

Questão 7a: Você tem uma conexão pessoal com o Holocausto ou o Memorial do Campo de Concentração de Dachau?

Apenas 8% dos participantes do estudo disseram ter uma conexão pessoal com o Holocausto ou com o Memorial do Campo de Concentração de Dachau. Isso não é verdade para 92% dos entrevistados.

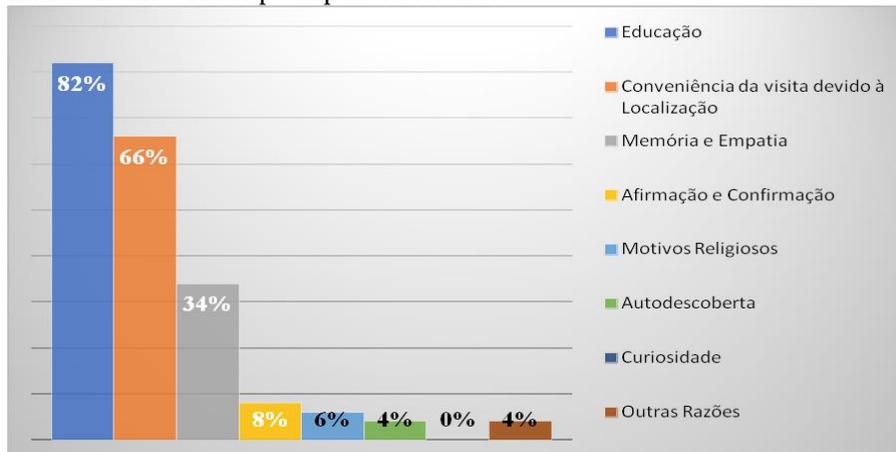
Questão 7b: Se sim, qual?

A questão foi parcialmente fechada, parcialmente aberta. Os entrevistados puderam escolher entre quatro categorias. Se eram sobreviventes, vítimas, libertadores ou descendentes? Além disso, outros relacionamentos com o tema ou o local podiam ser especificados. Todos os participantes ligados ao Holocausto se encontravam na categoria de descendentes.

Questão 8a: Por que você visitou o Memorial do Campo de Concentração de Dachau?

As respostas a essa pergunta indicam que, acima de tudo, com 82%, o critério de Educação é o principal motivo para visitar o local. 66% citaram como motivo a conveniência da visita devido à Localização. Essa porcentagem alta já aparecia nas respostas da questão 3b. Apesar do número relativamente baixo de visitantes com ligação direta ao Holocausto, como pode ser observado nas respostas da questão 7a, 34% afirmaram que o motivo da visita era Memória e a Empatia. Apenas 8% dos participantes do estudo mencionaram Afirmação e Confirmação. 6% citaram Motivos Religiosos, e 4% das respostas falaram de Autodescoberta e outras razões. O critério de Curiosidade não foi mencionado por nenhum dos entrevistados.

Gráfico 4 - Motivos dos participantes do estudo



Fonte: Autores (2019)

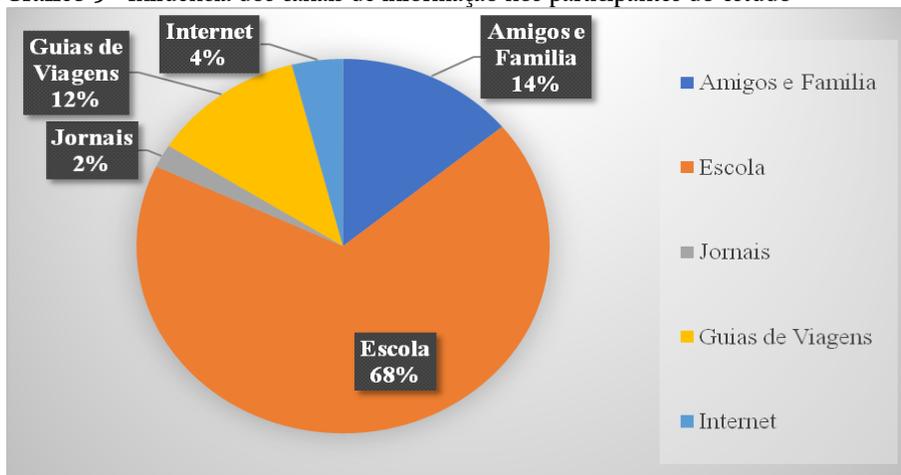
Questão 8b: Que outras razões foram relevantes para a sua decisão de visitar o Memorial do Campo de Concentração de Dachau?

Apenas 4% do total da amostra tinham razões para sua visita diferentes dos motivos listados na questão 8a. Um dos entrevistados relatou que estava no local para participar do tour do memorial com outros turistas porque estava sendo conduzido por um de seus amigos. Outro visitante afirmou que o pai de sua namorada de infância foi um sobrevivente do campo de concentração de Dachau e, portanto, isso o estimulou a ir a este lugar.

Questão 9: Como você ficou sabendo do Memorial do Campo de Concentração de Dachau?

Mais da metade dos entrevistados (68%) disse que aprendeu sobre o Memorial do Campo de Concentração de Dachau na escola. Um total de 12% mencionou guias de viagem, 4% Internet, 14% amigos ou familiares e 2% jornais. Revistas, televisão, rádio ou outros meios não foram mencionados no âmbito da pesquisa.

Gráfico 5 - Influência dos canais de informação nos participantes do estudo



Fonte: Autores (2019)

INTERPRETAÇÃO

A revisão da literatura descobriu que grande número de variáveis pode levar (ou até empurrar) o visitante a um lugar de turismo sombrio. Os fatores de impulsão são aqueles que desencadeiam o desejo de iniciar uma viagem, enquanto os fatores de atração determinam o destino da viagem. A questão da pesquisa, "Que influência os fatores de impulsão e atração têm nos visitantes do Campo de Concentração de Dachau?", tratada nessa situação, foi relacionada aos motivos dos visitantes do Campo de Concentração de Dachau. Para tal efeito considerarmos mais uma vez os motivos descritos na questão 8a, uma motivação intrínseca se manifesta nos critérios de Autodescoberta, Curiosidade, Razões Religiosas, assim como de Afirmação e Confirmação. Em "*Matrix of Darkness demand and supply*", de Sharpley (2009), os motivos mencionados variam de pouco a muito sombrios. O interesse pela morte é mais marcante e a vontade de visitar o Memorial do Campo de Concentração de Dachau vem de dentro para fora. Em contraste, os critérios de Educação, a conveniência da visita devido à Localização, bem como a Memória e a Empatia são motivados extrinsecamente. Os visitantes eram atraídos pela oferta, e a decisão de visitar o lugar foi influenciada por critérios externos.

No que diz respeito ao motivo da autodescoberta associado à exploração da própria identidade cultural, a análise da pesquisa não mostrou nenhuma influência forte na decisão de visitar o Memorial do Campo de Concentração de Dachau. Apenas 8% dos entrevistados tinham alguma conexão pessoal com o Holocausto ou com o memorial. Todos eles faziam parte da categoria descendentes. No entanto, ao

considerar a estrutura etária e a religião dos participantes, sugeriu-se um valor baixo. Assim, tivermos a afiliação ao judaísmo de 8% e a idade média dos entrevistados de 33,8 anos como fator decisivo para que o motivo de autodescoberta tenha sido afirmado por apenas 4% dos entrevistados. Além disso, a maioria dos participantes (88%) informou que visitava o memorial pela primeira vez. As visitas repetidas a lugares sombrios geralmente podem ser fundadas numa forte conexão pessoal. No entanto, a distância até o domicílio, como mostrado na questão 3, e a idade ainda muito jovem dos entrevistados eram as razões pelas quais eles não podiam estabelecer uma conexão pessoal com os eventos que ocorreram no passado ou visitar este local regularmente.

O motivo Educação foi o mais citado entre os entrevistados, com 82% das respostas tendo escolhido essa opção. Embora quase nenhum dos participantes pudesse manifestar uma conexão pessoal com o assunto, este parece ser o fator determinante para a visita do Memorial do Campo de Concentração de Dachau. Especialmente a geração mais jovem aparenta querer ter uma impressão em primeira mão das atrocidades do regime nazista, até então aprendidas em grande parte apenas nas salas de aula. Mais da metade dos participantes mencionou a escola na questão 9 como o meio pelo qual aprendeu sobre o Memorial do Campo de Concentração de Dachau. O foco era, acima de tudo, em razões preventivas. A educação deve garantir que os eventos nunca mais voltem a acontecer.

Memória e Empatia foram apontadas como o terceiro motivo mais frequente entre os entrevistados, com 34%. Inicialmente, isso

parece atípico, devido ao baixo número de visitantes com conexão pessoal direta ao Holocausto. Mas este ponto compreende mais do que apenas a memória dos mortos com quem pudesse haver uma conexão pessoal. Além disso, em relação ao Holocausto, os visitantes podem, antes de tudo, aumentar a empatia pelas vítimas. Emoções como raiva e tristeza em relação aos eventos ocorridos acompanham o visitante durante a visita. No geral, podemos afirmar que Memória e Empatia têm uma forte influência na decisão dos visitantes de ir ao Memorial do Campo de Concentração de Dachau.

Outro fator de atração é a conveniência da visita devido à sua proximidade com a capital da Baviera, Munique. Embora, de acordo com a questão 3a, apenas 4% dos entrevistados residam no distrito de Dachau. No entanto, dos 96% participantes restantes do estudo, 90% disseram que iam passar a noite em Munique. A partir disso, pode-se concluir que uma grande parte dos turistas realizou a visita do Memorial do Campo de Concentração de Dachau como uma excursão de um dia, parte da viagem a Munique. Um total de 66% afirmou como motivo a conveniência da visita devido à localização. Pelo alto número de turistas, um valor comparável era esperado, mas impressiona observar como os entrevistados foram abertos a fazer essa afirmação. Especialmente em uma entrevista, em que, como já explicado, muitas vezes as inibições frente ao entrevistador desempenham um papel de influência. Os participantes do estudo querem causar uma boa aparência e impressionar o entrevistador com suas respostas. Com base nas afirmações acima

feitas pelos entrevistados, podemos supor que, podemos ter alcançado um resultado significativo no contexto desta pesquisa.

Apenas 6% dos entrevistados indicaram motivações religiosas para visitar o Memorial do Campo de Concentração de Dachau. Como resultado, a questão 4 mostrou que apenas 8% dos participantes pertencem ao judaísmo. Com base na suposição de que, além do judaísmo, nenhuma das outras religiões tem qualquer semelhança com o assunto e o próprio local, esse baixo valor não é surpreendente. Em outra distribuição de afiliação religiosa, o resultado poderia ter sido diferente. As razões religiosas eram frequentemente associadas à Autodescoberta, à Memória e à Empatia, bem como à Afirmação e à Confirmação. No entanto, de acordo com os resultados da pesquisa, o motivo não tem forte influência sobre os visitantes do Campo de Concentração de Dachau.

Em termos de Afirmação e Confirmação, junto à vontade de encontrar abordagens explicativas para a morte em si, 8% dos participantes do estudo relataram que isso teve um papel importante no processo de tomada de decisão para visitar o Memorial do Campo de Concentração de Dachau. Como mencionado anteriormente, esse forte interesse pessoal pela morte é um indício para evolução ao turismo sombrio. Mas deve ser lembrado que a maioria daqueles que mencionaram Afirmação e Confirmação também se encontram na categoria dos descendentes. Como conclusão, nenhuma forte influência sobre a decisão dos visitantes de visitar o memorial pode ser assumida aqui.

Apenas dois participantes do estudo indicaram motivos que não estavam disponíveis nas opções de resposta dadas. Um deles relatou que estava lá para participar do tour do memorial com outros turistas, pois que estava sendo conduzido por um amigo. Isso indica uma conexão pessoal, que, no entanto, não é específica do Holocausto ou do memorial. O motivo pode ser considerado como um fator de impulsão, pois o participante visitou este lugar devido à atividade de seu amigo, e não pelo memorial.

Além desta menção, outro visitante afirmou que o pai de sua namorada de infância foi um sobrevivente do campo de concentração de Dachau. Já que o contato com sua namorada de infância quase (ou) não existe mais e, de acordo com sua própria declaração, ele não via o pai da moça desde a separação, pode-se presumir uma conexão pessoal indireta. Isso pode ser interpretado tanto como um fator de impulsão quanto como um fator de atração, uma vez que, acima de tudo, os motivos Memória e Empatia, bem como Afirmação e Confirmação, podem desempenhar um papel. Ambos os casos devem ser considerados como exceções, e não como decisivos para o todo.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, o Memorial do Campo de Concentração de Dachau foi examinado da perspectiva dos provedores, e, por meio da literatura, discutimos em qual contexto deve ser considerado. A localização é de importância global, não apenas pelos eventos que ocorreram lá. O perigo, no entanto, é que a perda de autenticidade possa

destruir a memória verdadeira. Assim, especialmente nos próximos anos, deve-se ter cuidado para garantir que o local original permaneça intacto durante a restauração e a preparação para o turismo mantendo a relação histórica como fator de conhecimento, evitando esvaziar de sentido o local.

O aumento contínuo do número de visitantes nos últimos anos foi um critério decisivo para a realização deste estudo. Os motivos do turismo sombrio descritos por Dunkley (2005) foram adaptados para os visitantes do memorial. Em suma, a pesquisa mostrou que a Educação é a razão principal, mencionada com mais frequência, seguida pela utilidade da visita devido à Localização, bem como Memória e Empatia. Vale ressaltar que todos esses motivos mencionados derivaram dos fatores de atração. No geral, as forças de atração mostraram uma resposta muito maior entre os entrevistados do que as forças de impulsão.

A cidade de Dachau deve, portanto, reconsiderar seus esforços de mascarar seu passado e mostrar outras facetas do distrito. O potencial do memorial do campo de concentração pode ser usado para atuar como um local educativo sobre o Holocausto. Devido à proximidade com a capital da Baviera, Munique, é extremamente difícil atrair turistas para ficarem em Dachau por mais de um dia. A situação competitiva e a imagem da cidade têm um efeito negativo na decisão de viagem dos turistas para Dachau.

Além disso, embora essa proposta tenha forte caráter quantitativo, ela também apresentou resultados qualitativos em termos

de motivos. Mas, devido ao pequeno tamanho da amostra e ao problema descrito em relação ao método de pesquisa, apenas dois outros motivos podem ser trabalhados, os quais não foram incluídos na estrutura de Dunkley (2005). No entanto, isso sugere que nem todos os motivos que levam o visitante a locais turísticos sombrios foram descobertos.

Além disso, também seria interessante saber por qual o processo os visitantes passam no local. A pesquisa se mostra incompleta para este efeito, pois, sob certas circunstâncias, as respostas de depois da visita ao local diferem das respostas antes da visita. Assim, outra abordagem da pesquisa poderia ser a de descobrir qual influência a percepção no local tem sobre os motivos do visitante. Uma vez que os resultados deste estudo comprovam que apenas uma proporção muito pequena dos participantes visitou o Memorial do Campo de Concentração de Dachau várias vezes, seria necessário investigar por que eles não retornam. Lacunas de pesquisa semelhantes podem ser encontradas em vários outros casos, como, por exemplo, no que diz respeito à moral e à ética dos visitantes.

Em suma, a decisão de visitar um local de turismo sombrio é muitas vezes baseada em múltiplos motivos, em vez de um único impulso, com um interesse na morte e o impacto aparentemente macabro nas percepções do indivíduo. Além disso, o consumo desses bens turísticos pode ser direcionado ou inconsciente. Com base nos resultados da pesquisa, podem ser obtidas recomendações para os operadores do Memorial do Campo de Concentração de Dachau.

A literatura no turismo sombrio ainda é muito fragmentada. No entanto, esta proposta foi capaz de contribuir para esclarecer a influência dos fatores de impulsão e atração sobre os visitantes do Memorial do Campo de Concentração de Dachau, revelando assim as principais motivações dos visitantes deste local.

REFERÊNCIAS

ANNE FRANK WEBSITE (Amsterdã). **Conservation and management of the Anne Frank Collection**. Disponível em: <https://www.annefrank.org/en/museum/collection-and-research>. Acesso em: 26 dez. 2018.

BLOM, T. Morbid tourism: a postmodern marketniche with an example from Althorp. **Norsk Geografisk Tidsskrift: Norwegian Journal of Geography**. S.l., p. 29-36. 2000.

BODY WORLDS (Heidelberg). **The Philosophy behind BODY WORLDS: About the mission, concept & effects**. Disponível em: <https://bodyworlds.com/about/philosophy/> Acesso em: 26 dez. 2018.

BROSIUS, H.; HAAS, A.; KOSCHEL, F. **Methoden der empirischen Kommunikationsforschung: Eine Einführung**. 7. ed. Wiesbaden: Springer VS, 2016.

DACHAU. LANDRATSAMT DACHAU. **Einwohnerzahlen und Flächen der Kreisgemeinden**. Disponível em: <https://www.landratsamt-dachau.de/landkreis-kultur-tourismus/landkreis/gemeinden-einwohnerzahlen/> Acesso em: 24 nov. 2018.

DACHAU. STADT DACHAU. **Concentration Camp Memorial Site**. Disponível em: <https://www.dachau.de/en/tourism/dachau-concentration-camp-memorial-site.html>. Acesso em: 24 nov. 2018.

DACHAU CONCENTRATION CAMP (Dachau). **Visitor Information: Dachau Concentration Camp Memorial Site**. Disponível em: <http://www.kz-gedenkstaette-dachau.de/index-e.html>. Acesso em: 24 nov. 2018.

DALE, C.; ROBINSON, P. Dark Tourism. In: ROBINSON, P.; DIEKE, P.; HEITMANN, S. (Ed.). **Research Themes for Tourism**. Wallingford: Cabi, 2011. p. 205-217.

DUNKLEY, R. Dark tourism: cashing in on tragedy?. In: **TOURISM SOCIETY SEMINAR EVENT**, 2005, Londres. Kensington Close Hotel.

FOLEY, M.; LENNON, J. JFK and dark tourism: A fascination with assassination. **International Journal Of Heritage Studies**. S.l., p. 198-211. 1996.

KOLETH, M. Crises of complicity. **Annals Of Tourism Research**. S.l., p. 272-274. 2014.

LENNON, J; FOLEY, M. Interpretation of the Unimaginable: The U.S. Holocaust Memorial Museum, Washington, D.C., and „Dark Tourism”. **Journal Of Travel Research**. S.l., p. 46-50. 1999.

_____. **Dark Tourism: The Attraction of Death and Disaster**. Hampshire: Andover, 2000.

SANTOS, M.; LACERDA, P. H. F.; FERREIRA, J. F.; SILVA, F. J. N. **MOTIVAÇÕES PARA O TURISMO SOMBRIO: CLASSIFICAÇÃO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE DACHAU**

LENNON, J.; WEBER, D. The long shadow: Marketing Dachau. In: HOOPER, G.; LENNON, J. (Ed.). **Dark Tourism: Practise and interpretation**. Abingdon: Routledge, 2017. p. 47-62.

MEMORIAL AND MUSEUM AUSCHWITZ-BIRKENAU (Oświęcim). **Memorial and Museum**. Disponível em: <http://auschwitz.org/en/>. Acesso em: 28 fev. 2019.

MORAN, T. **Contemporary Issues in Tourism**. Disponível em: <http://www.dark-tourism.org.uk>. Acesso em: 27 dez. 2018.

ROJEK, C. **Ways of escape: modern transformations in leisure and travel**. [s.l.] Macmillan, 1995.

SCHOFIELD, H. **Anger at 'Diana tour'**. 1998. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/150674.stm>. Acesso em: 26 dez. 2018.

SEATON, A. From Thanatopsis to Thanatourism: Guided By the Dark. **International Journal Of Heritage Studies**. S.l., p. 234-344. 1996.

SHARPLEY, R. Shedding Light on Dark Tourism: An Introduction. In: SHARLEY, R.; STONE, P. (Ed.). **The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism**. 2. ed. Toronto: Bristol, 2009.

STONE, P. A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. **An Interdisciplinary International Journal**, S.l., v. 54, n. 2, p.145-160, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/47640669_A_Dark_Tourism_Spectrum_towards_a_typology_of_death_and_macabre_related_tourist_sites_attractions_and_exhibitions. Acesso em: 21 out. 2018.

_____. Dark tourism: towards a new post-disciplinary research agenda. **International Journal Of Tourism Anthropology**. S.l., p. 318-332. 2011.

STONE, P.; SHARPLEY, R. Consuming Dark Tourism: A Thanatological Perspective. **Annals Of Tourism Research**. S.l., p. 574-595. 2008.

O LADO SOMBRIO DE UMA CIDADE: o Turismo Dark na cidade de João Pessoa/Paraíba/Brasil.

FREITAS, Ranieryson Viana
ENDRES, Ana Valéria
KIYOTANI, Ilana

Permitir um outro olhar sobre as cidades deve ser uma das funções do Turismo, estimulando ações que favoreçam o reconhecimento do lugar, tanto pelos visitantes como por seus moradores. Parte deste reconhecimento se dá pela preservação das histórias e das memórias cidadinas, que por vezes, mexem com o imaginário de turistas e moradores

O Turismo Dark é uma possibilidade que pode incitar experiências lúgubres que permite mostrar o outro olhar sobre a história do lugar. Os lados esquecidos, escondidos ou mesmo omitidos das cidades, quando em evidência, despertam reflexões sobre os acontecimentos da sociedade, nem sempre edificantes. O Turismo Dark propõe ser um catalisador dessa reflexão, desse outro olhar, que confronta o homem em suas próprias atrocidades, sobre as quais a sociedade nega, repugna e teme a morte (STONE, 2006; LIGUORI, 2017).

Autores como Trzaskos, Dropa e de Souza (2014), Coutinho e Baptista (2013), e Prezzi (2009) reforçam que o segmento Dark proporciona, de modo geral, a fuga da realidade atual aos visitantes, aliado ao Turismo Cultural e Histórico. No Brasil este segmento cresce a

partir do desenvolvimento do Turismo Cemiterial, Turismo de Favela e Turismo de Chacina. Apesar do aparente sombrio, o Turismo Dark é um entretenimento que se propõe a estimular o conhecimento de um lado nem sempre belo das cidades, mas que caminha *pari passo* com este na construção da história do lugar. Sem o feio não haveria o belo (OSMAN; RIBEIRO,2007).

Para os 76% dos brasileiros a morte é algo íntimo, vista como sinal de fraqueza, capaz de gerar sentimentos de dor, saudade e tristeza, o que a torna um assunto a ser evitado, um tabu, mesmo sendo uma das certezas da vida (COELHO, 2018). Nesse aspecto, o redescobrimento do lado sombrio da cidade permite oportunidades de desmitificar a morte, construindo nestes espaços uma relação positiva de aproximação da sociedade com suas feridas.

Diante deste movimento e sendo João Pessoa a terceira cidade mais antiga do país, a que atrativos a cidade poderia recorrer para entrar neste mercado? A capital paraibana recebe o maior fluxo de turistas do Estado, possui a maior infraestrutura hoteleira e, boa parte de seus atrativos, não fogem do comum de qualquer capital nordestina (FECOMÉRCIO-PB, 2019).

Dessa forma, a questão a ser explorada foca nos atrativos e atividades que possam fomentar o Turismo Dark na capital. Mas até que ponto é possível vivenciar o lado obscuro de João Pessoa? É possível vivenciar a tipologia Dark em João Pessoa? Onde estão esses atrativos e de que forma vêm sendo utilizados na cidade? Este capítulo busca responder a essas questões, contextualizando as definições e discussões

sobre o segmento turístico, seus significados e suas práticas, no âmbito global e local, e, por fim, apresenta sua aplicabilidade na cidade de João Pessoa.

Para alcançar os objetivos propostos, respondendo às questões acima, esse estudo possuiu uma abordagem qualitativa. Essa análise permite investigações que se fundamentam em uma maior compreensão das idiossincrasias e das subjetividades das pessoas, que agem e reagem em função das crenças e dos valores adquiridos (DENCKER, 2001).

A pesquisa bibliográfica foi o ponto de partida para aprofundar o debate sobre o tema, suas definições e conceituações, suas tipologias e as correlações e implicações que envolvem sua implementação nas cidades, seus atrativos e suas memórias. O Turismo Dark é pouco estudado, dando a esta pesquisa seu caráter exploratório.

Na pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas, o que permitiu uma maior flexibilidade das falas dos informantes. Além disso, o roteiro evitou generalização do tema proposto. A escolha dos informantes foi definida através da técnica de “bola de neve”, partindo de um entrevistado inicial, a Coordenadora de Assuntos Históricos, Artísticos e Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). Assim, a indicação de outras pessoas e dessas para outras pessoas compôs o quadro de entrevistados

Foram entrevistadas 14 (catorze) pessoas, entre representantes da Secretária de Turismo de João Pessoa (SETUR-JP), da Secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico do Estado da Paraíba

(SETDE-B), do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-PB), assim como os gestores dos cemitérios e das igrejas estudadas. Todos, de maneira geral, envolvidos com o planejamento do Turismo da cidade.

As indicações propostas também contribuíram para enumerar e caracterizar os atrativos que potencialmente podem ser utilizados pelo Turismo Dark. Foram identificados em João Pessoa 22 atrativos que se enquadram nas categorias apresentadas por Stone (2006) e Prezzi (2009) e que orientaram a estrutura do trabalho. São as categorias de *Dark Resting Places* (Turismo Cemiterial), a de *Dungeons Dark* (Calabouços Sombrios) e a de *Poverty Tourism* (Turismo de Pobreza ou Miséria).

Estes atrativos situam-se no Centro Histórico de João Pessoa, delimitado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional) e IPHAEP (Instituto do Patrimônio e Artístico do Estado da Paraíba), o que demonstra o potencial desta área para a valorização e memória da cidade.

AS CIDADES: VER, SENTIR E VIVER

Como percebemos a cidade que moramos? Com tudo que ela tem a oferecer? O que enxergam e o que buscam os turistas na cidade? A cidade é vista tanto de forma individual como coletiva pelos seus fluxos. Um mesmo lugar propõe olhares diversos, dependendo do interesse de quem analisa e planeja a cidade.

Segundo Murta e Alabano (2002) as cidades precisam ser interpretadas com base na sua comunidade, possibilitando e valorizando

a existência e as relações entre os lugares, visitante e morador. Assim, aperfeiçoa-se a experiência da visita, estimula um outro olhar capaz de provocar e gerar curiosidade, permitindo que o turista conheça a cidade e toda sua magia e mistérios.

A diversidade de atrativos de uma cidade deve refletir sobre o passado, o agora e o futuro. Ver o que a cidade tem a oferecer é um exercício para todos e de todos os sentidos. Para Krippendorf (2001) a cidade pode ser construída através da subjetividade, existindo movimentos constantes de desaceleração, tornando-a mais habitável e acolhedora. O mesmo autor apresenta os vários aspectos de uma cidade, seja ela sensual, inacabada, pulsante, viva, a que comunica e a que educa.

A cidade nem sempre é construída e percebida em suas subjetividades, mas também é percebida como um fluxo em transformação, um sistema de poder e hierarquização. Nas palavras de Fischer (1997), ela deve ser enxergada como uma organização, com visão estratégica, como um espaço plural, que cria redes de relações e interesses. É esta rede complexa que pressiona a cidade em buscar melhores índices de crescimento do turismo, justificado pela busca de seu desenvolvimento.

Vainer (2013) discorda que cidades devem ser planejadas de forma estratégica como organizações. Ele argumenta que essa visão não permite que a cidade seja construída de forma coletiva, e sim a sitiando. Contudo, é uma voz dissonante sobre como as cidades têm sido planejadas e orientadas mais pelas necessidades econômicas, que ditam

quais espaços devem ser visitados ou abandonados pelo turismo, o que nem sempre atendem as necessidades sociais.

É o caso dos centros históricos das cidades, geralmente subutilizados, marginalizados e segregados. E quando vistos, são produtos de intervenções que atendem prioritariamente ao comércio local e suas relações com a cidade. Quando o dia acaba, a dinâmica desses espaços muda, expondo uma realidade estéril, que afasta moradores e turista das memórias do lugar turístico (KRIPPENDORF, 2001).

Para Murta e Alabano (2002) e Hall (2011) o planejamento turístico deve focar na busca de recursos físicos e humanos que consolidem a identidade e fortaleçam a imagem do lugar. Em seus traços culturais, os atrativos turísticos devem estabelecer uma comunicação efetiva com o visitante através da interpretação. Sendo preciso novos olhares e usos para os atrativos turísticos explorados. O planejamento deve permitir o despertar das vocações da sua cidade, do seu usufruto e resultados.

É o olhar para os recursos de forma a interpretá-los turisticamente, permitindo a mudança da relação do turista com os atrativos e estimulando uma maior permanência nas cidades. Nesta perspectiva, os atrativos turísticos devem ser compartilhados para a criação de produtos segmentados e diferenciais, atraindo um fluxo de visitantes pensantes e críticos na construção do lugar (HALL, 2001; COOPER ET AL, 2001)

As especificidades do Turismo Dark

A sociedade vê no turismo oportunidades que vão além das de mercado. Oportunidades que estimulam aos turistas novas experiências a partir de novos atrativos, diferenciados e engendrados que buscam as mudanças na oferta dos serviços massificados. Esta mudança tende a projetar um novo perfil de turista, que vê a história e a cultura do local de outra forma. Dessa forma o Turismo Dark é diferenciado pelos lugares e locais incomuns, sombrios e mórbidos (TRZASKOS; DROPA; DE SOUZA, 2014)

Segundo Coutinho e Baptista (2013) e Prezzi (2009) este segmento, caracterizado como macabro, sinistro, negro, sombrio, *dark* ou mórbido é considerado como um dos mais antigos do Turismo. Em 1993, de acordo Prezzi (2009), Rojek cria a expressão “*Black Spots*” (pontos negros) para os locais comercialmente desenvolvidos após as catástrofes ou mortes de celebridades. Foley e Lennon (1996) foram os primeiros a conceituar esse deslocamento e motivação com o termo *Dark Tourism*.

Alguns pesquisadores apresentam tipologias de acordo com as características dos atrativos. A maioria das terminações é em língua inglesa, como: *Dark Fun factories* (fábricas de diversão sombrias), *Dark Exhibitions* (exibições sombrias), *Dark Resting Place* (locais de descanso sombrios), *Dark Dungeons* (Calabouços Sombrios), *Dark Conflict* (áreas de conflitos), *Dark Shirnes* (santuários sombrios) e *Dark camps of genocide* (campos de genocídio), o *Grief Tourism* (Turismo de Tristeza), o *Dooms Day Tourism* (Turismo do fim do mundo), o *Suicide Tourism* (Turismo Suicídio) e o *Poverty Tourism* (Turismo de pobreza ou de miséria). Para Robinson e Dale (2006) a variedade dessas tipologias busca atender as

especificidades que contam as histórias obscuras da cultura local (STONE, 2006; FONSCCECA,2015).

Prezzi (2009) e Seaton (1996) acrescentam também o Turismo Mórbido, que inclui o *Thanatourism* (contemplação da morte), no qual se enquadra o Turismo Cemiterial. Bristow e Newman (2004) apresentam o *Fright Tourism*, cujas histórias são assustadoras, mas não reais, a exemplo do *Halloween*.

Para Trazaskos, Dropa e de Souza (2014) e Prezzi (2009) o Turismo Dark e seus desdobramentos é construído pelo olhar subjetivo do turista. A curiosidade, a vontade e a personalidade destes são fatores capazes de instigar essa motivação. Assim, o Turismo Dark está diretamente relacionado a estas sensações, que reforçam a individualidade e aceitação de cada turista na prática da atividade.

A sensibilidade do turista é peça chave para a prática desse Turismo, pois a partir dela a sociedade pode enfrentar seus próprios medos. O medo, como estímulo a atração e a repulsa em relação à morte, alia-se ao prazer do desconhecido. Ao mesmo tempo em que se nega, a morte está presente nos costumes diários, na comunicação e cultura. Stone (2006) define o ausente e o presente como o paradoxo da morte, capazes de mediar e trazer reflexões da sociedade. As emoções provocadas podem gerar respostas em ações de caráter individual e/ou coletivo. Há infinitudes de desejos e emoções dentro do segmento Dark, que estimulam alguns gestores do Turismo a criação de destinos capazes de atrair este tipo de turista. De acordo com Fonseca e Silva (2014) é uma forma alternativa de Turismo que precisa ser planejada, pois há interesses e oportunidades de atrativos nas localidades (TRZASKOS; DROPA; DE SOUZA, 2014; PREZZI, 2009).

O Dark Turismo no mundo e no Brasil

O interesse pelo mórbido acompanha as sociedades pelo tempo. No Coliseu romano eram realizados jogos entre os gladiadores, cuja morte dos competidores estimulava o deslocamento de pessoas para apreciar essas lutas. Para Stone (2006) este é um dos exemplos de atrações precursoras do Turismo Dark.

Tragédias causadas pelo homem, crimes e escândalos tornam-se atrativos turísticos. Atualmente, os lugares não construídos com essa finalidade, mas passam a desempenhar também novas funções. Em Hollywood, os túmulos são visitados, e as locações de filmes de terror, lendas urbanas e os chamados santuários macabros estão incluídos nos roteiros na cidade. O entorno do Palácio de Kensington, no Reino Unido, atrai visitantes desde a morte da Princesa Diana em 1997, ele pode-se dizer das visitas do Ground Zero onde estava o *World Trade Center* (WTC). Ainda hoje continua a receber milhares de visitantes como parte dos roteiros turísticos da cidade, no chamado Museu e Memorial 9/11.

Cidades e países que sofreram, ou sofrem com guerras, conflitos, governos ditatoriais, miséria ou possuem eventos religiosos são destinos para o Turismo Dark. Campos de concentração são um dos atrativos Dark mais visitados no mundo, como: o complexo *Auschwitz-Birkenau*, na Polônia, que em 2014 recebeu 1,5 milhões visitantes, e o campo de *Bergen-Belsen*, na Alemanha, que abrigou Anne Frank, símbolo do sofrimento judeu durante a guerra. Atrativos Dark com caráter religioso,

dentro do chamado *Thanatourism* (contemplação da morte) também atraem visitantes como: os enterros celestiais no Tibete, na China, a colorida tradicional Festa do Dia dos Mortos, no México. Ambos, mantêm acessa a memória e a história, a morte tratada como parte da sociedade e não negada (LIGUORI, 2017; FONSECA,2015).

Em cidades ao redor do mundo, o principal atrativo Dark são os cemitérios, por vezes renegado pela população local, apresentam a arte Cemiterial como atrativo ao turista. O *Père-Lachaise*, em Paris, com mais de 110 mil túmulos e de grandes personalidades; O Cemitério Recoleta, em Buenos Aires, considerado um Museu Histórico Nacional e o Cemitério da Consolação, em São Paulo, com túmulos de tradicionais famílias paulistas, como os Matarazzo, além de artistas como Tarsila do Amaral e Monteiro Lobato, são atrativos do Turismo Cemiterial. Os roteiros turísticos nesses cemitérios são partes da cidade e da dinâmica local, pois de acordo com Osman e Ribeiro (2007) são cidades dentro da cidade.

O segmento muitas vezes alia-se ao Turismo Cultural ou Histórico para se desenvolver, criando um canal com o passado e reflexões para a sociedade atual. No Brasil a atividade é desenvolvida de forma sutil, apenas em algumas cidades e explorando algumas das categorias como: *Dark Resting Places* (Turismo Cemiterial) e o *Poverty Tourism* (Turismo de Pobreza ou de Miséria). A cidade de São Paulo possui alguns de seus cemitérios como atrativos, como: o Cemitério do Morumbi, do Araçá, da Paz e do Getsêmani (OSMAM; RIBEIRO, 2007; PREZZI, 2009).

Além de São Paulo, cidades como Poços de Caldas/MG, Porto Alegre/RS e Rio de Janeiro/RJ desenvolvem essa categoria. Além do Turismo Cemiterial, na cidade do Rio de Janeiro outras categorias e atrativos Dark são considerados de maior expressividade, o chamado Turismo de Favela, podendo ser categorizado como Turismo de Pobreza ou de Miséria. A Rocinha é uma favela que, após a tentativa de pacificação e o olhar da mídia sobre o seu espaço, vem recebendo turistas, sendo exemplo dos contrastes da sociedade brasileira (MEDEIROS, 2007; MONTEIRO, 2017).

De acordo com Osman e Ribeiro (2007) o Brasil tem enorme potencial em explorar turisticamente esse campo ligado à morte, mas há pouco incentivo e propostas para desenvolver cidades para o Turismo Dark de forma permanente.

O Dark Turismo em João Pessoa

Com 439 anos de história, João Pessoa já nasceu cidade em detrimento dos Índios, que mesmo assim, contribuíram para a sua construção e expulsão dos franceses. A cidade tem sua fundação nas proximidades ao Rio Paraíba, no dia 05 de agosto de 1585. Pela sua trajetória, a cidade possui um passado rico concebido pelas transformações econômicas, culturais e históricas. No centro da cidade concentram-se os principais prédios históricos que contam a história da cidade e atraem o olhar. Ali percebe-se variados estilos arquitetônicos, como Colonial, Barroco, Rococó, Maneirismo, Modernismo, Eclético,

Art Decó e Art Nouveau. Por estas especificidades, o Centro Histórico conquistou o título de Patrimônio Nacional em 2007 (PERREIRA,2013).

Entre atrativos valorizados, espaços ocupados e lados de uma cidade esquecida, há histórias não mencionadas, ou que passam despercebidas pelos turistas e moradores de João Pessoa. As visitas *in loco* e as entrevistas possibilitaram enxergar a cidade por uma nova perspectiva, na qual as histórias ganham significados da memória cidadina. Assim, foram identificados 22 atrativos considerados Dark. Com base nas definições de Stone (2006) esses atrativos foram caracterizados como *Dark Resting Places* (Turismo Cemiterial), *Dark Dungeons* (Calabouços Sombrios) e o *PovertyTourism* (Turismo de Pobreza).

Na capital, foram identificados 11 atrativos que se enquadram na categoria de *Dark Resting Places* (Turismo Cemiterial). São os Cemitério Senhor da Boa Sentença, Mausoléu de João Pessoa, Mausoléu e Cripta de Epitácio Pessoa, os jazigos da Igreja São Francisco, as da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, da Igreja da Misericórdia, da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, da Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, da Igreja São Frei Pedro Gonçalves e do Mosteiro de São Bento.

Na categoria *Dungeons Dark* (Calabouços Sombrios), onde histórias e espaço de memórias em lugares reais são apresentados, encontra-se como atrativos os Marcos da Revolução de 1817, a Praça Rio Branco, o Ponto de Cem Reis, a Praça João Pessoa e a história de Sady e Ágaba. Também se encontra na cidade de João Pessoa algumas

visitações a comunidades carentes como a Comunidade Porto do Capim, o que se enquadra na categoria de *Poverty Tourism* (Turismo de Pobreza ou Miséria). Todos estes atrativos são uma possibilidade de ver a história da cidade pela perspectiva, mesmo que incomum, do medo e da morte.

Mausoléus de João Pessoa e Epitácio Pessoa

O mausoléu é considerado uma construção com proporções e dimensões imponentes. Um monumento funerário construído dentro ou fora de cemitérios para homenagear e manter sepultados indivíduos ilustres da comunidade. Os jazigos, túmulos e mausoléus podem ser diferenciados, seja pela proporção, seja pela quantidade de sepultados, pela época ou local, contudo são tipologias por vezes consideradas sinônimos. Os mais importantes mausoléus são aqueles que abrigam os restos mortais de João Pessoa e Epitácio Pessoa, importantes políticos paraibanos.

João Pessoa foi um importante personagem da memória política da Paraíba e brasileira. Como candidato a vice-presidente de Getúlio Vargas, o seu assassinato, por divergências partidárias locais, repercutiu no país como o estopim que precedeu a Revolução de 1930, que instituiu o regime ditatorial do chamado Estado Novo. Apesar de sua atuação ativa na política paraibana, foi a sua participação na história política do país que lhe rendeu maior notoriedade.

Em 1930 foi enterrado no Rio de Janeiro e em 1997, em comemoração ao aniversário de sua morte, os seus restos mortais chegaram à Paraíba e foram depositados em um mausoléu localizado na

Praça João Pessoa. O imponente Mausoléu de João Pessoa foi construído em mármore branco e bronze, materiais considerados duradouros e imponentes da arte tumular. São duas filas erguidas com sete colunas de cada lado em mármore, e, no fim das colunas, uma cripta com o rosto e nome do político em bronze, e sobre a cripta uma pira. Não sendo coincidência, do mausoléu avista-se a Praça João Pessoa, onde encontra-se sua estátua em tamanho real, uma analogia da sua vida, tornando-o como um imortal. Nas imediações dessa mesma praça, localizado no Tribunal de Justiça da Paraíba encontra-se o mausoléu de outro importante político paraibano, Eptácio Lindolfo da Silva Pessoa, que foi político, professor, jurista, diplomata, magistrado e tantos outros ofícios desempenhados por ele.

Eptácio Pessoa nasceu em Umbuzeiro no dia 23 de maio de 1865. Teve uma vida pessoal marcada por mortes e uma vida política conturbada pelos cargos que ocupou, que fortaleceram sua imagem de político determinado. Participou da primeira constituinte do país e na elaboração do primeiro Código Civil Brasileiro. Morreu em 19 de fevereiro de 1942 no município de Petrópolis (RJ) e no centenário de seu nascimento, em 23 de maio de 1965, seus restos mortais chegaram na Paraíba.

O mausoléu, construído em mármore branco e preto dá a ideia do político que foi Eptácio Pessoa. Ali encontra-se, gravada em letras de bronze, uma das frases que eternizaram sua vida e seus ideais: “Nunca ninguém, por mais humilde que fosse, apelou para mim, em nome da justiça, que me não visse logo, pessoalmente, empenhado na defesa do

seu direito”. A edificação, que abriga uma cripta e um museu, mantém viva a trajetória do único paraibano a ocupar o mais alto cargo do país, a Presidência da República entre os anos de 1919 a 1922.

Os mausoléus de João Pessoa e de Epitácio Pessoa são formas edificadas que lutam contra o esquecimento da história política da Paraíba.

O Cemitério Senhor da Boa Sentença

Os cemitérios vêm ganhando destaque e valor para cultura e expressividade artística após a secularização, podendo ser trabalhados na atividade turística. Possui origem no idioma grego *koimetérion* (dormitório), e no latim *coemeteriu* (local onde se dorme), sendo definidos como área destinada a sepultamentos, de acordo com o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA). A existência dos cemitérios tem início no século XIX quando a Igreja Católica não detém mais o poder e controle dos ritos fúnebres. Os sepultamentos ocorriam nas igrejas, e em terrenos em seu entorno. Devido às medidas sanitárias, houve a mudança desses espaços de morte, criando territórios (MOTA, 2010).

Na cidade de João Pessoa existem os cemitérios horizontais. Os mausoléus, tanques e terrenos virgens são terrenos particulares dos cemitérios, e as chamadas covas rotativas, pertencem ao poder público. Atualmente a Prefeitura de João Pessoa administra seis cemitérios, sendo de responsabilidade da Secretária de Desenvolvimento Urbano de João

Pessoa (SEDURB-JP). Entre eles estão o Cemitério Senhor da Boa Sentença, considerado o primeiro cemitério público da cidade.

Localizado no bairro do Varadouro, teve sua construção iniciada em 1853, mas somente regulamentado em 1855. Pertencia ao chamado Complexo da Santa Casa da Misericórdia até 1930. Com o crescimento da cidade, houve a expansão do cemitério, na capela central ou nas alamedas os primeiros túmulos. Na medida em que novos jazidos eram construídos, o cemitério foi recebendo novas ruas, e novas quadras e covas.

Existem no cemitério mais de 12 mil covas particulares e 365 rotativas, em uma área de 56 mil metros quadrados, sendo considerado o maior cemitério da Paraíba. Entre os túmulos do cemitério percebe-se a delicadeza dos jazigos. O contraste social é percebido nos túmulos, onde a imponência contrasta com a simplicidade e o abandono.

Histórias permeiam o Cemitério Senhor da Boa Sentença, como do seu o gradil e portões que pertenciam a Praça Comendador Felizardo (atual Praça João Pessoa). De um tempo em que cercas e muros dividiam ricos e pobres nas praças e espaços públicos. Fato que também contribuiu para o seu tombamento no dia 13 de dezembro de 2017, pelo Decreto Estadual nº 7.819/1978, em processo aberto pelo IPHAEP, reconhecendo os valores históricos, culturais e arquitetônicos dele, sendo necessária sua proteção, salvaguardado sua destruição e descaracterização.

O IPHAEP identificou túmulos com relevância significativa para a história da cidade e da Paraíba. No processo de iconografias de túmulos (monumentos), o instituto tratou de caracterizar 49 mausoléus, jazigos e túmulos. Em uma análise do processo, constam 20 túmulos

com relevância artística, 16 de personalidade, 6 como relevância artística e personalidade, 3 com características artísticas e histórica, 2 como espaço de devoção, 1 como conjunto de relevância e 1 como características históricas. Este detalhamento é importante, pois possibilita um planejamento mais eficaz da atividade turística no cemitério.

O tombamento do cemitério permite incentivar a memória e a história contida naquele espaço, preservando-o para o conhecimento de futuras gerações. Muitos dos ali sepultados estão na memória coletiva da cidade, dão nomes as ruas, praças, bairros, hospitais e escolas. A arte tumular ou arte funerária chama atenção por expressar o contexto de uma época, a partir dos materiais utilizados ou do estilo arquitetônico (MOTA, 2009; MONTEIRO, 2017).

Alguns jazigos possuem formatos de igrejas ou elementos religiosos, algumas figuras femininas com flores, mantos e anjos. A utilização de matérias como mármore e granito é recorrente na tentativa de perpetuação. São exemplos os jazigos de Rodrigo Otávio de Menezes, do Desembargador Manoel da Fonseca, de Simeão Leal, Mario Faraco e de Maria Pessoa Candido de Albuquerque. Somados a outros estilos e detalhes estes elementos garantem ao cemitério um exemplo de museu a céu aberto. As personalidades sepultadas no cemitério são parte da história da cidade e do Estado, sejam políticos, filantropos, religiosos ou santos populares. Os túmulos como de Celso Mariz, de Rui Carneiro, de Irineu Pinto, Padre Zé, Napoleão Laureano e Camilo de Holanda encontram-se no cemitério.

Para os entrevistados alguns túmulos são mais expressivos, tanto pela arte tumular como a história do falecido. O jazigo de Leonarda Merandolina reproduz um castelo sem opulência e esconde a história da

baronesa que recebeu o título um pouco antes do fim da monarquia em 1888. Um dos exemplos de arte tumular no cemitério, o monumento Anjo Caído, corta o céu, representando a morte de Antenor Navarro, político paraibano morto em uma queda de avião. A história destes personagens passa despercebidas aos que adentram no cemitério, e somente podem ser conhecidas quando os visitantes se encontram com os funcionários ou buscam informações antecipadas sobre o lugar.

Os Cemitérios dentro da Cidade: Jazidos das Famílias Paraibanas e da Ordem

O passado está presente nos lugares cotidianos da cidade de João Pessoa. Ao adentrar em muitas das Igrejas do Centro Histórico da cidade este passado desconhecido vem carregado de imagens obscuras, escondidas e não mencionadas, até mesmo para aqueles que trabalham nas Igrejas. Outros recontam o que já lhe foi contado, ganhando novas versões e favorecendo uma perspectiva do Turismo Dark. Os jazigos, túmulos e mausoléus estão presentes nas mais antigas Igrejas católicas paraibanas, mas pouco valorizados.

A falta de inventariação, de gestão e de um olhar para essas estruturas, fez perder parte da história e o significado que elas podem guardar. O fato de a história oficial não contar quem eram, não deve deixar de incluí-los como parte importante de um período em que a Igreja detinha o poder e estava mais próxima da sociedade.

As igrejas continuaram a exercer um papel de intermediária da morte com a sociedade, mesmo de forma reduzida. Os jazigos, túmulos e alguns mausoléus são considerados perpétuos, estabelecendo uma

relação mais próxima entre família e a igreja que os administram. Muitas famílias mantêm esses espaços dentro das igrejas como uma continuidade de poder ou de aproximação com o céu. Se antes as igrejas administravam os cemitérios localizados no seu entorno, hoje algumas administram os “cemitérios” dentro da igreja. Notou-se ao adentrar na *Igreja de Nossa Senhora do Carmo*, no *Mosteiro de São Bento*, na *Igreja de Nossa Senhora de Lourdes*, na *Igreja de São Francisco* e na *Igreja de Nossa Senhora do Rosário*, o convívio próximo entre a morte e a igreja.

No interior dessas igrejas, como claustros, nas naves, casa das almas e capitólio encontram-se jazidos construídos em mármore e inscrições em latim. O espaço externo, *atrium* ou *aître* (átrio) era considerado o cemitério das igrejas. Na *Igreja de N.S. do Carmo*, o espaço mínimo entre duas Igrejas é o chamado cemitério, um espaço fechado com acesso a poucas pessoas. De estilo barroco e características quinhentistas, contabilizam-se nestas igrejas mais de 40 jazigos, espalhados dentro e fora delas.

Em uma construção datada do século XVI, construído pelos monges beneditinos, o *Mosteiro de São Bento* possui 10 jazigos da Ordem e de seus familiares. Um jardim ao lado, com vista para cidade baixa, esconde o que foi o cemitério do mosteiro. Naquele local, segundo os entrevistados, há relatos de sensações e percepções estranhas, lendas e histórias orais que servem ao Turismo Dark (STONE, 2006).

Em uma sala próxima à nave central da 2ª Igreja mais antiga do estado, dedicada à *Nossa Senhora de Lourdes*, está o cemitério da igreja. Com primeiro andar, possui um número desconhecido de jazigos, de

acordo com os entrevistados seriam mais de 100 e a resposta é que são pessoas das famílias paraibanas. Mas uma em especial logo é lembrada, o Monsenhor José Trigueiro, pároco e fundador do Centro Universitário Unipê e do Instituto Dom Aduato, filho da tradicional Família Trigueiro.

No Centro Cultural e *Igreja São Francisco* em seu adro estão os corpos dos franciscanos da Ordem. A Igreja foi construída em 1589 em estilo barroco rococó, que pela perspectiva da morte conta a história da colonização da cidade. Vários são os espaços que contém jazigos dentro da igreja, como o claustro, a sala das almas e a cripta. Estima-se um total de 100, entre jazigos e túmulos.

Em 1930 após a demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, passa a ser construída uma nova igreja no bairro de Jaguaribe. A nova *Igreja de Nossa Senhora do Rosário*, construída em estilo neoclássico, chama atenção pelos vitrais pouco comuns nas igrejas paraibanas. A sua construção foi iniciada pelo Frei Martinho Jansweid, o chamado popularmente de padre construtor. Ele construiu cinco igrejas por todo estado e mais de 17 fraternidades franciscanas na Paraíba e no Ceará. Nascido em Colônia, Alemanha, o Frei previu sua morte e decidiu voltar para capital, falecendo no dia de 28 de julho de 1930. Seu corpo foi sepultado na cripta da Igreja que construiu, sendo seu jazigo entre os demais, o mais visitado pelos fiéis.

Escavações e Jazidos na Igreja São Frei Pedro Gonçalves

Por volta dos anos 2000, as restaurações e escavações da *Igreja São Frei Pedro Gonçalves* permitiram a descoberta de outras edificações, de

peças, de corpos, e de uma história desconhecida. Abaixo da atual igreja existem as ruínas da sua segunda edificação, datada de 1692, e/ou de uma capela primitiva, ou à ermida construída em 1586, para outros seriam as muralhas do varadouro. Entre versões que atraem o olhar daqueles que a visitam, a história permite a compreensão do papel e poder da igreja, das relações sociais da época, e da sociedade com a morte (PERREIRA, 2013).

Entre as prospecções realizadas pelo IPHAN, com apoio de outras instituições, 82 corpos foram localizados em diversas partes das antigas Igrejas. Aqueles que detinham posses eram enterrados dentro das igrejas, um total de 12 corpos achados, e os que não, pobres, escravos e impuros eram enterrados na entrada ou próximo, um total de total de 70 corpos achados nas escadarias e entorno. Todos continuam enterrados e apenas peças de cerâmicas e duas urnas funerárias de crianças pertencentes ao século XVII foram retiradas, essas estão expostas para os visitantes.

A morte continua presente dentro da igreja com a inauguração do seu cemitério em 1850. Uma forma de arrecadar valores comercializando os jazigos e túmulos, tendo o primeiro jazigo comprado pela Família Souto Maior, reconhecida na política paraibana e no direito. Além de outras famílias como: a Família Sá e a Família Navarro. São mais de 60 jazidos bem cuidados próximos ao altar, que contribuíram e vem contribuindo para que, no futuro, a Igreja virar um museu.

Jazigos dos Bispos e Arcebispos Paraibanos

A história da Igreja Católica da Paraíba pode ser contada através dos jazigos localizados na *Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves*. Considerada a primeira Igreja do Estado desde 1586, possui hoje uma arquitetura em estilo eclético, após demolições e reformas perdeu seu estilo original. Recebeu o título de catedral em 1881 e o de Basílica durante episcopado de Dom. Marcelo Cavalheiras, a quem pertence um dos cinco túmulos presentes na igreja. Os túmulos pertencem ao 1º, 2º, 4º e 5º Arcebispos da Paraíba e do Bispo paraibano Epaminondas José de Araújo. Eles influenciaram a política paraibana e lutaram pelas injustiças sociais.

Considerado o 1º Bispo e Arcebispo da Paraíba, Dom Aduino nasceu na cidade de Areia no ano de 1855. O religioso possuía um dom político, por vezes estando acima dos líderes políticos da época, a educação foi uma de suas lutas, faleceu em 1935. Enterrado na Capela do Santíssimo da Catedral, junto com Dom Aduino está o 2º Arcebispo do Estado, Dom Moisés Sizenando Coelho. Nascido em cajazeiras, tornou-se arcebispo em 1877, falecendo em 1959.

Em um túmulo simples feito de granito estão os jazigos de dois arcebispos e um bispo. Nascido em 19 de março de 1922 em Caiçara cidade do estado, o Bispo Epaminondas faleceu em 2010, estando enterrado ao lado dos Arcebispos: Dom José Maria Pires e Dom Marcelo Pinto Cavalheira, respectivamente 4º e 5º Arcebispo da Paraíba. Um grande painel demonstra a devoção e o carinho a Dom José Maria Pires, apelidado de Dom Pelé. Foi o primeiro Bispo negro do Brasil,

sendo reconhecido pela escrita de vários livros sobre religião e a cultura afro-brasileiro, como pela luta contra o racismo. Faleceu em 27 de agosto de 2017, no mesmo ano que o 5º Arcebispo do Estado, Dom Marcelo Pinto Cavalheira. Chamado de Dom Ternura, Dom Marcelo Pinto foi torturado durante sua luta contra o regime militar, e continuou a lutar pelas causas sociais da população até sua morte (GARCIA, 2019).

Jazigos e Túmulos de Duarte da Silveira e do Capitão Mor

Considerada a Igreja do Sepultamento na cidade de João Pessoa, a Igreja da Misericórdia reúne mais de 155 jazigos em seu cemitério e dois túmulos. Em outras épocas era composta pelo complexo da Santa Casa de Misericórdia, pela Igreja e por um cemitério. O local era conhecido por seu caráter assistencialista, cuidando de órfãos, enfermos e da saúde da população até a sua morte. A história da existência de um cemitério e dos túmulos de figuras da história paraibana é despercebida aos transeuntes que passam entre as lojas comerciais do centro da cidade. A igreja mais antiga do estado foi construída em estilo maneirista em 1612 por Duarte da Silveira, cujo corpo encontra-se sepultado dentro da igreja (PERREIRA, 2013).

Dentro da Igreja existem duas capelas, ao lado direito está a Capela de Nossa Senhora das Dores, dando acesso à cripta, ao lado esquerdo a Capela dedicada ao Morgado de São Salvador do Mundo, nessa repousa o Sr. Duarte Gomes da Silveira e sua esposa Dona Fugênciã Tavares. Um senhor de engenho falecido em 1644, e chamado de Marques de Copaoba. Sua história retrata várias versões sobre sua

pessoa, seja como um homem que lutou pelo desenvolvimento da cidade, um aliado da Holanda durante as invasões, ou um sonegador de impostos

Entre os jazigos espalhados pela Igreja, um túmulo no chão com uma proteção de vidro chama atenção dos visitantes. Durante as prospecções da restauração da Igreja, verificou-se que era o túmulo do Capitão Mor João Coelho Vianna. Falecido em 26 de abril de 1808 e enterrado em uma lápide de pedra com inscrições em latim, o capitão Mor era considerado o mandatário político e militar na época. Em uma área no entorno da Igreja, onde hoje é ocupada por prédios e lojas, situava-se um cemitério, desativado em 1858, para dar lugar ao primeiro cemitério da cidade, o Cemitério Senhor da Boa Sentença.

A história de amor e morte de Sady e Ágaba

O amor e a morte uniram os jovens Sady Castor Correia e Agaba Gonçalves de Medeiros, com 26 e 16 anos respectivamente. Ele era estudante do Liceu Paraibano e ela estudante da Escola Normal, dedicada ao ensino das mulheres paraibanas. A Praça João Pessoa, denominada antes Largo do Passeio Comendador Felizardo Leite, foi o lugar do amor entre eles, assim como da tragédia que levaria a morte de Sady e posteriormente a de Ágaba, chocando toda a sociedade paraibana da época.

Na praça em que os jovens namoravam foi imposta uma linha imaginária vigiada por guardas, entre o Largo e a Escola Normal, a favor da decência e dos valores familiares. Uma ordem dada pelo Monsenhor

João Batista Milanez, o então diretor da Escola Normal, evitava os encontros. Os jovens Sady e Ágaba descumpriram essa linha e no dia 22 de Setembro de 1923, foram abordados por um guarda. A resistência de Sady em ir embora culminou com um tiro no peito do rapaz, dado pelo guarda.

A história de amor e morte, semelhante a história de Shakespeare, culminou duas semanas depois com a morte de Ágaba. Em uma carta dedica à mãe de Sady, ela fala de sua dor e se despede, ingerindo uma dose de veneno. Um drama social que modificou a sociedade conservadora paraibana, e que através da literatura foi recontada na mão de diversos autores, podendo ser aproveitada em roteiros turísticos de acordo com os entrevistados.

Revolução de 1817

A Revolução de 1817 também ocorreu na Paraíba, mas a população local desconhece sua história, seus líderes e os fatos que marcaram sua evolução. Dessa forma a Revolução de 1817 não foi registrada na história e na memória paraibana, diferentemente do estado de Pernambuco. Autores costumam chamar de Revolução Pernambucana, negando a participação da Paraíba pela independência do Brasil.

A revolução buscava livrar os estados das amarras da Colônia Portuguesa e de todo monopólio que a mesma exercia. A ideia de implantar uma República foi ganhando força entre as províncias de Pernambuco e da Paraíba. No dia 04 de março em Pernambuco, seus

líderes começaram a revolução em prol da Proclamação da República. A Paraíba foi a segunda província a entrar na luta, iniciada no interior do estado, nas cidades de Pilar e Itabaiana, dirigindo-se à capital. A República na província da Paraíba durou 1 mês e 20 dias, quando um levante coordenado pelo Conde dos Arcos, pôs fim ao furor republicano nessas províncias.

Um fato marcante para o fim da revolução foi quando o líder Peregrino de Carvalho, ao se aproximar da Paraíba, conversa com seu pai e este lhe pede, em vão, que se entregue para poupar sua vida. Esta cena está imortalizada em um quadro exposto no *Palácio da Redenção* na Paraíba. Os líderes José Peregrino Xavier de Carvalho, Amaro Gomes Coutinho e Francisco José da Silveira foram presos no *Convento e Mosteiro de São Bento* e executados na cidade do Recife. As cabeças e mãos, salgadas e expostas em pontos da capital da província paraibana, foi um sinal de advertência para aqueles que iam contra a Colônia Portuguesa. O sangue e as partes dos corpos dos revolucionários foram substituídos por placas comemorativas que tentam manter a lembrança de parte dessa história. Conta-se que as partes do corpo de José Peregrino desapareceram durante a noite, retirados por sua mãe para dar um enterro digno ao seu filho.

As placas estão situadas em pontos que marcam a revolução, sendo um total de quatro placas que foram colocadas no ano de centenário da Revolução de 1817. Estas foram restauradas e estão situadas na *Ladeira de São Frei Pedro Gonçalves*, na *Praça Rio Branco*, na *Igreja de Nossa Senhora de Lourdes* e no *Mosteiro de São Bento*. Outros marcos dessa

revolução servem para contar e homenagear esse passado desconhecido, como: a *Casa de José Peregrino*, a *Praça 1817* e o quadro exposto no Palácio da Redenção. Contudo, estes lugares são pouco visitados, mesmo dentro das atividades de ensino nas escolas.

Uma cidade negra e esquecida

Recontar a história por outra perspectiva é possível e necessário, preenchendo as lacunas existentes e esquecidas por aqueles que contaram a história oficial. Sobre a colonização paraibana pergunta-se: onde foram parar os negros e tantos outros que construíram as cidades e foram à mão-de-obra da economia local? De acordo com os entrevistados o racismo está presente na história da Paraíba, negando a presença dos negros e trabalhadores. Determinados marcos históricos, monumentos e registros da contribuição negra para a cidade foram apagados ao longo dos séculos.

A *Praça Rio Branco* pode ser considerada a parte negra na cidade de João Pessoa no período colonial. Naquele espaço havia um pelourinho, onde a dor e o sofrimento dos negros eram expostos. Provavelmente, situava-se onde hoje se encontra a estátua de Rio Branco. Aquele espaço era utilizado nos açoites de escravos, enforcamentos e pronunciamentos. De acordo com as entrevistas, próximo à Basílica de Nossa Senhora das Neves havia o mercado de escravos, tendo embaixo dos antigos calçamentos, os corpos dos negros que não sobreviveram às crueldades.

Algumas ruas adiante, localiza-se a Praça Vidal de Negreiros, popularmente conhecida como *Ponto dos Cem Reis*, um dos exemplos da presença dos negros na cidade e da opressão a sua cultura. A *Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos*, situada próxima a praça, foi derrubada após acordo entre Igreja Católica e Governo Estadual. Era a única frequentada pelos negros devotos de Nossa Senhora, já que eles eram proibidos de adentrarem nas demais igrejas.

O caminho entre a Praça Rio Branco e a Praça dos Cem Reis podem ser considerados como marco histórico da presença negra em João Pessoa. Naquele chão estão enterrados muitos escravos que construíram a cidade e que representam o sangue e o sofrimento de uma época. Fato comprovado pela descoberta, durante a construção do Viaduto Damásio Franca, de centenas de corpos próxima a região onde se situava a Igreja. São espaços que apesar do fluxo de moradores, de festividades e de turistas, ainda permanecem com sua história esquecida, ou renegada.

A comunidade Porto do Capim

Apresentar uma realidade incomum das suas vivências e experiências ao visitante é uma oportunidade de quebrar estereótipos e, de acordo com Borghi (2015), deve ser estimulada nas visitas às comunidades. As contradições de uma cidade são uma oportunidade de enxergá-la sob diversos ângulos. Estreitar relações entre os que residem ali e, os de “fora”, permite que a comunidade e seus moradores não sejam invisíveis e sim parte da cidade. O Turismo de Miséria busca

valorizar as qualidades do lugar e contribuir com a transformação social. Em João Pessoa, entre as diversas comunidades existentes, a Porto do Capim é um exemplo dessa experiência enriquecedora.

Situada entre as margens do Rio Paraíba e o Centro Histórico, comunidade expõe um espaço adverso de gente carente e batalhadora. O estigma de área perigosa está presente no imaginário social da cidade, onde os seus moradores buscam combater essa imagem através de projetos turísticos e artísticos. A Comunidade da Rua Porto do Capim, conhecida apenas como Porto do Capim, começou a surgir em 1935, com a decadência da principal área econômica da cidade. Seus primeiros moradores eram ex-trabalhadores do cais do Porto, das fábricas do entorno e pescadores.

A comunidade é um exemplo claro do afastamento dos pessoenses com seu passado refletido no olhar marginalizado que existe sobre seus moradores. da chamada. Atrás da linha férrea que divide a cidade baixada alta, encontra-se um o lugar rico em paisagens e pessoas que vivem em meio aos conflitos e soluções das grandes cidades. Uma comunidade tradicional que nos últimos anos vem criando formas para ser valorizada, buscando caminhos que potencializem melhorias na região. Movimentos sociais que continuam a incentivar o pertencimento local e uma maior participação política, caracterizam o poder de resistência da comunidade em defender sua memória frente aos processos de desapropriação, impostos pelos projetos de revitalização do Centro Histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de João Pessoa possui atrativos que possibilitam vários nichos do mercado de turismo (FECOMÉRCIO-PB, 2019), porém tem se restringido ao desenvolvimento do segmento “sol e mar”, e, casualmente, o cultural. Este capítulo pretendeu esboçar como podemos ir além, permitindo que a cidade seja vista sob novos ângulos. Os 22 atrativos Dark são parte de uma cidade, ainda pouco percebida e valorizada, atrativos de um lado da cidade que merece ser interpretada. Atualmente os 11 categorizados no Turismo Cemiterial dispõem de maior potencial a serem explorados, pois possuem: apelo turístico; constam em roteiros e rotas turísticas; localizam-se próximos; são considerados patrimônios materiais; e há um menor estranhamento.

O Turismo Dark, mesmo pouco conhecido, atrai a curiosidade e é visto como uma oportunidade de valorizar “o lugar”, gerando conhecimento, diversão, memória e pertencimento; fortalece os valores locais, as relações sociais, culturais e geográficas. A localização dos atrativos na região central da cidade demonstra um campo de possibilidades e um novo olhar necessário para aquela área, por vezes castigada, abandonada e marginalizada. O lado cultural e de experiência foi percebido nos atrativos, na qual a morte não é um importante detalhe, o que pode facilitar uma reaproximação da sociedade com seu lado sombrio.

Incentivar o segmento Dark é diversificar a oferta turística de João Pessoa e estimular toda uma cadeia produtiva. Negar a existência

desses atrativos é negar a oportunidade de desenvolver novos segmentos, e de contar, mais a fundo, a história da cidade. Deve-se estimular aos atores do turismo paraibano a (re)apresentar a cidade, usufruindo dos 22 atrativos, e não os negar. Em João Pessoa faz-se cabível resgatar suas histórias e suas várias verdades, sendo o Turismo Dark um propulsor para tanto.

REFERÊNCIAS

- BORGHI, J. M. Turismo na Favela: a representação simbólica da relação objeto-espectador. 2015 21f (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.
- BRISTOW, R.S.; NEWMAN, M. Myth vs. fact: an exploration of fright tourism. Proceedings of the 2004 Northeastern Recreation Research Symposium, US Department of Agriculture Forest Service Northeastern Research Station, p. 215-221, 2004. Disponível em: <<http://www.ntcu.edu.tw/hcwu/7/11.pdf#page=223>> Acesso em: 22 de ago de 2017.
- COELHO, T. Brasileiro não gosta de falar sobre morte e não se prepara para o momento, revela pesquisa. G1.com. 26 Set 2018. Disponível: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2018/09/26/brasileiro-nao-gosta-de-falar-sobre-morte-e-nao-se-prepara-para-o-momento-revela-pesquisa.ghtml>> Acesso em: 01 de abril de 2019.
- COOPER, C.; FLETCHER, J.; GILBERT, D.; SHEPHERD, R. Turismo, princípios e prática. tradução Roberto Cataldo Costa. – 2 ed. – Bookman: Porto Alegre, 2001.
- COUTINHO, B.; BAPTISTA, M. M.O Turismo Negro como Experiência de Ócio Humanista – aproximações entre conceitos aparentemente distantes. In: III Congresso Internacional em Estudos Culturais - Ócio, Lazer e Tempo Livre nas Culturas Contemporâneas. Aveiro: Programa Doutoral em Estudos Culturais, 2013.
- DENCKER, A. F. M. Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas. São Paulo: Futura, 2001.
- FECOMÉRCIO-PB. Pesquisa do Comportamento do Turismo na Região Metropolitana de João Pessoa. Edição 2019.
- FISCHER, T. Gestão Contemporânea, cidades estratégicas: aprendendo com fragmentos e reconfigurações do local. In FISCHER, Tânia (org.) Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais. 2ª Edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.
- FOLEY, M.; LENNON, J.J. JFK and dark tourism: A fascination with assassination. International Journal of Heritage Studies, n.2, p.198-211, 1996.
- FONSECA, A. P. S. Projeto de Dark Tourism para a cidade de Viseu. 2015 150 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Turismo) Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu, Viseu-Portugal, 2015.
- FONSECA, A.; SILVA, C. Motivações de procura do Dark Tourism como uma forma alternativa de turismo. Revista Turismo e Desenvolvimento, n. 21, 2014.

LIGUORI, F. O Turismo Obscuro e patrimônio edificado. In: XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia, 2017. Brasília. Anais Eletrônicos. ANPUH, 2017. Disponível em:<https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502235151_ARQUIVO_Oturismoobscuroepatrimonioedificado.pdf> Acesso em: 05 de Mai de 2018.

GARCIA, L. A. Dom José Maria Pires o bispo da causa negra. CEBS, 16 de mar de 2019. Disponível:<<http://cebsdobrasil.com.br/2019/03/16/centenario-de-dom-jose-maria-pires-o-bispo-da-causa-negra/dom-jose-maria-pires/>> Acesso em: 10 de Abr de 2019.

HALL, C. M. Planejamento Turístico: políticas, processos e relacionamentos. Tradução de Edite Sciulli - Contexto: São Paulo, 2001.

KRIPPENDORF, J. Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Alpeh: São Paulo, 2001.

MEDEIROS, B. A Favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. Revista brasileira de ciências sociais, v. 22, n. 65, 2007.

MONTEIRO, J. O. A morte e suas representações na sociedade: a arte em desvelar o Cemitério São João Batista/RJ como atrativo turístico. 2017 174 f. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.

MOTTA, A. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Revista Brasileira Ciências Sociais, v. 24, n.71, p.73-93, 2009.

MURTA, S. M.; ALABANO, C. Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar. Editora UFMG, 2002.

OSMAN, S. A.; RIBEIRO, O. F. Arte, História, Turismo e Lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo. In: Licere – Revista do Programa Multidisciplinar de Mestrado em Lazer/UFMG, v. 10, n.1, 2007.

PERREIRA, C. Paraíba - Memória Cultural. Grafiset Editora. João Pessoa, 2013

PREZZI, A. Turismo Sombrio: uma viagem em busca do inusitado. 2009 80 f. Monografia (Graduação em Turismo) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

RIBEIRO, G. D. Sacrifício, heroísmo e imortalidade: a arquitetura da construção da imagem do Presidente João Pessoa. 2009 164 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

ROBINSON, N.; DALE, C. Can I get a witness? An examination in to the role of dark tourism to aid investigation sintoun solved cold case muder files. The University of Salford, 2006.

SEATON, A.V. Guided by the Dark: From thanatopsis to thana tourism. *International Journal of Heritage Studies*. v. 2, Iss. 4, p. 234-244, 1996.

STONE, P.R. A Dark Tourism Spectrum: towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions *Tourism: An Interdisciplinary International Journal*, v. 54, n.2, p. 145-160, 2006.

TRZASKOS, L. A.; DROPA, M.; DE SOUZA, L. F. Dark Turismo: A possibilidade de um elo entre o turismo e os resultados da violência urbana. *Publication UEPG Ciências. Sociais Aplicadas*, v. 22. n.1, p.65-72, 2014.

VAINER, C. B. Pátria, Empresa e Mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, O.; VAINER, C. B.; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

DARK TOURISM E TURISMO CEMITERIAL EM SANTA MARIA/RS: POSSIBILIDADES

SOUZA, Shirley
DOCKHORN, GilvanVeiga

Os avanços e inovações tecnológicas aplicado em áreas ligadas à comunicação, informação, conhecimento, consumo, lazer, transporte e deslocamento de pessoas, crescem em velocidade e intensidade inéditas, trazendo novas tendências, novos hábitos, novas sociabilidades, formando um novo sujeito e com renovadas noções de identidade, memória, história e pertencimento.

É neste processo que o *Dark Tourism* e o Turismo Cemiterial se constituem como segmentos diferenciados no turismo, agregando práticas sociais e culturais que promovem atividades e atrativos diferentes do turismo convencional e tradicional.

A procura por novos destinos e novas formas de consumo e fruição turísticas vem se destacando. O turismo comumente praticado, consolidado e enraizado em tradicionais práticas sociais não atende à totalidade das demandas contemporâneas. A procura de um turismo alternativo, inclusive sugerindo ao turista um mecanismo de saída de uma certa “zona de conforto”, resulta em novas escolhas de destino e experiências, sinalizando algo que proporcione uma nova e única experiência (SILVA, ABRANTES e LAGES, 2006, apud FONSECA, 2014 p.173/174).

O *Dark Tourism* e o Turismo Cemiterial reúnem uma determinada narrativa histórica de locais, eventos, pessoas e a memória produzida em torno destes, evidenciando uma determinada forma de patrimônio, de história e até mesmo, arte.

Nesse sentido, tal segmento turístico apresenta peculiaridades: uma temática relacionada à ausência, à perda, à tragédia, ao melancólico, à morte, necessitando, portanto, uma proposta de intervenção diferenciada dos atrativos nos locais ou lugares de memória (como cemitérios, memoriais, locais vinculados à acontecimentos fúnebres, trágicos ou traumáticos); uma proposta voltada para explorar o lado patrimonial (material e imaterial) destes bens, podendo assim proporcionar, para além de um grande potencial econômico (geração de emprego e renda), a recuperação (manutenção e preservação) de espaços patrimoniais desconsiderados e abandonados pelo poder público, privado e pela própria comunidade à ele relacionada.

Segundo Fonseca (2015, p.3), mas não somente, como apontam autores como Lennom e Foley (1996), Stone e Sharpley (2009), a morte (e questões correlatas) é uma das mais antigas motivações na realização de deslocamentos e viagens. Contudo, as visitas aos locais que são correlacionados à celebração ou rituais associados ao funeral, perdas humanas e a morte, tais como a religiosidade, sacrifício, misticismo, martírio e adoração, são temáticas apenas recentemente exploradas pelo turismo.

O termo *Dark Tourism* tem origem inglesa e foi mencionado pela primeira vez pelos autores citados acima em um artigo, publicado em

1996, no “*International Journal of Science Of Heritage Studies*”. Há várias maneiras de nomeá-lo, e sua tradução não literal assume vários sentidos, sendo os principais: turismo macabro, turismo negro, turismo sombrio, turismo mórbido, turismo sinistro, turismo das trevas dentre outros. Já o Turismo Cemiterial, subcategoria do *Dark Tourism*, está relacionado a locais sombrios, misteriosos e temidos. Tendo como objetivo principal, introduzir e oferecer conhecimento e entretenimento, tornando visível esse patrimônio praticamente desconhecido.

Portanto, esta proposta de intervenção turística tem como objetivo propor um roteiro turístico em Santa Maria/RS ligado à estes segmentos intitulada “Museu a Céu Aberto: Locais de Memória e Lazer”, tendo por base os "acervos" cemiteriais da cidade, proporcionado aos moradores e aos visitantes uma nova experiência nesta modalidade de turismo, já praticada no Brasil e no mundo. Como parte inicial da proposta e método de estudo, se torna premente uma revisão bibliográfica.

DARK TOURISM: CONCEITO

O conceito de *Dark Tourism* remete a visita à lugares reais ou recriados (ressignificados) que são reinterpretados como espaços para experimentar sensações, inclusive mórbidas. Foi na década de 1990 que este tipo de turismo foi incentivado e explorado. O aumento do poder aquisitivo e, conseqüentemente, do consumo maior de bens culturais ocasionou a procura por atrativos alternativos e não somente os convencionais. Sendo assim, ficou mais acessível a todos a fuga de suas

rotinas e de seu cotidiano, buscando novas experiências e mexendo com seu emocional. Lennon e Foley, (2000, apud FERREIRA, p.16).

Novos destinos surgiram com o passar dos anos e determinados lugares tiveram projeção midiática por serem locais de catástrofes e desastres naturais, tragédias, violência, mortes, lugares ou cenários recriados para poder contar e preservar a história da sociedade.

Segundo Freire e Medeiros (2007, p 65)

Viajar para lugares associados ao sofrimento nos remete as primeiras peregrinações religiosas, mas o que parece ser singular respeito da experiência contemporânea são sua diversidade e popularidade. Cada vez mais turistas procuram experiências mais inusitadas, interativas, aventureiras e autênticas em destinos cujo apelo reside na antítese daquilo que se convencionou tratar como “turístico”. Comercializada como rememorativa educacional e/ou de entretenimento, essa modalidade turística atrai pessoas ávidas por consumir mortes, desastres e miséria espetacularizadas.

A própria efetivação do *Dark Tourism* gera uma discussão ampla referente aos outros segmentos turísticos, dado que é uma prática que fomenta e alimenta polêmicas e controvérsias, sobretudo éticas, morais e culturais, dada sua gênese diferenciada em função de seus atrativos, relacionados com sofrimento, morte, violência, traumas, tortura dentre outros. Mas, o diferencial nesta modalidade é que o turista procura formas de prazer, emoções (primeiro o ato de entrar em contato com estes locais de memória, depois solidariedade, cumplicidade, respeito, repúdio e repulsa à banalidade da violência, etc) ao conectar-se com locais de sofrimento (como em Auschwitz na Polônia). Quer pelo

impulso, pela simples curiosidade de contato com locais mórbidos, quer pela história ou memória trágica, traumática ou até macabra, a experiência turística proporcionada pelo *Dark Tourism* permite formas diferenciadas de vivenciar estes elementos.

Não seria anacrônico afirmar que locais e experiências relacionadas à morte e à violência despertavam o interesse já no período medieval, por exemplo, autos e rituais de execuções eram considerados atos públicos (Stones, 2005, Apud FERREIRA, p.18) com intensa atração de pessoas. Antes disso, as gigantescas plateias presenciando as disputas entre os antigos gladiadores no Coliseu de Roma nos primeiros séculos da era cristã, podem levar a vislumbrar uma forma ainda embrionária (a ancestralidade do Turismo macabro?) de espetáculo envolvendo morte e violência como eventos de atração de pessoas e de incremento do comércio e negócios em geral. (Monteiro, 2017).

Contudo, para Lennon e Foley (2006 Apud LIGUORI), o *Dark Tourism* teria começado na Idade Média com as peregrinações, ao mesmo tempo sacras e profanas, atos de fé e mesmo sombrias, na medida em que as caminhadas e deslocamentos para locais sagrados ou santificados relacionavam-se à dor, expiação, sofrimento e morte.

***DARK TOURISM* NO BRASIL E NO MUNDO**

O *Dark Tourism* é um segmento com características únicas que promovem um local real ou recriado. A seguir são listados alguns exemplos onde podemos observar este segmento como uma nova forma de exploração turística.

O *Dark Tourism*, como estilo turístico, não se detém à atração que propicie bem-estar e lazer aos praticantes. O campo de oferta é variado como, por exemplo, Alcatraz, nos Estados Unidos, prisão/ilha referência de disciplina e segurança, ocupada entre os anos de 1934 a 1963 e que foi reconhecida como de “fuga impossível” para seus detentos. Atualmente, é um museu e um dos principais atrativos turísticos da cidade de São Francisco, onde recebe em torno de 1,5 milhões de visitantes (FONSECA, 2015, p.22).

O *Ground Zero*, nos Estados Unidos em Nova York, situado no local das Torres Gêmeas, do complexo do *World Trade Center*, palco da maior tragédia ocorrida nos Estados Unidos, é um memorial para homenagear as vítimas do atentado de 11 de setembro de 2001, o *National September 11 Memorial & Museum*.

Outro exemplo é a Capela Sangrenta, na Irlanda, local de visitação em razão de sua história de extrema violência (no século XIII, durante uma missa, a disputa entre as famílias *O'Bannone* e *O'Carroll*, resultou em uma série de assassinatos).

Pompéia foi “redescoberta” em 1599. Antiga cidade romana na região de Nápoles, na Itália, foi destruída pelas lavas do Vulcão Vesúvio. A arquitetura, fósseis e as pessoas (petrificadas pela lava) tornaram a cidade atrativo turístico que recebe milhares de visitantes por ano, sendo patrimônio Mundial da UNESCO.

Os campos de concentra o e extermínio de *Auschwitz I* e *Auschwitz-Birkenau*, na região da Cracóvia, no sul da Pol nia são outro exemplo. Na fase final da Segunda Guerra Mundial, fizeram parte dos

locais de extermínios de milhões de pessoas, a grande maioria de judeus. Nestes locais, com a estrutura original preservada, são mantidos acervos que recriam (ao mesmo tempo que denunciam o genocídio e as terríveis condições de sobrevivência e de permanente violência e humilhações) o cotidiano dos prisioneiros (os visitantes encontram quartos intactos, com pertences das vítimas, como malas, sapatos etc.). O campo de *Auschwitz I*, foi construído em 1940 para abrigar prisioneiros, era o maior estabelecimento do regime nazista. Tornaram-se os principais centros de extermínio da política de “solução final” implementada. Dessa forma, os campos de concentração *Auschwitz I* e *Auschwitz-Birkenau*, são lugares para conhecer uma parte da história, importante e trágica do século XX, espaços de memória e denúncia e, adequadamente trabalhados, se tornaram importantes pontos turísticos. *Auschwitz-Birkenau*, por exemplo, foi declarado como patrimônio mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). De acordo com o site oficial (<http://www.auschwitz.org>), no Museu e Memorial *Auschwitz-Birkenau*, há um roteiro que os guias seguem, contando a história do local.

Outro local nada comum é o Castelo Bran, localizado na Transilvânia na Romênia, na cidade de Sighisoara, uma cidade preservada e considerada Patrimônio Mundial da UNESCO, inspiração de um dos maiores personagens da literatura, o "vampiro" Vlad ou Conde Drácula (imortalizado por Bram Stoker), Vlad Tepes III era considerado um monarca sanguinário, por ter uma obsessão por empalar pessoas do século XV. Hoje o local recebe milhares de turistas no ano, na casa

funciona um restaurante medieval que conta com guias para que o visitante possa conhecer o local onde Vlad nasceu e sua história.

O *Dark Tourism*, além de ser um segmento diferenciado de atração de visitantes e turistas, também chama atenção de acadêmicos, como área para fins de estudos e investigações, pois percebe-se uma tendência de crescimento desse segmento. Um exemplo de que este segmento vem chamando cada vez mais atenção, é que, atualmente existem documentários para fins de conhecimento e demonstração para a sociedade, como a série *Dark Tourism*, apresentada pelo Netflix (<https://www.netflix.com>).

TURISMO CEMITERIAL

Turismo cemiterial é uma subcategoria do *Dark Tourism*. Cemitérios, para além de suas funções óbvias, são lugares de memórias e, portanto, reúnem condições e atrativos turísticos (soma-se ainda uma função pedagógica e educacional), quer pela composição artística de mausoléus, tumbas e ornamentos, quer pela memória em si e histórias presentes no local, além do patrimônio cultural material e das obras arquitetônicas encontradas.

Quando falamos em cemitérios logo associamos à lembrança, dor, luto, tristeza, saudade, mas, com o devido distanciamento afetivo, também para algumas pessoas eles são percebidos como locais de culto, adoração, misticismo e esoterismo, passando uma sensação misteriosa, de curiosidade, medo. São estes argumentos que transformam o segmento de turismo cemiterial, em uma forma renovada de atrativo

turístico e cultural nas cidades, um museu a céu aberto. Para Ismério (2013):

[...]um museu a céu aberto, repleto de significado e representações que nutrem a imaginação daqueles que o visitam. [...] os cemitérios perdem aos poucos o seu aspecto mórbido e desolador para tornarem-se um local de convivência e sociabilidade. Por guardarem os restos mortais de figuras ilustres tornam-se guardiões da cultura e da memória de seu povo.

O conceito de turismo cemiterial já é conhecido no exterior, principalmente na Europa. No Brasil, este segmento é ainda pouco usual. Os tabus envolvendo a morte, tratada com muito distanciamento, ainda impedem que algumas pessoas vejam os cemitérios como um patrimônio cultural.

Grande parte dos cemitérios de visitação foram construídos nos séculos XVI e XVII, para ser um lugar de memória e lembrança, por isso podemos observar em alguns mausoléus, a bela arquitetura e os monumentos, que remetem ao status e à vida social ou classe que a pessoa enterrada ali representava, assim se tornando uma sepultura única, sagrada e privada (QUEIROZ 2008), portanto estes cemitérios podem ser uma fonte de estímulo de construção de memórias, além de celebrar e recordar a história cultural da sociedade. Apresentando em seus interiores desde sepulturas individuais até jazigos de família e monumentos suntuosos, conforme Osman e Ribeiro (2007, p.7),

“O cemitério, nessa concepção, representa um resumo simbólico da sociedade no qual está inserido, pois é nele que se pretende perpetuar o status e o estilo de vida das diferentes camadas da sociedade, mesmo depois da morte”,

No Brasil, o turismo cemiterial teve início nos anos 90, com o surgimento de roteiros e guias para este novo segmento, mas ainda segue sendo uma aposta para o turismo “não convencional”, para obter a experiência e a satisfação. Pode se destacar que as viagens feitas no século XII, tendo como destino sepulturas, deu suporte para que surgisse o primeiro guia turístico da história, indicando e orientando os peregrinos no caminho de Santiago de Compostela/Espanha. De acordo com Del Puerto (2015, p.47):

Aymeric Picaud escreveu por volta do ano de 1140 uma espécie de guia do Caminho de Santiago, incluída no livro V do Códex Calixtinus também chamado “Liber Sancti Jacobi”, que é considerado o primeiro guia turístico da história (CAMINO DE SANTIAGO, 2014, s/p).

Em termos acadêmicos o cemitério possui uma grande potencialidade para pesquisa e educação patrimonial, um lugar de cultura e lazer que se encaixa perfeitamente como um atrativo turístico. Como parte de um acervo de memória e fonte histórica, estes cemitérios são representados por vários artistas e escultores que deixaram sua obra de arte como um lugar entre o passado e o futuro. Para Vissière (2013, s/p):

Foi no cemitério de Rouen, na França, que o tribunal eclesiástico julgou Joana d'Arc, por exemplo. Os inquisidores, embora interrogassem secretamente suas vítimas, pronunciavam sentença publicamente num estado erguido no cemitério. Mesmo os atos de direito privado, como doações, vendas e trocas, eram tornados público no cemitério. Alguns atos jurídicos chegavam a associar os mortos aos vivos: um costume disseminado na Bélgica previa que uma viúva podia se livrar de dívidas mediante uma cerimônia em que depositava no tumulo do marido “a sua cinta, as chaves e a sua bolsa”.

Ainda de acordo com Vissière, estes atos foram proibidos, pois foram considerados como atos de perturbação ao descanso dos mortos. Porém, podemos observar que esses atos com o passar dos anos, voltaram de outra forma, como atrativos turísticos; sendo os cemitérios a fonte de visitação de turistas que veem os mesmos como um grande museu a céu aberto.

Na Idade Média, os sepultamentos ocorriam no interior das igrejas, nos pisos, paredes, ou no pátio; Era obedecida uma hierarquia, alguns lugares eram privilegiados a quem possuía maior poder aquisitivo (nobres e autoridades). Os mais desfavorecidos eram sepultados em valas comuns, destinadas aos mais pobres (ARIÈS, 1977, 1981; ZIEGLER, 1977; RODRIGUES, 1997; QUEIROZ e RUGG, 2003; REIS, 2004, apud FIGUEIREDO, 2015). No início do século XX, devido a questões de políticas públicas sanitárias e de saúde, os sepultamentos passaram a ser realizados em lugares mais afastados da cidade.

Além das belas esculturas, as obras expostas nos cemitérios remetem a alguns significados para a família, pois alguns jazigos, se

forem observados, possuem figuras que demonstram um pouco dos entes queridos. Outro ponto que coloca em evidência os cemitérios são as datas de celebração, o Dia dos Finados, que no Brasil é comemorado no dia 2 de novembro. Há outras maneiras de utilização do espaço cemiterial, que são praticadas em alguns lugares do mundo, como por exemplo, o sarau à noite, festas e até cinema ao ar livre.

Quando entramos em um cemitério, verificamos e observamos que alguns possuem jazigos, jardins e mausoléus, que cada um tem uma história diferente - alguns chamam mais a atenção do que outros - ficamos curiosos, por suas obras arquitetônicas e as belas imagens que nos transmitem as histórias do local. Seja qual for a motivação que leva as pessoas aos cemitérios no mundo todo, é possível transformá-los em fonte de conhecimento, espaço de preservação patrimonial (ligado a questões de identidade e pertencimento), cultura e lazer.

CEMITÉRIOS NO BRASIL E NO MUNDO COMO ATRATIVOS TURÍSTICOS

O interesse pelo turismo nos cemitérios foi despertado nos anos 90, onde estes ficaram mais visíveis e procurados, tornando-se um atrativo turístico. Segundo Queiroz (2008) o valor apresentado na cultura, identidade e patrimônio histórico destes locais configura-os como atrativos, além das visitas nestes locais, pois não é só a arte tumular que chama atenção destes turistas, mas também a história de pessoas com destaque por suas ações feitas em vida que estão sepultadas em alguns dos cemitérios do mundo, por exemplo: presidentes,

princesas, soldados de guerra, atores, atrizes, cantores, poetas, dentre outros.

Para Ribeiro e Osman (2007, p.8) “a história da cidade e de seus habitantes se eterniza entre jazigos de mármore e granito, nas esculturas sacras e profanas, nos bustos e nos retratos”. Sendo assim, o turismo cemiterial ou de necrópole se origina da cultura, um grande elemento que é importante fonte de história, preservação de memórias, relíquias, esculturas arquitetônicas, patrimônios histórico-culturais se tornando um grande museu a céu aberto. (ISMÉRIO, 2013; ROSSI, 2007; FIGUEIREDO 2010).

De acordo com Queiroz (2008, p. 10) “os cemitérios históricos (...) são cidades em miniaturas e, também, possuem os seus centros históricos frequentemente descaracterizados por obras mais recentes ou pela alteração da própria paisagem natural”. O que nos leva acreditar que estes espaços públicos, devem ser mais preservados e conservados, pois carregam uma grande história para gerações futuras e são lugares de memórias. Os turistas também estão a procura por cemitérios onde famosos e celebridades ou grandes nomes da história estejam enterrados.

Como um dos cemitérios mais visitados, segundo Souza Nogueira (2013, p.44) o *Père Lachaise*, em Paris, foi inaugurado em 1804, por Napoleão Bonaparte, mas somente em 1817 que o cemitério começou a funcionar, pois, o povo francês se recusava a aceitar estes novos termos de sepultamento. Mas com o tempo, o cemitério foi tendo suas construções arquitetônicas, que em 1825 já estavam em cerca de 26.000. Nos dias atuais o cemitério *Père Lachaise*, abriga mais de 77 mil

sepulturas, em 44 hectares. Assim o cemitério se tornou o mais famoso no mundo, recebendo milhares de visitas ao ano. Estão sepultados cantores, escritores, músicos, compositores e outras pessoas que se tornaram referências em suas áreas (celebridades) ou ícones mundiais como Jim Morisson (vocalista da banda *The Doors*), Chopin, Balzac, Alan Kardec, Oscar Wilde, Edith Piaf, Marcel Proust, Gioachino Rossini, dentre outros nomes conhecidos. O cemitério também tem um site para melhor atender e passar informações.

Na Europa existem vários cemitérios como atrativos turísticos e que fazem parte de roteiros, por exemplo, o de Londres, onde está enterrado Karl Marx, o cemitério de *Highgate, Montatmarte* em Paris, o cemitério Dos Prazeres em Lisboa, cemitério Monumental de Milão, cemitério de *Skogskyrkogarden* em Estocolmo, dentre outros.

O cemitério de Arlington, nos Estados Unidos, tem mais 300 mil sepulturas, sendo um lugar mais simbólico, pois lá estão sepultados os mortos em guerra do passado e do presente, além de grandes líderes do país como o presidente John Kennedy e sua família.

Na Argentina o mais visitado e o cemitério da La Recoleta, sendo também um grande exemplo de roteiro de turismo cultural, foi inaugurado em 1822 por dois arquitetos em terras onde antes era um convento de freis, tornando-se muito importante para o povo argentino, através de um decreto em 1946, foi declarado Museu Histórico Nacional. Podem-se observar na entrada do cemitério informações importantes aos turistas e visitantes, sobre a importância da conservação e preservação do lugar e das obras de arte ali encontradas e, também, sobre o programa de

Conservação e Restauração de Monumentos de Obras de Arte, apoiado pelo ministério da Cultura. O Cemitério da Recoleta também possui um site para visitas e informações sobre ele (<https://turismo.buenosaires.gov.ar/es/atractivo/cementerio-de-la-recoleta>).

Em La Recoleta encontra-se o túmulo de Eva Perón (importante ícone e imagem política para os argentinos), sendo o mais visitado da América Latina, além das sepulturas de vários militares, políticos e escritores. (BORGES 2003; CASTRO 2008 apud DE SOUZA NOGUEIRA, 2013p.46).

Já o *Hollywood Memorial Park Cemetery*, foi construído em 1899, sendo um cemitério conhecido pelo grande número de sepulturas de pessoas que trabalharam no ramo cinematográfico, como artistas, músicos, gângsteres, dentre outros, assim se tornando uma referência; ele desenvolve eventos de música e exibição de longas metragens, também é fonte para grandes filmes, a comunidade tem uma ligação muito forte nestes eventos; também possui um site (<https://www.hollywoodmemorialpark.com>), bem elaborado que comporta toda a agenda, fotos, dentre outros materiais. Neste local há uma interação entre o turismo de lazer com o turismo cemiterial e *Dark Tourism*, proporcionando no verão um atrativo ainda mais diferenciado no grande jardim (VAZ, 2014).

Segundo algumas campanhas publicitárias de divulgação o “cemitério mais feliz do mundo” é o *Merry Cemetery – Săpânta*, Romênia. Pois as lápides são alegres e coloridas, se tornando um cemitério

diferente dos outros, assim chamando a atenção dos turistas por seus epitáfios, e as mensagens bem-humoradas escritas em primeira pessoa.

Como podemos observar, existem vários estilos de cemitérios para a demanda destes turistas, que buscam conhecimento, cultura e lazer de diferentes formas. No Brasil, como todo novo segmento, ainda é incipientemente explorado, segundo Osman e Ribeiro (2007, p.12) “as experiências (...) ainda patinam nas propostas, ‘derrapam’ em sua consolidação e são freadas pelo descompasso das sucessivas administrações municipais”. O que falta no Brasil é um olhar a mais para este segmento novo no mercado, com o apoio do poder público e privado.

Entretanto algumas cidades, já estão se adaptando e olhando esse novo segmento como um atrativo turístico, é o caso de algumas que serão citadas a seguir: em São Paulo, há o Cemitério da Consolação, que é o mais antigo da cidade, inaugurado em 1858, e, também, o que mais reúne jazigos de figuras conhecidas entre elas, Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, dentre outros. Este cemitério tem visitas guiadas durante alguns dias da semana.

Transformar o cemitério em ponto turístico foi ideia do projeto Arte Tumular, idealizado pelo Serviço do Município de São Paulo, que tinha como objetivo mostrar para os paulistanos os cemitérios mais antigos de sua capital, a prefeitura também colabora com este roteiro do cemitério, através do site que possui muitas informações importantes sobre o cemitério e, também, da administração que distribui folhetos

para visitantes que buscam por uma visitação não guiada (DE SOUZA NOGUEIRA, 2013 p.49).

Também em São Paulo, outro cemitério que chama atenção dos turistas é o Cemitério Morumbi, fundado no ano de 1968, no bairro nobre de São Paulo, é um atrativo diferenciado, pois é o primeiro cemitério considerado parque na América do Sul. Lá se encontram as sepulturas de várias celebridades como Elis Regina, Ayrton Senna, Clodovil Hernandes, dentre outros.

No Rio de Janeiro há o Cemitério São João Batista, em Botafogo, que fica localizado na zona sul, foi inaugurado em 1852 por D. Pedro II. É o primeiro da América Latina a ser mapeado pelo *Google Street View* (plataforma que permite o acesso pela internet para caminhar virtualmente entre os jazigos do cemitério). Um lugar que reúne túmulos de artistas, políticos e cantores como Cazuzza, Carmen Miranda e Tom Jobim, além do inventor Santos Dumont, como também guarda os restos mortais de sete presidentes. Além da beleza da arte tumular com mosaicos e vitrais que decoram os jazigos, há a diferente estrutura arquitetônica ali presente.

Já na região sul do Brasil há vários cemitérios que se destacam com o seu patrimônio histórico e cultural, como em Curitiba, capital do Paraná, o cemitério São Francisco de Paula, fundado em 1855; ainda inacabado, registrou onze sepultamentos. Ali encontram-se sepulturas de pessoas importantes para a cidade como políticos, revolucionários e historiadores como Romário Martins, Maria Bueno, o Barão do Serro Azul e o Padre Agostinho Machado de Lima.

No estado do Rio Grande do Sul existem alguns cemitérios em destaque tais como o Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, inaugurado em 1850, localizado na capital gaúcha no bairro Azenha, um lugar que conta uma versão da história dos gaúchos e da Revolução Farroupilha, onde ao entrarmos conseguimos vivenciar uma volta ao passado, neste local encontram-se sepulturas de pessoas que fizeram o estado importante como o político e jornalista Júlio de Castilhos, O Conde de Porto Alegre Manuel Marques de Sousa, o cantor e compositor Teixeira, o artista plástico Iberê Camargo, além das belas obras de artes ali presentes, que o transformam em um conjunto de peças de um museu a céu aberto.

Outro cemitério de destaque é o da cidade de Bagé, o Cemitério da Santa Casa de Caridade, fundado em 1858, onde ocorre o projeto cultural Sarau Noturno, que nasceu do Projeto História sob Olhar da Arte Cemiterial. Segundo Ismério (2013, p.2), “Cada cemitério é um museu que possibilita resgatar a história das famílias tradicionais, a mobilidade social e sua mentalidade, fruto da importância política e da opulência econômica das cidades”.

Assim, o cemitério, através de seus jazigos, túmulos e mausoléus, é uma instituição cultural. Ainda conforme Ismério (2016), o projeto de pesquisa cemiterial em Bagé, proporcionou à cidade um pouco mais de conhecimento sobre a história da cidade, sobre personagens da literatura romântica, assim ampliando o encontro da comunidade durante seus anos de atuação entre 2008 até 2015. Propiciou aos bageenses contato

com o patrimônio cultural, formas alternativas de educação patrimonial e instruiu da arte tumular contada através de histórias e representações

SANTA MARIA E SUAS POSSIBILIDADES TURÍSTICAS

O município de Santa Maria possui 261.031 habitantes, segundo o IBGE (2016). Destaca-se por ser no Brasil o segundo contingente militar, e é conhecida nacionalmente por ter a primeira Universidade Federal no interior do país, além de uma grande oferta de instituições de ensino superior que a levou a ser chamada de cidade universitária ou cidade cultura.

Em levantamento realizado para esta pesquisa, constatou-se que Santa Maria possui 12 cemitérios, três foram selecionados para a elaboração da proposta de roteiro; o critério de seleção se deve aos seguintes fatores: localização, acessibilidade, tamanho, número de sepulturas, os atrativos, mausoléus, atração de devotos, obras arquitetônicas e os atrativos naturais.

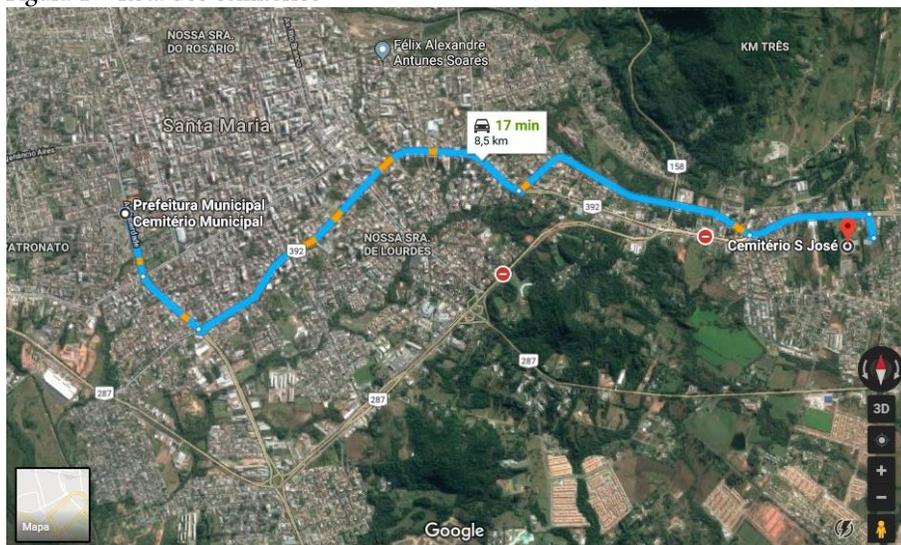
A sugestão de roteiro é constituída pelos seguintes cemitérios: Cemitério Ecumênico, Cemitério Parque Jardim Santa Rita e o Cemitério São José. Os cemitérios são considerados como lugar onde enterram os mortos, mas como vimos anteriormente, através do Turismo Cemiterial, também podem ser lugares com roteiros turísticos através de seu maior atrativo, grandes museu a céu aberto, através de sua história, memória e patrimônio cultural, os cemitérios proporcionam conhecimento, riqueza e curiosidade em suas obras arquitetônicas, dos epitáfios, dos símbolos encontrados nos túmulos e nas placas dos jardins que transmitem seus

significados, além de proporcionar informações sobre a história da cidade, preservação e conservação do mesmo.

Sugestão de roteiro

O roteiro de Turismo Cemiterial em Santa Maria será apresentado com três itinerários, levando em conta a localização dos cemitérios e os atrativos que possam ser alvo de interesse dos turistas. A visita será guiada em horários alternativos, onde o profissional da área transmitirá o conhecimento, e a importância da memória, preservação e a conservação destes espaços.

Figura 1 – Rota dos cemitérios



Fonte: Google. 2017.

A rota “Museu a Céu Aberto: Locais de Memória e Lazer” foi pensada para se tornar uma possibilidade de atrativo turístico na cidade de Santa Maria, devido à diversidade de cultura na cidade.

O Cemitério Municipal (Ecumênico) de Santa Maria, localizado na Av. Dois de novembro, 54, bairro Patronato, é um dos mais importantes do interior, contém valiosas obras dos séculos XIX e XX, além do contexto cultural e da fonte de história para preservação da memória familiar, coletiva e militar. A construção do cemitério teve início nos anos de 1860, por descendentes alemães, que conseguiram um terreno de aproximadamente dois mil metros quadrados, para instalar ali o cemitério evangélico no primeiro momento, anos mais tarde conseguiram a aprovação do poder público (Prefeitura e Câmara de Vereadores), assim os sepultamentos, não eram mais realizados na capela e sim nesta nova área. Mas com o passar dos anos, segundo Brenner, 2006 [...] a Câmara resolveu construir o “cemitério extramuros desta Vila”, isto é, em um lugar afastado do centro urbano, solicitando auxílio financeiro ao Governo Provincial. Por coerência, o local escolhido foi junto e ao sul da área destinada ao cemitério evangélico. Assim estes cemitérios ficaram durante longos anos lado a lado. O cemitério tem aproximadamente 150 mil pessoas enterradas, além de ter 1.600 ossarias, 3.500 carneiras e 13.700 túmulos.

O Cemitério Municipal também é um lugar de manifestações religiosas, crenças, rituais e mitos. Algumas pessoas fazem promessas em alguns jazigos como o da "Mariazinha", apelido carinhoso que os devotos de Santa Maria e região deram a Maria Zaira Cordova Penna, uma jovem que morreu antes de seus vinte anos de idade, em decorrência de um câncer nos ossos e fêmur, posteriormente sendo considerada santa em virtude de sua história, devido ao fato de que

mesmo doente se manteve com fé e alegre, atualmente seu túmulo é um dos mais visitados no dia dos finados, gerando filas para que as pessoas possam agradecer e rezar por suas graças alcançadas, mas além deste dia, toda a semana há visitas ao túmulo desta moça.

Já o Cemitério Parque Jardim Santa Rita, localizado na Av. Prefeito Evandro Behr, 2833 - Camobi, Santa Maria/RS, tem uma proposta diferente, possui um jardim, e as sepulturas são representadas por lápides diretas no chão. Tendo uma grande possibilidade de atrativo turístico, a proposta de projeto neste cemitério seria a de desenvolver eventos de música e exibição de cinema e audiovisuais ao ar livre e criar eventos de socialização, como piqueniques, algo frequente em países como os Estados Unidos, dentre outros. Assim a preservação e a interação da comunidade local se tornarão um entrelaçamento de turismo cemiterial com o turismo de lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi demonstrado neste estudo, o *Dark Tourism* e o Turismo Cemiterial estão em constante expansão no mundo. Temos como exemplos os países Europeus, que acrescentaram aos cemitérios um roteiro turístico, já no Brasil estes segmentos estão começando a se tornar atrativos, transmitindo toda memória e história cultural das cidades.

É possível entrelaçar a discussão dos cemitérios como patrimônio a uma oferta de atrativo turístico, através de roteiro e do espaço de culto e homenagem, neste sentido este tema é pouco

divulgado e a sociedade ainda não reconhece os cemitérios como verdadeiras obras de arte com seu valor histórico e cultural. Observando-se essa falta de informação, realizou-se esse estudo, tendo como metodologia uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de que a sociedade tenha o conhecimento, e que a curiosidade seja despertada para a história da cidade.

Para fomentar o *Dark Tourism* e o Turismo Cemiterial, foi elaborada uma sugestão de roteiro turístico para Santa Maria, intitulado como “Museu a Céu Aberto: Locais de Memória e Lazer”, com o interesse de conservar e preservar a história da cidade ao longo dos séculos, pensando em como o turismo cemiterial e o *Dark Tourism* podem gerar benefícios para toda a comunidade local e acadêmica. As obras de arte e o valor arquitetônico existentes nas necrópoles e nos jardins, juntamente com a dor da morte, perda e tristeza fazem com que os cemitérios da cidade se encaixem como possíveis atrativos turísticos.

Em Santa Maria este tema é pouco explorado, a própria falta de informações dos órgãos responsáveis demonstra a marginalidade dos cemitérios. Com esta proposta de roteiro, a comunidade terá mais conhecimento sobre estes locais, de forma que não prevaleça o preconceito, mas sim o interesse de preservar e conservar a história e a memória destes locais como patrimônios, e bens culturais. Além da contribuição para fins acadêmicos com interesse no turismo cemiterial e o *Dark Tourism*.

Dessa forma, esse estudo tem como foco demonstrar que esse roteiro pode ser planejado, organizado e estruturado para ser executado,

com o apoio dos órgãos públicos e privados e através de parcerias, honrando assim o título de “Cidade Cultura”, pelo qual a cidade é conhecida, atraindo visitantes para a cidade e assim quebrando a rotina dos turistas, tornando-se também uma ação que facilitaria lidar com a morte atualmente.

REFERÊNCIAS

- BRENNER, José. **Brenner de Santa Maria**, 2013. Disponível em: <http://brennerdesantamaria.blogspot.com.br/search?q=lapidar>. Acesso em: nov. de 2017
- DE SOUZA NOGUEIRA, Renata. **Quando um cemitério é patrimônio cultural**. 2013. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss321.pdf>. Acesso em: 18 nov. de 2017.
- DEL PUERTO, Charlene, BAPTISTA, Maria. **Espaço cemiterial e Turismo: campo de ambivalência da vida e morte**. RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo, v. 5, n. 1, p. 42-53, 2015. Disponível em: <http://www.progep.ufal.br/seer/index.php/ritur/article/view/1611> Acesso em: 18 nov.de 2017.
- FERREIRA, Karolina. **Turismo macabro: uma possibilidade na Fortaleza de Santa Cruz, Niterói-RJ**. UFF, 2016. Disponível em: <http://repositorio.uff.br/jspui/handle/1/1356>. Acesso em: 18 de nov. 2017.
- FIGUEIREDO, Olga. **Turismo e lazer em cemitérios: algumas considerações**. CULTUR-Revista de Cultura e Turismo, v. 9, n. 1, p. 125-142, 2015. Disponível em: <http://200.128.65.47/index.php/cultur/article/view/558>. Acesso em: nov. de 2017.
- FONSECA, Ana, SILVA, Carla. **Motivações de procura do darktourism como uma forma alternativa de turismo**. Revista Turismo & Desenvolvimento, v. 5, n. 21, p. 173-175, 2014.
- FONSECA, Ana. **Projeto de DarkTourism para a cidade de Viseu**. 2015. Tese de Doutorado, Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viseu. Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2002. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2001**. Rio de Janeiro: IBGE. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1998.
- ISMÉRIO, Clarisse, PIMENTA, Marcelo. **Metáforas e representações na cidade dos mortos**. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/2011/anais2008/doc%20\(16\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/2011/anais2008/doc%20(16).pdf). Acesso em: 18 de nov. 2017.
- ISMÉRIO, Clarisse. **Educação patrimonial: promovendo o desenvolvimento regional a partir do patrimônio cultural**. Ágora, v. 17, n. 2, p. 24-31, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/6589>. Acesso em: nov. 2017.
- ISMÉRIO, Clarisse. **Projeto Cultural Sarau Noturno**, 2016. Disponível em: <http://trabalhos.congrega.urcamp.edu.br/index.php/mpce/article/view/761> Acesso em: nov. de 2017

ISMÉRIO, Clarisse. **Preservando o Patrimônio Cultural dos cemitérios: estudo sobre os cemitérios de Porto Alegre e Bagé.** Revista Memória em Rede, v. 5, n. 8, p. 1-15, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9464/6216>. Acesso em: nov. 2017.

ISMÉRIO, Clarisse. **Projeto Cultural Sarau Noturno.** Revista de Projetos Comunitários e Extensão-Congrega Urcamp, v. 1, 2016. Disponível em: <http://trabalhos.congrega.urcamp.edu.br/index.php/mpce/article/view/761>. Acesso em: nov. 2017.

LIGUORI, Fernanda. **O turismo obscuro e patrimônio edificado.** Disponível em: http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502235151_ARQUIVO_Oturis moobscuroepatrimonioedificado.pdf. Acesso em: 18 de nov. de 2017.

MONTEIRO, Jaqueline. **A morte e suas representações na sociedade: a arte em desvelar o Cemitério São João Batista/RJ como atrativo turístico.** Tese de Doutorado. Fundação Getúlio Vargas, 2017. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/18259>. Acesso em: 18 de nov. de 2017.

OSMAN, Samira Adel; RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira. Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo. Licere, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 1-15, 2007.

QUEIROZ, Francisco. **Os cemitérios históricos e seu potencial turístico em Portugal, In: Anuario21 Graus n.1,** 2008. Disponível em: <http://www.21gramas.com> Acesso em: nov. 2017

VAZ, Mariana. **O som do silêncio os cemitérios como territórios acústicos.** Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/12/Mariana-Telles-dUtra-Vaz.pdf>. Acesso em: nov.de 2017.

ORGANIZADORES

BRAMBILLA, Adriana



Graduada em Administração de Empresas pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado -SP), Mestre em Administração pela UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e Doutora pelas Universidades de Aveiro e do Minho (Portugal). Professora do Departamento de Turismo e Hotelaria da UFPB, coordenadora do GCET-Grupo de Cultura e Estudos em Turismo e colaboradora do Grupo de Pesquisa CLLC da Universidade de Aveiro (Portugal).

VANZELLA, Elídio



Doutor em modelos de decisão em saúde (Estatística) pela UFPB, mestrado em modelos de decisão em saúde, especialista em gestão de pessoas e graduado em administração. Professor na Unifuturo, orientador para o Programa de Mestrado em Educação da Florida Christian University nos EUA e em 2018 aderiu ao Education Without Borders Program como “Professor Sem Fronteiras”. Pesquisador do GCET-Grupo de Cultura e Estudos em Turismo (base CNPq). e-mail: evanzella@yahoo.com.br

FELIPE GOMES DO NASCIMENTO



Doutorando em turismo na UFRN; Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Paraíba (PRODEMA-UFPB) e Bacharel em Hotelaria pela mesma instituição. Atualmente é Pesquisador do GCET - Grupo de Cultura e Estudos em Turismo (Diretório do CNPQ) e atua em pesquisas nas temáticas: Acessibilidade e Sustentabilidade nas atividades Turísticas e Hoteleiras;

AUTORES

BRAMBILLA, Adriana

Graduada em Administração de Empresas pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado -SP), Mestre em Administração pela UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e Doutora pelas Universidades de Aveiro e do Minho (Portugal). Professora do Departamento de Turismo e Hotelaria da UFPB, coordenadora do GCET-Grupo de Cultura e Estudos em Turismo e colaboradora do Grupo de Pesquisa CLLC da Universidade de Aveiro (Portugal).

COELHO-COSTA, Ewerton Reubens

Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará; Mestre em Gestão de Negócios Turísticos - UECE; Graduado em Gestão do Turismo (IFCE); Especialização em Gestão Pública (UNILAB) Curso de Aperfeiçoamento em Projetos Sociais - CETREDE; Curso de Regionalização do Turismo e Curso de Formação para Gestores das Políticas Públicas do Turismo (2009), ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Atuou como Professor horista do MBA em Hotelaria e Eventos Turísticos do Instituto Ateneu; Membro do Grupo de Pesquisa Gestão do Turismo e da Hospitalidade nos Territórios (IFCE); Membro da Red Española de História y Arqueología - REHA. Tem se dedicado com ênfase nas pesquisas de segmentação de mercado e nos Estudos Culturais, atuando principalmente nos seguintes temas: Estudos Culturais - com foco na Gastronomia, Gestão do Turismo, Gestão do Luxo, Gestão de A&B (alimentos e bebidas), Cultura Gastronômica, Turismo Gastronômico e Enogastronômico, Indicações Geográficas Brasileiras, Patrimônio Gastronômico e Cozinhas Patrimoniais e Gastrodiplomacia.

CUNHA LIMA, Felipe Borborema

Graduação em Farmácia Bioquímica pela Universidade Estadual da Paraíba (1995), graduação em Turismo pelo Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento (2006), Mestrado e Doutorado em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí, com estágio em Portugal na Universidade do Algarve (UAlg). Professor Colaborador e pesquisador PNPd/CAPES no Mestrado Acadêmico em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS) da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) com estudos vinculados a Rede Unitwin, Cátedra Patrimônio, Turismo e Desenvolvimento da UNESCO. Atua principalmente com projetos turísticos não tradicionais (agroturismo, comunitário, de experiência e criativo) com ênfase nas redes, organizações e arranjos produtivos que promovem o desenvolvimento local e humano com base nos patrimônios, tradições e saberes-fazer. Além de experiência nas áreas relacionadas ao Turismo Cultural, Cineturismo e Discurso Midiático. É membro do Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença da UNIVILLE e do Grupo de Pesquisa Planejamento e Gestão: Interface Turismo, Espaço e Sociedade [TES] da UNIVALI

DOCKHORN, GilvanVeiga

Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Maria (1996), mestre em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999), doutor em História das Sociedades Ibero Americanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004). Desenvolveu pesquisa de pós doutoramento junto ao Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, Portugal (2013-2015). Investigador integrado do Grupo 1 - História e Memória do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra. Membro do Conselho Científico da Rede Internacional de Estudos dos Fascismos, Autoritarismos, Totalitarismos e Transições para Democracia (REFAT). Professor Associado da Universidade Federal de Santa Maria lotado no Departamento de Turismo, Centro de Ciências Sociais e Humanas. Professor do Núcleo Permanente do Programa de Pós Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

ENDRES, Ana Valéria

Graduada em Turismo pela Universidade Federal do Pará – UFPA (1994), Especialista em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA/UFPA (1996), Especialista em Ecoturismo pelo Núcleo de Meio Ambiente – NUMA/UFPA (1997), Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo NAEA/UFPA (1999) e Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Atualmente é professora adjunta do Curso de Turismo da Universidade Federal da Paraíba – UFPB e líder do Grupo de Pesquisa do CNPq “Desenvolvimento, planejamento e turismo”. Desenvolve pesquisas em turismo com ênfase em Planejamento e Políticas Públicas de Turismo

EVANGELISTA, Gabriela Patrício Diniz

Bacharel em Hotelaria pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Pesquisadora do GCET - Grupo de Cultura e Estudos em Turismo (Diretório do CNPQ), e desenvolve pesquisa na área de turismo e hotelaria com foco na acessibilidade para pessoa com deficiência e terceira idade. Aluna no MBA em Turismo, Hotelaria e Eventos

FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987), especialização em História da Arte e Arquitetura pela PUC RJ (1998), concluiu o mestrado e o doutorado em Urbanismo no Prourb/FAU/UFRJ. Foi pesquisador de Pós-Doutorado do Prourb/FAU/UFRJ, tendo sido bolsista PNPd/CAPES entre outubro de 2013 e agosto de 2014. Foi Professor Substituto na FAU/UFRJ em 2012 e 2013. A partir de agosto de 2014 é Professor Adjunto do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente DPUR FAU UFRJ. Atualmente é Chefe do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente DPUR da FAU UFRJ. Pesquisador do Prourb/FAU UFRJ a partir de 2014 e Docente colaborador a partir de 2020, com pesquisa no LAURBAM.

FERREIRA, Josafá da Franca

Graduando em Turismo pela Universidade Federal da Paraíba

FREITAS, Ranieryson Viana

Graduado em Marketing Estratégico Sequencial pelo Instituto Paraibano de Ensino Renovado (2009-2011) Graduando do Curso de Turismo da Universidade Federal da Paraíba - (início - 2015) Pertence ao grupo de Pesquisa Desenvolvimento, Planejamento e Turismo do CNPq. Bolsista do Programa de Iniciação Científica 20016/2017

KIYOTANI, Ilana

Professora Adjunta do Bacharelado em Turismo da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Turismo pelo Programa de Pós-graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2019). Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (2011), Especialista em Análise Ambiental pela Universidade Federal do Paraná (2008) e Bacharel em Turismo pela Universidade Federal da Paraíba (2006). Pesquisadora no Grupo Cidades Litorâneas e Turismo - CILITUR/CNPq. Atua principalmente nos seguintes temas: Hospitalidade; Turismo e relações socioambientais, Urbanização turística e paisagem.

LACERDA, Paulo Henrique Ferreira

Ensino Médio completo na Escola de Referência em Ensino Médio Maria Cavalcanti Nunes, com mobilidade internacional na Exploits Valley High (GFW/NFL/Canadá). Graduando do 7º período do Bacharelado em Turismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente, bolsista no Projeto de Extensão Pedagogia Urbana, membro estudante dos grupos de pesquisa: Desenvolvimento, Planejamento e Turismo (CNPq) e do INCT Observatório das Metrôpoles- Núcleo Paraíba (CNPq). Tem interesse nas áreas de Planejamento e Gestão do Turismo, Políticas Públicas de Turismo, Governança Turística, Participação Social, Análise de Redes Sociais (ARS), e Mobilidade Urbana.

MEES, Luiz Alexandre Lellis

Bacharel em Turismo (FACTUR, 1994). Bacharel em Comunicação Social (UFES, 1997). Especialista em Comunicação e Imagem (PUC/Rio, 2000). Especialista em História do Brasil (UFF, 2001). Mestre em História Social da Cultura (PUC/Rio, 2002). Doutor em Antropologia (UFF, 2017). Professor no Departamento de Turismo e Patrimônio (UNIRIO). Pesquisador-visitante nas Universidades Colegio Mayor de Antioquia (ColMayor) e Universidad de Antioquia (UdeA), cidade de Medellín, Colômbia. Pesquisa sobre: Turismo em bairros populares e favelas cariocas; Produção material ligada ao turismo; Imagens e representações de destinos turísticos; História, viagens e turismo; Práticas de turismo na América Latina; Roteiros e guias turísticos.

NASCIMENTO, Felipe Gomes

Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Paraíba (PRODEMA-UFPB) e Bacharel em Hotelaria pela mesma instituição. Atualmente é Pesquisador do GCET - Grupo de Cultura e Estudos em Turismo (Diretório do CNPQ) e atua em pesquisas nas temáticas: Acessibilidade, gestão e sustentabilidade nas atividades Turísticas e Hoteleiras;

NASCIMENTO, Francisco Elionardo de Melo

Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (atualmente); Mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (2018); Especialista em Educação a Distância pela Universidade Federal do Ceará (2016); Bacharel em Serviço Social pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada (2015); Tecnólogo em Gestão da Produção Industrial pelo Centro Universitário Internacional (2013). Pesquisa processo de ensino e aprendizagem na Educação a Distância e relações grupais no Sistema Prisional do Ceará com as seguintes abordagens: trabalho prisional, facções; relações de poder; fronteiras; sociabilidades; ressocialização, violência, gênero, sexualidade e trajetórias de travestis aprisionadas.

PEREIRA, Tércio

Graduação em Administração com ênfase em Recursos Humanos pela Universidade do Vale do Itajaí (2011); Pós-Graduação em Gestão Estratégicas de Vendas e Varejo pela Universidade do Vale do Itajaí (2014); Especialização em Marketing Criativo pela Universidade do Vale do Itajaí (conclusão em 2019); Mestrado em Turismo e Hotelaria (UNIVALI). Atualmente cursando Doutorado em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí. Vice-Presidente da Câmara de Lojista de Camboriú; membro do Conselho de Educação de Camboriú; Presidente do COMTUR (conselho de turismo de Camboriú); Membro do IGR (Instância de Governança Regional CONVEMAR).

SANTOS, Mike dos

Graduado em Economia Internacional pela Georg-August-Universität em Gotinga (Alemanha), Mestre em Marketing pela mesma instituição, Doutor em Teologia pela Rheinische Friedrich-Wilhelms Universität em Bona (Alemanha), atualmente graduando em Hotelaria pela Universidade Federal da Paraíba e em Licenciatura do Turismo no Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto.

SILVA, Filipe Jordan do Nascimento

Graduando em Hotelaria pela Universidade Federal da Paraíba.

SOUZA, Shirley Nara Moreira de

Mestranda em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Tecnóloga em Gestão de Turismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Gerente de governança no setor hoteleiro, na empresa Hotel Appel. Possui curso de Liderança (Dele Carnigie), Gestão de Pessoas e Eneagrama da Personalidade.

VANZELLA, Elídio

Doutor em modelos de decisão em saúde (Estatística) pela UFPB, mestrado em modelos de decisão em saúde, especialista em gestão de pessoas e graduado em administração. Professor na Unifuturo, orientador para o Programa de Mestrado em Educação da Florida Christian University nos EUA e em 2018 aderiu ao Education Without Borders Program como “Professor Sem Fronteiras”. Pesquisador do GCET-Grupo de Cultura e Estudos em Turismo (base CNPq). e-mail: evanzella@yahoo.com.br

Nota dos organizadores

O serviço de revisão dos manuscritos coube aos autores dos capítulos. As informações e opiniões contidas nos capítulos não refletem necessariamente a visão dos organizadores e são de responsabilidade de seus autores. Os organizadores esclarecem que a citação total e/ou parcial dos textos contidos na obra deve ser feita de acordo com as normas científicas.



O **GCET – Grupo de Cultura e Estudos em Turismo**, ligado ao Departamento de Turismo e Hotelaria (DTH) do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), faz parte da UFPB-Universidade Federal da Paraíba, e do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Tem o intuito de apresentar temáticas plurais, com foco nas questões de interesse acadêmico e empresarial, contribuindo para uma melhor compreensão do Turismo e da Hotelaria, no contexto do patrimônio cultural, impactos socioculturais, econômicos e ambientais, acessibilidade, marketing, terceira idade, relações interculturais e comportamento do turista.

Acompanhe o GCET pelas redes sociais

Instagram: @GCET

Facebook: @GrupoGcet

YouTube: GCET OFICIAL

Academia.edu: GCET UFPB

Blog GCET: gculturaeturismo.blogspot.com

Para conhecer as outras publicações *open access* acesse nosso catálogo pelo linktree:

Linktr.ee/grupogcet

Livros da Série **Turismo & Hotelaria** organizados pelo GCET, podem acessar o site da editora CCTA:

<http://plone.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/hotelaria> ou o link <https://independent.academia.edu/GCETUFPB/Books>.

Estamos à disposição também através do whatsapp: 55 8386381266 ou das nossas redes sociais. Se desejar, nos envie whatsapp e encaminharemos nosso cartão digital.



